

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

CLÁUDIA REGINA TAVARES CARDOSO

**A CONTRIBUIÇÃO DA REVISTA DIÁLOGO PARA A
FORMAÇÃO DO PROFESSOR-LEITOR DO ENSINO RELIGIOSO**

**CURITIBA
2007**

CLÁUDIA REGINA TAVARES CARDOSO

**A CONTRIBUIÇÃO DA REVISTA DIÁLOGO PARA A
FORMAÇÃO DO PROFESSOR-LEITOR DO ENSINO RELIGIOSO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Rogério
Azevedo Junqueira

**CURITIBA
2007**

CLÁUDIA REGINA TAVARES CARDOSO

**A CONTRIBUIÇÃO DA REVISTA DIÁLOGO PARA A
FORMAÇÃO DO PROFESSOR-LEITOR DO ENSINO RELIGIOSO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Gláucia da Silva Brito
Universidade Federal do Paraná

Prof^a. Dr^a. Rosa Lydia Teixeira Corrêa
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof. Dr. Sérgio Rogério Azevedo Junqueira
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Curitiba, ____ de _____ de 2007.

A Ele, que me faz crer na existência
digna e justa e que é o meu bem Maior – Deus.

A minha mamãe, uma mulher guerreira,
que sempre me incentivou
a alcançar novos vãos.

A eles dedico esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Poder agradecer a alguém é muito gratificante. É sinal que algo foi construído em equipe e com total interdependência. Assim me sinto em relação a esta dissertação de mestrado.

Se pude fazer é porque uma equipe de mestres dedicaram seu tempo ensinando-me e em maior período, orientando-me. Obrigada, a todos os docentes da PUCPR, que ministraram aulas no Mestrado (*Strictu Sensu*) em Educação – Turma 2005. Em especial, ao orientador, professor-doutor Sérgio Rogério Azevedo Junqueira, de quem obtive muito mais que uma orientação. Foi um verdadeiro mestre e amigo. Obrigada!

Agradeço a equipe profissional da qual faço parte. Os colegas que no dia-a-dia entenderam a minha ausência, que se interessaram pelos “meus progressos” neste trabalho e, em especial, aos que abriram as portas do “universo acadêmico” e do “mundo da pesquisa”. Obrigada!

A equipe de amigos “mais chegados que irmãos”, pelos desencontros dos “sábados à noite”, por entenderem meus desafios e sonharem comigo. Aqui cabe um muito obrigada a Barbara Raquel do Prado Gimenez Corrêa, grande incentivadora e responsável por eu cursar o mestrado. A Eliud Aquino, mais que uma revisora de texto, uma amiga. Cláudia Regina Kluck, que me ensinou a apreciar os dados e informações, mais do que simplesmente analisá-los. Ao Kelly Ray Adkins e Bartolomeu Marques Peixoto pelo apoio na “língua estrangeira”. Muito obrigada!

Muito obrigada a minha família, a qual fui ricamente agraciada por Deus. Eles que abriram mão do meu convívio, quando passei horas e horas nas leituras e a frente do microcomputador.

E por último, mas não menos importante, a Deus que me colocou no caminho de todas essas pessoas. Que me desafiou a acreditar que era capacitada intelectualmente e, principalmente, capaz de assumir tamanho compromisso financeiro. A Ele sou eternamente grata. Muito obrigada!

“No caminho da sabedoria te ensino,
e pelas carreiras direitas te faço
andar. Quando andares, não se
embaraçarão os teus passos quando
correres, não tropeçarás. Apega-te à
instrução, e não a largues; guarda-a,
pois ela é a tua vida”.

Provérbios de Salomão

RESUMO

Esta pesquisa considerou a contribuição da Revista Diálogo, mídia impressa, editada pelo Grupo Paulinas, para a formação do professor-leitor do Ensino Religioso, durante o período de 1995 até o ano de 2005. Estes docentes serviram-se deste instrumento formador, para a compreensão do ensino e fenômeno religioso. Procurou-se identificar as percepções de professores sobre o Ensino Religioso, a partir da Revista Diálogo, pela ótica da teoria do receptor-leitor. A importância do tema se dá em vista da inserção do Ensino Religioso, como área de conhecimento (1998), antecedido pela revisão do Artigo 33, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1997), que reforçou o Ensino Religioso como disciplina curricular e área de conhecimento a ser ensinada nas escolas públicas do Ensino Fundamental. Considerados o objeto do estudo e o conteúdo a ser analisado, metodologicamente foi encaminhado por meio da pesquisa qualitativa, com abordagem fenomenológica, sendo sua modalidade a Análise de Conteúdo. Além disso, houve apoio teórico em Figueiredo, Junqueira, Garcia, Masetto, Nóvoa e Zabalza. Embasando a teoria da recepção, com ênfase no leitor-professor e a função da linguagem na mensagem da Revista foram consultados: Bordenave, Chalhub, Chartier, Martín-Barbero, Mattelart, Melo, Sousa, entre outros. Um dos pontos relevantes encontrados por meio da pesquisa foi a utilização, por parte dos professores-leitores-receptores da Revista para a continuidade da formação profissional. Foi demonstrado que a Diálogo auxilia no aprofundamento e na atualização sobre o fenômeno religioso, orientando e ampliando o conhecimento dos leitores. Além disso, participou e auxiliou no processo dos docentes-leitores para a reflexão, debate e embasamento sobre essa área do conhecimento. Portanto, no ponto de vista do professor-leitor, a Revista Diálogo contribuiu para a formação continuada do docente do Ensino Religioso. Esse leitor-professor encontra-se no processo dinâmico pela busca da formação continuada e permanente. Na presente reflexão foi possível identificar que 100% dos entrevistados apontaram para a necessidade premente de formação e sua continuidade. Assegurando uma atuação ligada aos valores que almeja perpetrar o Ensino Religioso, a saber: a manifestação do Transcendente nas escolas. Os professores exercem um papel decisivo neste processo: o como fazer está intimamente ligado a sua formação como educadores e no que acreditam. O Ensino Religioso encontra espaço para levar o aluno a refletir sobre o sentido da vida e assumir um compromisso responsável de transformação da realidade segundo os valores religiosos, por meio de escolhas livres e coerentes.

Palavras-chave: Educação. Ensino Religioso. Formação de Professores. Comunicação. Leitores-receptores.

ABSTRACT

This research considered the contribution of Revista Diálogo magazine, press media, edited and published by Grupo Paulinas, for the formation of the Religious Teaching teacher-reader, spanning the years from 1995 to 2005. These teachers used this building instrument, for the understanding of the religious phenomenon and its teaching. The aim was to identify the teacher's perceptions about Religious Teaching from the Revista Diálogo perspectives, through the theoretical reader-receiver's focus. The importance of this theme (matter, subject) is due to the adoption of Religious Teaching as a field of knowledge (1998) preceded by the review of the article 33, of the Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1997), which reinforced Religious Teaching as a curricular subject, as well as a field of knowledge, to be taught in Public Schools of Fundamental Teaching. Taken into account was the study object and the content to be analyzed, methodically conducted through qualitative research, with the phenomenal approach, its modality being the Content Analysis. In addition, there was theoretical grounding laid by Figueiredo, Junqueira, Garcia, Masetto, Nóvoa and Zabalza. Providing the basis for the reception theory, with emphasis on the teacher-reader and the role of the language in the message conveyed by Revista Diálogo, were interviews with: Bordenave, Chalhub, Chartier, Martin-Barbero, Mattelart, Melo, Sousa, and others. One of the relevant findings through the research was learning how teacher-reader-receivers of the Magazine used it for continuing professional formation. It was shown that Diálogo helps in the deepening and updating process about the Religious phenomenon, thus, orienting and widening the reader's knowledge. Furthermore, it used and supported the process of teacher-reader's reflections, debate as a basis for this field of knowledge. Therefore, under the viewpoint of the teacher-reader, the Revista Diálogo magazine contributed to the continued formation of the Religious Teaching teacher. This teacher-reader now finds himself, amidst the dynamical process in the search for his permanent and continued professional formation. This current reflection made it possible to realize that 100% of the people interviewed, pointed out the need for urgent and continued formation. This assures further action, driven by the ultimate values aimed at by the Religious Teaching, such as: The manifestation of the transcendental in schools. Teachers play a decisive role in this process: The "how to do" is intimately linked to the educators' formation and in his beliefs. Religious Teaching finds room for leading the student through reflections about the meaning of life and to get responsibly committed with the transformation of reality according to religious values, through free and coherent choices

Keywords: Education. Religious Teaching. Teachers Formation. Communication. Reader-receivers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relacionamento do Homem.....	27
Figura 2 – Capa da Revista n.º 0	34
Figura 3 – Capa da Revista n.º 6	34
Figura 4 – Capa da Revista n.º 23	35
Figura 5 – Capa da Revista n.º 25	35
Figura 6 – Reflexão Epistemológica da Prática.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Localização Geográfica	96
Tabela 2 – Classificação dos Leitores	98
Tabela 3 – Região Geográfica.....	98
Tabela 4 – Formação/Atuação do Leitor	99
Tabela 5 – Sexo	111
Tabela 6 – Formação	113
Tabela 7 – Ocupação	117
Tabela 8 – Disciplina de Atuação	118
Tabela 9 – Tempo de Atuação	120
Tabela 10 – Conhecedores da Revista Diálogo	121
Tabela 11 – Forma de Acesso à Revista	122
Tabela 12 – Tempo de Acompanhamento	123
Tabela 13 – Objetivo da Comunicação	124
Tabela 14 – Complemento à Prática Docente.....	125
Tabela 15 – Contribuição para a Formação do Professor.....	127
Tabela 16 – Acesso de Alunos à Revista Diálogo.....	129
Tabela 17 – Avaliação Quanto a Singularidade do Tema	131
Tabela 18 – Avaliação das Preferências	132
Tabela 19 – Formação Continuada	135

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.2 Justificativa	13
1.3 Objetivos da Pesquisa	14
1.3.1 Objetivo geral	14
1.3.2 Objetivos específicos	15
1.4 Metodologia	15
1.5 Estrutura da Dissertação	19
2 UM CONTEXTO DESAFIADOR: A CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA REVISTA DIÁLOGO	20
2.1 Diversidade Cultural e Religiosa	25
2.2 Criação da Revista Diálogo: Desejo Docente e Visão Transformadora	29
2.2.1 Desmontar para entender	37
2.2.2 Dez anos: último número	44
3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PROSSEGUIR NA CONTINUIDADE	48
3.1 Formação dos Professores do Ensino Religioso	57
4 TEORIA DA RECEPÇÃO: O PÚBLICO-SUJEITO-LEITOR	60
4.1 Algo Mais que Feedback: o Diálogo	70
4.2 Emissor e Receptor: uma Relação de Contradições	72
5 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NAS PESQUISAS	85
5.1 Pesquisa Histórica	85
5.2 Pesquisa	93
5.2.1 Análise das cartas dos leitores – 1995/2005	94
5.2.2 Categoria: localização geográfica	95
5.2.3 Categoria: sexo	97
5.2.4 Categoria: cognitivas	99
5.2.4.1 Formação/atuação do leitor	99
5.2.4.2 Subsídio para atuação em sala de aula	102
5.2.4.3 Ação direta com os alunos	103
5.2.4.4 Percepção do leitor quanto à apresentação	104
5.3 Pesquisa por endereço eletrônico – GPER – 2006	106
5.3.1 Preservando o anonimato	110
5.3.2 Apresentando os resultados	111
5.4 Enquete	137
5.4.1 Grupo de pesquisa educação e religião – GPER	137
5.4.2 Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso – FONAPER	138
5.5 Cruzando os dados das pesquisas	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	151

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar a contribuição que a Revista Diálogo proporciona na formação dos professores de Ensino Religioso no Brasil, nos últimos dez anos é, com certeza, aprofundar-se na concepção que vem tomando essa área do conhecimento.

Sendo a Revista Diálogo, produzida pelo Grupo de Revistas Paulinas – Filhas de São Paulo – ou como são mais conhecidas, as Irmãs Paulinas, desde outubro de 1995, como um periódico que antecipou o processo de alteração da concepção do Ensino Religioso no Brasil e acompanhou sua implantação e, também considerando que as revistas têm sido grandes aliadas do mercado editorial, na propagação de notícias e publicidades. São elas, entre outros veículos, as responsáveis pela fomentação dos debates socioeconômicos e políticos no cenário nacional. Mesmo em uma sociedade permeada pelas novas tecnologias de informação e mídias eletrônicas.

É nesse espaço midiático que se encontra a Revista Diálogo que nasceu das aspirações de professores do Ensino Religioso. Eles encontravam-se desejosos de aprofundar a reflexão, na práxis desse componente curricular. A Revista foi criada em pleno debate da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em trâmite no Congresso Nacional. Com todos os acontecimentos sociais, ela veio contribuir para os debates e oferecer aos professores do Ensino Religioso elucidação, ainda que parcialmente, dos questionamentos sobre o currículo que se construiu, nessa área do conhecimento.

Para o desenvolvimento desse estudo, buscou-se realizar em 2006 uma pesquisa social qualitativa, à apreensão do conhecimento. A abordagem escolhida foi a fenomenológica, sob a visão da modalidade de Análise de Conteúdo, sendo possível capturar a relação existente entre o professor-leitor com o veículo: a Revista Diálogo.

Entretanto, ao se aprofundar na história da Revista Diálogo teve-se acesso a outra pesquisa realizada pelo Grupo Paulinas, em fevereiro de 2003, pelo Departamento de Marketing e Publicidade da Revista Diálogo, com a finalidade de conhecer o perfil dos assinantes. Também, no decorrer dos estudos, foram lançadas mãos de outros mecanismos, como as enquetes nos sites do Grupo de Pesquisa

Educação e Religião (GPER) e no Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper).

Outros dados investigados foram as cartas dos leitores e a relação existente entre os docentes-leitores e a Revista, para a formação desses profissionais. Essa relação é claramente percebida pelas correspondências que foram dirigidas aos editores. Por elas, teve-se a possibilidade de verificar a contribuição dos temas abordados para a formação do professor do Ensino Religioso. Há nesse processo entre professor-leitor e o objeto lido – a Revista Diálogo – um interesse dos educadores em contribuir na elaboração do periódico. Esse interesse é materializado por meio dos questionamentos e sugestões que os docentes-leitores enviaram à direção da Diálogo.

1.2 Justificativa

Qual a contribuição da Revista Diálogo para a formação do professor-leitor do Ensino Religioso? Analisá-la como veículo de comunicação e sua contribuição para a formação do professor do Ensino Religioso (ER) no Brasil foi fomentar a discussão sobre a constante necessidade de conhecimento e capacitação desse profissional. Os docentes do ER são ávidos pelo saber do fenômeno religioso e do contexto social e plural, no qual estão inseridos. Para isso eles têm na Revista Diálogo – uma mídia impressa – que aborda temas atuais e necessários de maneira ampla, a compreensão do ensino e fenômeno religioso.

Para essa discussão, há de se buscar, na década de 90, as necessidades dos professores da disciplina de Ensino Religioso. Esses educadores careciam de efetuar práticas pedagógicas, que correspondessem aos seus anseios, de informações norteadoras e subsídios para que em sala de aula o saber fosse verdadeiramente relacionado com o cotidiano. A Revista vem de encontro às necessidades desses professores. Com textos que trazem essa abordagem de forma simples e concepções pertinentes ao Ensino Religioso, a Revista Diálogo trata os temas como sagrado, fé, fenômeno religioso, cidadania, direitos humanos, cultura religiosa, entre outros, sob a ótica do professor-leitor.

Nesse ponto, são aguçados os questionamentos e reflexão da pesquisadora. Ao observar a relação existente entre o professor-leitor, por meio da Seção Cartas

dos Leitores, à direção da Revista. Deparou-se com profissionais curiosos e críticos do seu fazer pedagógico. Professores interessados em obter mais informações que os auxiliassem na transposição de um ensino catequético, para um Ensino Religioso de ampla abrangência educacional. Porém, não somente ‘aprender mais’, mas também, contribuir com suas vivências e experiências cotidianas. Percebeu-se um ‘despojar’ desse professor-leitor, com relação ao seu par. É o repartir para multiplicar: dividir com o outro o conhecimento adquirido pela experiência e pelos anos de capacitação, para que haja a pulverização do conhecimento do fenômeno religioso, como disciplina.

É a Revista Diálogo, um veículo de comunicação impresso, que se torna o elo entre professores; entre os leitores-docentes-pares e o saber do fenômeno religioso. Eles vêem na Diálogo a possibilidade de expansão e nivelamento da capacitação de cada um, como profissional.

É na década de 90, mais precisamente em 1998, que o Ensino Religioso constituiu-se como área do conhecimento, sendo inserido, nessa perspectiva curricularmente, como área do conhecimento. No ano anterior ocorreu a revisão do Artigo 33, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.475/97, que reforçou o Ensino Religioso como disciplina curricular e área de conhecimento a ser ensinado nas escolas públicas do ensino fundamental. Portanto, com objeto próprio de estudo, conteúdo e encaminhamento metodológico próprio e objetivo definidos. Como disciplina, o ER nasce de uma nova articulação e conceituação de área de conhecimento, onde a prática, a teoria e articuladas a uma compreensão de cidadania estão intrinsecamente interligadas e desenvolvidas em sala de aula. Junqueira (2002) escreve sobre as alterações que o ER passou em sua concepção. Não mais “pressuposto teológico, mas (...) pedagógico” (JUNQUEIRA, 2002, p. 43), o que gerou uma formatação mais educacional.

1.3 Objetivos da Pesquisa

1.3.1 Objetivo geral

Analisar a contribuição da Revista Diálogo para a formação dos professores-leitores do Ensino Religioso, no contexto educacional brasileiro.

1.3.2 Objetivos específicos

Relacionar a proposta da Revista Diálogo à formação de professores do Ensino Religioso.

Extrair e analisar as percepções de professores sobre o Ensino Religioso e a Revista Diálogo, a partir da teoria do receptor-leitor, por meio dos depoimentos e Cartas dos Leitores, (correspondências destinadas à direção da Revista Diálogo).

1.4 Metodologia

Entende-se que um objeto pesquisado, neste caso, o professor-leitor da Revista Diálogo, não se encontra dissociado das ações e atividades da comunidade da qual se está inserido, pelo contrário, há íntima relação. Neste contexto, é que se buscou na pesquisa qualitativa a apreensão do conhecimento pesquisado, fundamentando na existência de “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2003, p. 79). Também Bicudo (2004) define que a pesquisa qualitativa “engloba a idéia do subjetivo, passível de expor sensações e opiniões (...) noções a respeito de percepções de diferenças e semelhanças (...)” (BICUDO, 2004, p. 104).

A abordagem foi a fenomenológica, no entendimento da representação dos sujeitos em torno do fenômeno e como se constrói as questões mais subjetivas (os sentimentos, a sensibilidade).

Dentro da abordagem de pesquisa qualitativa buscou-se a modalidade de Análise de Conteúdo, que foi analisada pela leitura fenomenológica. Portanto, a Revista Diálogo foi o universo do estudo. O conceito de Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2000), é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2000, p. 31). Conjunto de técnicas porque há um enorme leque de “formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (BARDIN, 2000, p. 31).

Também Franco (2005) contribui colocando que o elemento inicial da Análise de Conteúdo “é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita) (...). Necessariamente, ela expressa um significado e um sentido” (FRANCO, 2005, p.13). Sendo amplo o espaço investigativo da comunicação ocorre a necessidade de pesquisar e decifrar

pela Análise de Conteúdo o encaminhamento de “significações de um emissor para um receptor (...)” (BARDIN, 2000, p. 32).

Nessa perspectiva de emissor e receptor, é pertinente clarificar a existência de um modelo de comunicação, onde se encontram elementos básicos para que uma informação ou mensagem seja expressa e assimilada com clareza, atingido, assim, o objetivo ao qual se destina. Para Philip Kotler (1980), professor doutor em marketing, quando o tema é um modelo de comunicação faz-se necessário pensar sobre: “1. quem; 2. diz o que; 3. em que canal; 4. para quem; 5. com que efeito” (KOTLER, 1980, p. 382). Já os elementos apresentados pelo autor são basicamente:

O comunicador é o que envia ou a fonte da mensagem.

A mensagem é o conjunto de significados que está sendo enviado e/ou recebido pelo receptor.

Os *canais* são os meios pelos quais as mensagens podem ser levadas ou transmitidas aos receptores.

O *receptor* é o recebedor ou a quem se destina a mensagem. (KOTLER, 1980, p. 383).

“Com que efeito?” foi o que interessou a essa pesquisa. Na Análise de Conteúdo da Revista Diálogo o efeito com que ela, como canal da mensagem sobre o Ensino Religioso, exerceu sobre o leitor-professor, que é o receptor, foi de suma importância.

Porém, dentro da definição de Análise de Conteúdo há de se agregar à finalidade pela qual se escolheu essa modalidade de pesquisa: a inferência. Bardin (2000) continua a expressar essa definição e complementa que a Análise de Conteúdo é:

(...) conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. (...) A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 2000, p. 38).

Por meio desta modalidade de pesquisa visou-se os estudos individualizados, minuciosos e tão profundos quanto possíveis, a respeito da relação da Revista Diálogo na formação do professor do Ensino Religioso, no período de 1995 a 2005. Pretendeu-se com o estudo interpretativo, intensivo e extensivo dos mais variados

aspectos que interferem na identificação ou não da Revista Diálogo no processo da formação dos professores-leitores do Ensino Religioso no Brasil.

Nessa pesquisa foi realizada, simultaneamente, a coleta dos dados, procurando efetuar uma primeira análise, a inferência, ao final concluiu com um diagnóstico e estabeleceu-se um prognóstico.

Coube ao pesquisador o estudo sobre as contribuições da Revista Diálogo na formação dos professores do Ensino Religioso no Brasil, na última década. Chizzotti (2003) declara que a identificação e delimitação do problema ao qual se deseja pesquisar “pressupõem uma imersão do pesquisador na vida e no contexto, no passado e nas circunstâncias presentes que condicionam o problema” (CHIZZOTTI, 2003, p. 81).

Para essa “imersão”, citada pelo autor, foram analisados 41 exemplares da Revista Diálogo. Do número zero, quando do lançamento da Revista, em outubro de 1995, a outubro de 2005, com a edição de número 40. O olhar do pesquisador passou, *a priori*, por vários focos da Revista. Quanto aos temas abordados, matérias e artigos publicados, foram estudados os enfoques dados: quem são os especialistas, que os editores procuram ouvir sobre os assuntos? A participação dos professores do ensino religioso nas matérias também foram analisadas. Eles foram entrevistados para saber suas opiniões sobre os temas apresentados? Suas práticas pedagógicas foram abordadas? Quais as contribuições das matérias para a formação desses profissionais-professores-leitores?

Os depoimentos são “de pessoas que adquiriram experiências pelo estudo” (CHIZZOTTI, 2003, p. 16) do Ensino Religioso, que se tornaram fontes documentais e orais. Também foram pesquisados em fontes e acervo bibliográfico, que deram fundamentação ao objeto pesquisado, bem como, auxiliaram na delimitação do projeto.

Pessoa-fonte, também designada de informante, foi fundamental para a elaboração da pesquisa. Tem-se como conceituação de pessoa-fonte aquela que, pelo conhecimento adquirido no decorrer dos anos e dedicação ao tema estudado, conquistou competência específica sobre o objeto pesquisado. Chizzotti (2003) escreveu que: “O testemunho oral das pessoas presentes em eventos, suas percepções e análises podem esclarecer muitos aspectos ignorados e indicar fatos inexplorados do problema” (CHIZZOTTI, 2003, p. 17). Para o autor, cabe ao informante a competência para expressar com clareza sobre o tema pesquisado,

pois se trata de algo que faz parte da sua experiência pessoal e ou profissional. É competência do informante “(...) prestar informações fidedignas, manifestar em seus atos o significado que têm no contexto em que eles se realizam, revelando tanto a singularidade quanto a historicidade dos atos, concepções e idéias” (CHIZZOTTI, 2003, p. 93). Essa pessoa, segundo Chizzotti (2003), é: “Alguém que se dedicou ao estudo sistemático de uma questão e pode revelar os aspectos mais relevantes, indicar os meios de adquirir informações, orientar na busca de fontes documentais, selecionar as leituras mais pertinentes etc” (CHIZZOTTI, 2003, p. 17).

A técnica usada para coletar dados da pessoa-fonte foi por meio de entrevista não-diretiva, também denominada de semi-estruturada. Entendendo que entrevista é uma comunicação entre dois ou mais interlocutores, que tem a finalidade de expor e esclarecer um objeto ou foco em questão (CHIZZOTTI, 2003). A formatação da entrevista foi não-diretiva, onde a pessoa-fonte comunicou sobre o tema, ora livremente, ora por meio de perguntas-chaves. A entrevista foi gravada, registrando, assim, como relato-documental da pesquisa para posterior consulta e análise do tema abordado, pois as informações ou dados coletados foram constantemente analisados e avaliados.

Outra fonte para a Análise de Conteúdo na Revista Diálogo foram as cartas dos professores-leitores. A Revista Diálogo possui um espaço onde os leitores expressaram suas opiniões, sugestões e críticas. As correspondências chegaram via Correio e ou pelo endereço eletrônico (e-mail), sendo ambos divulgados no espaço “Cartas” de cada edição. Essas cartas e e-mails enviados à redação da Revista e publicados constituíram-se em fonte primária. Sim, porque foram publicadas na íntegra. Tratou-se de todas as correspondências (cartas e e-mails) recebidos na redação da Revista Diálogo, nesses dez anos, e que foram arquivadas no Grupo de Revistas Paulinas. A segurança de que todas as correspondências emitidas pelos leitores foram publicadas vem com a entrevista realizada, à autora, com a editora-chefe da Revista Diálogo, no período dos dez anos. Portanto, os acessos às cartas e e-mails publicados deram mais solidez à pesquisa, pois é por meio delas que os professores-leitores expressaram o que extraíram dos artigos, matérias e informações divulgadas pela Revista em suas atuações práticas como profissionais-professores.

1.5 Estrutura da Dissertação

Para o entendimento e compreensão em relação ao Ensino Religioso (ER), foi ressaltado a criação e trajetória da Revista, no período de 1995, quando do lançamento, até a edição de número 40, em outubro de 2005. Seus primeiros passos, discussões e entendimentos para a sua criação. Também sobre a estruturação da legislação do ER. Ainda, fizeram parte do estudo, as concepções e a teoria dos receptores de periódicos, como a conceituação, caracterização e aspectos fundamentais.

A dissertação foi organizada a partir da introdução, seguida de referenciais teóricos. Primeiramente os aspectos que contextualizam o Ensino Religioso brasileiro, passando pela diversificação cultural e religiosa e sobre a criação e desenvolvimento em uma década da Revista Diálogo.

Na seqüência, abordou-se a formação de professores no Brasil. Onde foi exposta a importância da formação contínua dos docentes e dos profissionais do Ensino Religioso. Consta, ainda, a teoria da recepção, com ênfase no leitor-professor e a função da linguagem na mensagem da Revista.

Ao final, estão os resultados das pesquisas realizadas e as análises necessárias; as considerações finais, com uma breve inferência sobre os resultados do objeto pesquisado.

2 UM CONTEXTO DESAFIADOR: A CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA REVISTA DIÁLOGO

A modernização dos sistemas educacionais, somados aos avanços tecnológicos, principalmente, no campo das comunicações, como por exemplo, as programações das emissoras de televisão por assinatura, as transmissões ao vivo, a microeletrônica e a robotização (FAUSTO, 1995, p. 554) foram fatores preponderantes para os movimentos sociais das décadas de 80 e 90.

Especificamente na área da educação, os anos 90, do século XX, caminharam na proposição e elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e do Ensino Religioso (ER). Caminhos trilhados juntos, por governo e sociedade organizada, que acarretou no processo de amadurecimento.

Porém, no histórico desse processo está a LDB 4024/61, baseada na Constituição de 1946, onde os investimentos financeiros para a implementação do Ensino Religioso e para a qualificação de profissionais, não seriam de responsabilidade do Estado. Restava o serviço voluntário na atuação em sala de aula. Depois vem a reforma parcial desta Lei, surgindo a LDB 5692/71, que avançou no quesito da remuneração para os professores, sob a responsabilidade de cada Estado brasileiro, porém, não houve progresso na linha pedagógica a ser seguida.

A Constituição Federal de 1988, em vigência em seu preâmbulo, discorre do “exercício dos direitos sociais”, entre eles “a igualdade (...) como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos (...)” (BRASIL, 1999, p. 1). É com essa história social-política-econômica, que passa a tratar da LDBEN e do Ensino Religioso, que são aos planos e propostas pedagógicas. Neles estão contidos realmente e efetivamente o que “acontece nas salas de aula e nas escolas” e, de um “currículo oculto”, que Junqueira (2002), bem conceitua: “(...) o não dito, aquilo que tanto alunos quanto professores trazem, carregado de sentidos próprios, criando formas de relacionamento, poder e convivência nas salas de aula” (JUNQUEIRA, 2002, p. 20).

O ER é entendido na LDBEN e pelos pesquisadores como área de conhecimento referente ao fenômeno religioso, bem como, os “processos, sistemas e operações que contribuem para a constituição de saberes (...), valores e práticas

sociais indispensáveis ao exercício a uma vida de cidadania plena” (JUNQUEIRA, 2002, p. 21).

Entre as “práticas sociais” está o acesso à educação, que por sua vez é um dos conceitos de cidadania. Ressaltando que nesse período – anos 90, do século XX –, a educação brasileira está inserida no processo global, em que a economia e a política vigente é a neoliberal. Com o neoliberalismo os interesses do capital privado são priorizados em detrimento as ações sociais, onde se esperava que o Estado investisse. Dessa maneira, a educação é estruturada para atender os interesses industriais “(...) a fim de preparar a mão-de-obra para os serviços necessários, assim como os sistemas educacionais devem estimular a competitividade em vista a alimentar o mercado nacional e internacional” (JUNQUEIRA, 2002, p. 27). Agora e de forma incisiva, a educação é vista por meio de significações como: eficiência, eficácia, clientes, qualidade do produto-ensino.

Com a perspectiva de um novo século os grupos sociais se voltam na defesa da diversidade e do pluralismo cultural-religioso, com um olhar diferencial, contrário ao cenário mundial. É a espiritualidade despontando no meio dos aparatos tecnológicos e da voz do conhecimento científico. Agora, a atenção se volta para o indivíduo-outro, para o próximo.

É nesse contexto social, de inclusão social e não mais a convivência passiva com a exclusão, que em março de 1995 o senador Darcy Ribeiro (1922–1997) assume como relator da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), encaminhando-a a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. (JUNQUEIRA, 2002, p. 33). Após discussões e emendas rejeitadas e outras aprovadas, o projeto de lei recebeu aprovação dos deputados federais e foi sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em 20 de dezembro de 1996. Porém, há de se destacar as diferenças existentes entre os textos a Câmara dos Deputados (tendo como relator o deputado José Jorge, de Pernambuco) e do senador Darcy Ribeiro. As divergências, entre outras, estavam na concepção do sistema de ensino, que Junqueira (2002) destaca:

O projeto da Câmara procurava dar uma visão mais sistêmica da educação nacional, organizada e conduzida de forma mais hierarquizada e colocava o Conselho Nacional de Educação como órgão máximo; enquanto a proposta do Senador mantinha o texto constitucional, apenas reconhecendo três níveis de sistema de ensino: federal – estadual –municipal. (JUNQUEIRA, 2002, p. 35).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram elaborados com o objetivo de:

(...) aproximar o ensino da vida cotidiana e incentivar o aluno a pesquisar, levantar hipóteses, criticar, estabelecer relações, interpretar e criar. (...) prevêm ainda a inclusão dos chamados “temas transversais” como: ética, saúde, meio ambiente, trabalho, consumo, pluralidade cultural e orientação sexual, que devem permear o conteúdo de cada matéria obrigatória (JUNQUEIRA, 2002, p. 38).

Vinte e cinco anos depois da LDB 5692/71 entra em vigor a LDBEN 9394/96, também denominada de “Lei Darcy Ribeiro”, que encaminhava o processo educacional com mais liberdade à diversidade cultural brasileira (JUNQUEIRA, 2002, p. 35). Estabeleceu também duas modalidades a serem cumpridas no Ensino Religioso: a confessional e a interconfessional. Essa primeira redação da Lei causou inúmeras discussões e reações no meio dos grupos sociais comprometidos com o Ensino Religioso como área de conhecimento pedagógico.

Com toda essa liberdade e a agregação dos temas transversais, entre eles, a pluralidade cultural que é um dos argumentos a favor do Ensino Religioso como área de conhecimento pedagógico, ainda pesava no debate o “financiamento da disciplina”. A LDBEN 9394/96, é aprovada com o Artigo 33, constando o termo “sem ônus para os cofres públicos”, o que mantinha a linha da catequese e não como área de conhecimento.

Todos os debates que antecederam a aprovação da Lei foram no sentido de definir o ER como disciplina curricular. Uma parceira dos pesquisadores da área de conhecimento do ER foi a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que participou ativamente dos movimentos nacionais, a ponto de organizar o “Setor de Ensino Religioso”, subordinado a Linha de Educação. Mas, anteriormente a Conferência já contava com o Grupo de Reflexão do Ensino Religioso (Grere), criado em 1985, para subsidiar os bispos sobre as discussões do Ensino Religioso no Brasil. Depois houve a criação da Revista Diálogo, em 1995, pela Editora Paulinas, com o apoio da CNBB e a pedido dos professores do ER.

Este novo periódico ocorre em um contexto de reflexão e preocupação com a formação de professores, sobretudo por solicitação de diversos professores do Ensino Religioso, no X Ener (Fortaleza, agosto 1994), e manifestou-se a urgência desta iniciativa, que já fora apresentada em

encontros anteriores, para o apoio aos docentes tanto de escolas públicas como privadas. (JUNQUEIRA, 2002, p. 47).

O Ener – Encontro Nacional de Ensino Religioso –, era promovido pela CNBB e que no décimo Encontro, em 1994, também foi comemorado os 20 anos do evento. Outra instância de debate entre os professores e estudiosos do fenômeno religioso, foi o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper), fundado em Florianópolis, Santa Catarina, em setembro de 1995, como “espaço supra-institucional, com profissionais da disciplina” (Junqueira, 2002, p. 48), para discutir e articular o caráter pedagógico do ER.

Os integrantes do Fonaper providenciaram a “Carta de Intenções”, onde definiram quatro princípios norteadores e três objetivos. Junqueira (2002) descreve os objetivos:

- a) inicialmente garantir a presença do ensino religioso na LDB, fato este concluído com a alteração do artigo 33 no final do primeiro semestre de 1997;
- b) a produção e publicação de Parâmetros Curriculares Nacionais para essa disciplina, também concluído, enquanto produção nesse mesmo ano, já apresentado ao Ministério de Educação e Cultura, para ser discutido e aprovado;
- c) a formulação de uma proposta para a formação, em nível de graduação, para o profissional desta área. (JUNQUEIRA, 2002, p. 49).

A CNBB e demais articulistas discutiram e propuseram nova redação a Lei 9394/96, no Artigo 33, referente ao ônus, enquanto isso, o Fonaper observou que havia a necessidade de sair do embate Igreja *versus* Estado, para uma nova formatação pedagógica do ER, como componente curricular. Também o Conselho Nacional de Educação, em março de 1996, “reconheceu o Ensino Religioso como área de conhecimento, portanto, pertinente ao currículo” (Junqueira, 2002, p. 62).

Depois das interferências, debates e discussões surgiu a Lei 9475/97, que dá nova redação ao Artigo 33 da LDB 9394/96, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional. Reforçou o Ensino Religioso como disciplina curricular e área de conhecimento a ser ensinado nas escolas públicas de educação básica. Portanto, com objeto próprio de estudo, conteúdo e encaminhamento metodológico próprio, objetivos definidos e sistema de avaliação. Como disciplina, o ER nasceu de uma nova articulação e conceituação de currículo, onde a prática, a teoria e concepções de cidadania estão intrinsecamente interligadas e desenvolvidas em sala de aula.

Agora, é o princípio religioso o foco no ER das escolas e não mais as religiões, não havendo mais a segregação do educando por causa do credo professado. “A nova redação do artigo 33 centra o enfoque do Ensino Religioso como disciplina escolar, entendendo-o como uma área do conhecimento, com a finalidade de reler o fenômeno religioso, este colocado como objeto da disciplina” (Junqueira, 2002, p. 69). Corrêa (2006) expõe ainda que, com a Constituição, no final da década de 80, e a LDBEN (Artigo 33), o ER também requereu tratamento didático pautado no conhecimento científico específico com um objetivo certo a ser atingido. Continua a autora, citando Figueiredo (1995):

“(...) assim o Referencial Curricular do Ensino Religioso, que pautou a elaboração dos currículos desta área do conhecimento, a partir de 1997 aponta o objetivo geral da disciplina: “subsidiar o educando no entendimento que ele tem a respeito do fenômeno religioso que experimenta e observa em seu contexto”. (FIGUEIREDO, 1995, p. 17 apud CORRÊA, 2006, p. 18 e 19).

Etapa vencida. Nesse momento, a preocupação dos integrantes do Fonaper e demais instituições e órgãos envolvidos era com a capacitação dos professores e operacionalizar o artigo 33. Entre os investimentos para a formação dos professores do ER, o Fonaper, em 2000, em conjunto com a Universidade São Francisco e a Rede Vida de Televisão, desenvolveu o curso de extensão à distância: “Ensino Religioso, capacitação para um novo milênio”. Também nesse mesmo ano o Fórum publicou o primeiro Caderno Temático sobre “Ensino Religioso: Referencial curricular para a proposta pedagógica da Escola”.

Porém, mesmo com todo o aparato legal, conforme Corrêa (2006) comenta, o Ensino Religioso “não garante sua identidade como área do conhecimento, muito menos, sua implementação em todo o país, como designa a Lei” (CORRÊA, 2006, p. 16). Ela ainda é superficial. Nem todos os dirigentes estaduais estão abertos e dispostos a oferecer à formação do cidadão, no espaço escolar, subsídios científicos que auxiliaram nas respostas aos questionamentos sobre o transcendente, desprezando assim, a diversidade cultural-religiosa da Nação brasileira.

Faltava a compreensão de que o educando é muito mais do que simplesmente se vê, se observa. Junqueira (2002), bem conceitua a existência de um “currículo oculto”, que leva em conta os saberes dos professores e dos alunos no ambiente escolar: “(...) o não dito, aquilo que tanto alunos quanto professores

trazem, carregado de sentidos próprios, criando formas de relacionamento, poder e convivência nas salas de aula” (JUNQUEIRA, 2002, p. 20). Nessa mesma perspectiva, o autor escreve sobre as alterações que o ER passou em sua concepção. Não mais “pressuposto teológico, mas (...) pedagógico” (JUNQUEIRA, 2002, p. 43), o que gerou uma formatação mais educacional.

2.1 Diversidade Cultural e Religiosa

Sendo o objetivo do ER, conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais: “Valorizar o pluralismo e a diversidade cultural presente na sociedade brasileira, facilitando a compreensão das formas que exprimem o Transcendente na superação da finitude humana e que determinam, subjacente, o processo histórico da humanidade” (Junqueira, 2002, p. 91). Faz-se necessário auxiliar os professores e alunos na busca pela compreensão sobre o fenômeno religioso na atual sociedade. Porque as questões do fenômeno religioso passam *a priori* – e entre outros temas – pelos caminhos da cultura e da diversidade. A palavra cultura, “etmologicamente vem do latim *colere*” (FONAPER, 2001, p. 7), ou seja, cultivar, como um sistema adaptativo de padrões de comportamento socialmente transmitidos, onde uma geração transmite a outra, crenças, valores e organização social.

Na década de 60, o antropólogo Clyde Kluckhohn conceituava a cultura como “a vida total de um povo, a herança social que o indivíduo adquire de seu grupo. Ou pode a “cultura ser considerada como aquela parte do ambiente que o próprio homem criou” (KLUCKHOHN, 1963, p. 28). Cultura é, portanto, a somatória da intelectualidade do ser humano e sua experiência com o meio ambiente e a sociedade. Alves (2001) reforça essa posição: “É a cultura que marca profundamente a maneira de ser e de viver do homem” (ALVES, 2001, p. 7).

Equacionalmente, a cultura é a “fórmula delineadora”, que faz com que o homem perceba-se como indivíduo e como grupo social, estabelecendo inclusive as diferenças de usos e costumes entre os demais grupos. Por sua vez, as diferenças definem de maneira incisiva as várias sociedades e suas formas de agir.

Como a cultura liga o indivíduo ao social, ela também se faz presente na 'religação' do indivíduo e do grupo social ao espiritual. É a cultura religiosa intrínseca no ser e na sociedade.

[...] a Igreja lembra a todos que a cultura deve estar subordinada à perfeição integral da pessoa humana, ao bem da comunidade e da humanidade inteira. Por isso é necessário cultivar o espírito de tal modo que se desenvolva a faculdade de admirar, de admirar o íntimo das coisas, de contemplar, de aperfeiçoar o senso religioso, moral e social" (CONCÍLIO, 1968, p.211).

Enquanto a cultura faz com que o homem perceba-se como indivíduo e como grupo social, a religião – que está inserida naquela – traz a ele uma percepção de unificação ao sagrado "(...) impedindo-o de sentir-se sozinho e perdido no meio de um mundo (...)" (ALVES, 2001, p. 10). A relação de ambas dá-se de forma bipolar. Cada uma atrai para si o indivíduo e sua existência. Ao mesmo tempo uma interfere no processo da outra. Oliveira (1995) conceitua a religião como "um fato social universal, sendo encontrada em toda parte e desde os tempos mais remotos. (...) a crença em algum tipo de divindade e o sentimento religioso são acontecimentos generalizados em todas as sociedades" (OLIVEIRA, 1995, p. 117).

Um país não abriga apenas uma cultura. A formação da sociedade brasileira já carrega em si o pluralismo, refletindo assim uma diversidade cultural vasta e rica, caracterizada pelas diferentes raças, culturas e religiões. Por essa razão "o respeito a esta diversidade é essencial, mas deve ser paralelo à promoção do diálogo a fim de que se evite a formação de novos guetos" (CUÉLLAR, 1997, p. 318). Deste modo, a cultura conduz o homem a passar suas crenças fundamentais de geração a geração. Neste contexto, a religião está intimamente ligada à cultura, pois é por meio desta, que o homem operacionaliza a sua experiência com o Transcendente, com o Sagrado. Desta forma, diversidade cultural e diversidade religiosa andam juntas, "a religião acontece dentro de um universo cultural, ora influenciando, ora sendo influenciada pela cultura, por isso é impossível entendermos a religião sem nos remeter à cultura" (ALVES, 2001, p. 10).

A experiência com o Transcendente em um país pluralista como o Brasil, em questões religiosas, deve ser entendida como consequência da diversidade cultural. O país desde seu começo foi constituído com bases na diversidade religiosa, começando com os próprios rituais e crenças dos índios. Depois a africana que teve

uma continuidade e está presente na cultura de grande parte do povo brasileiro. Outras religiões vieram como a católica, muçulmana, judaica, evangélicos, entre outras. Hoje há uma gama de religiões e todas defendidas por lei, tendo seus direitos reservados para adorar e fazer seus rituais a própria maneira. Em cada uma, o Sagrado se manifesta de uma forma diferente (CARDOSO et al, 2005, p. 413).

Cardoso (2005) comenta ainda que não dá para falar do indivíduo, do homem-singular, sem expressar suas ideologias, sua formação intelectual e sua relação com o Transcendente. Porém, mesmo sendo singular, sua existência é social, pois vive com outros indivíduos, que juntos constituem pares e que, conseqüentemente, tornam-se grupo social, formando uma cultura do grupo (CARDOSO et al, 2005, p. 413). A religião, por meio da cultura, traz ao grupo social e ao indivíduo uma leitura própria e particular e uma compreensão do ser – pessoal e grupal – do agir, do conviver e da responsabilidade de relacionar com o Transcendente. “Dessa responsabilidade do relacionamento do indivíduo para com o Transcendente nasce a necessidade de desenvolver uma relação harmônica com o próximo, como também com tudo que faz parte do meio ambiente em que vive” (CARDOSO et al, 2005, p. 414).

Os pólos, nesta relação, são hegemônicos. O relacionamento do homem – com ele mesmo, com o Transcendente, com os outros e com a natureza – torna-se uma baliza para a convivência entre as pessoas. É o sagrado que sustenta o grupo social a partir das relações do homem (CARDOSO et al, 2005, p. 414). Com base nessa constatação, a relação hegemônica pode ser visualizada, conforme o esquema abaixo:

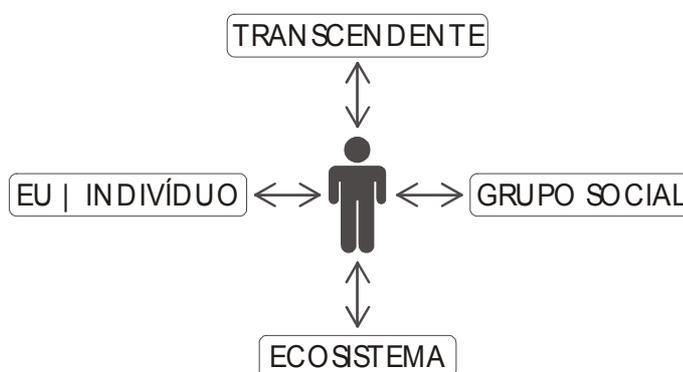


Figura 1 – Relacionamento do Homem
Fonte: criação da autora

A cultura religiosa sofre alterações conforme a organização social do grupo e a importância que ele dá ao Transcendente, à religião. Geralmente, o ponto de

partida é a religião do grupo social, que se desenvolve a hierarquia da sociedade. É a instituição religiosa que organiza o conhecimento teológico-doutrinário, enfatizando a conduta dos fiéis para o crescer espiritual humanizado (CARDOSO et al, 2005, p. 414). Como toda instituição organizada possui uma hierarquia, essa passa a dar destaque social a uns, que detêm os conhecimentos religiosos, tornando-os figuras de poder e conferindo-lhes honra perante ao grupo. Ao “ditarem as regras” os detentores do conhecimento realinham todo o intelecto e, conseqüentemente, as emoções dos demais componentes da comunidade religiosa. É quando, entre outros aspectos, corre o risco de tomar para si o poder. Quando isso acontece, a instituição religiosa desvia-se de sua função original e transforma o conhecimento teológico-doutrinário em arma política-ideológica a serviço do grupo que detém o poder.

Cardoso (2005) observa que como o poder também faz parte do acervo cultural das sociedades, existe, portanto, uma vasta diversidade cultural religiosa. A variedade cultural religiosa é complexa em sua composição e estrutura. Entre os motivos dessa complexidade elenca-se a existência de, em um pequeno espaço geográfico, haver divergências culturais e ou religiosas, o que dão, muitas vezes, autonomia à comunidade religiosa para se separar e alterar, formando assim, um outro grupo social religioso (CARDOSO et al, 2005, p. 415).

Bortoleto (FONAPER, 2001) confirma o papel fundamental da cultura para as civilizações, no aspecto das tradições religiosas. Segundo o autor, as “tradições religiosas nos remetem ao passado, para no presente organizarmos o futuro” (FONAPER, 2001, p. 37). O equilíbrio do futuro com o passado é possível e tem se constituído em um dos grandes desafios da sociedade contemporânea. Para o doutor em antropologia, José Marin (2003), a humanidade é composta por uma complexa diversidade cultural:

Temos que imaginar uma sociedade plural, multicultural, capaz de administrar a igualdade e a justiça na diversidade cultural, uma sociedade aberta e tolerante as pluralidades que nos oferecem as sociedades multiculturais e que ultrapassam as fronteiras sociais e as antigas fronteiras culturais (MARÍN, 2003, p. 16).

Segundo o autor, o intercâmbio e o diálogo intercultural são as respostas para alguns dos questionamentos do processo educativo da sociedade atual. Também Paulo Freire (1996) já defendia a transformação da sociedade por meio de um “processo dialógico amoroso”, onde afirma que “o sujeito que se abre ao mundo e

aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão num permanente movimento na História”. (FREIRE, 1996, p.136). Portanto, quando o foco é a tradição religiosa deve-se lançar mão do diálogo para gerenciar esse processo. Há de se destacar que, para que haja diálogo, é necessário o respeito pelas inúmeras tradições religiosas. Essa, por sua vez, passa primeiramente pela deferência às culturas e religiões existentes. Portanto, sem sombra de dúvidas, existe uma diversidade cultural que forma a religiosidade, inclusive a brasileira, onde a experiência de abertura religiosa deve ser a experiência fundante do ser inacabado que se entende como um ser aberto ao diálogo e conseqüentemente ao respeito (CARDOSO et al, 2005, p. 416).

O reconhecimento e respeito pela diversidade e pluralismo cultural-religioso permitem estabelecer um leque de possibilidades para a tradição religiosa nacional. Aqui, cabe ressaltar, que os fundamentos da tradição religiosa brasileira nasceram de diferentes culturas e religiões não pertencentes ao Brasil (CARDOSO et al, 2005, p. 416). Trata-se de um processo de contato entre culturas diferentes que desencadeia a mudança cultural, também conhecida como aculturação. No Brasil a aculturação religiosa foi introduzida pelas diversas etnias e é composta de religiões oriundas da África, pela presença dos escravos; da Europa, com os colonizadores portugueses e dos povos indígenas, entre outras tradições religiosas. Porém, em pleno Século XXI o Brasil conta com uma diversidade cultural religiosa própria, formada em solo nacional, mas em grande parte originária daquelas. Não resta dúvida que a tradição religiosa brasileira tem em sua formação, no passado, com as influências intercontinentais. Conforme defende Cardoso (2005), atualmente já se pode contemplar uma tradição religiosa autóctone, ou seja, constituída por meio da cultura religiosa nacional (CARDOSO et al, 2005, p. 416).

2.2 Criação da Revista Diálogo: Desejo Docente e Visão Transformadora

Com toda a discussão sobre o Ensino Religioso ocorrendo no país, na década de 90, do Século XX, os professores desta área de conhecimento, tinham uma necessidade: manter-se informados sobre todos os fatos e deliberações. Era necessário organizar todas as informações. Sistematizá-las e distribuir para o maior

número de interlocutores, sobre os temas do fenômeno e ensino religioso, pluralismo e cultura religiosa. Sem falar na votação do então “Projeto de Lei Darcy Ribeiro” e toda a articulação que estavam acontecendo nos bastidores da Câmara dos Deputados e no Senado, que precisavam ser acompanhadas pelo maior número de brasileiros, principalmente, professores, coordenadores e corpo diretivo das instituições de ensino e das secretarias de educação, dos estados e municipais.

É importante ressaltar que os professores do Ensino Religioso desejavam uma melhor articulação dos acontecimentos. Conforme relata a Irmã Luzia M. de Oliveira Sena, diretora e editora até 2005 da Revista Diálogo, membro do Grere/CNBB e da diretoria do Fonaper:

(...) um grupo de professores, há mais de duas décadas, percebeu que não era mais adequado ao espaço laico e plural da escola pública, o ensino confessional e doutrinário de uma única religião, como vinha acontecendo há quase 400 anos. Desde a proclamação da República, em 1889, a Igreja católica deixara de ser a religião oficial do Brasil e o ensino público no país tornara-se laico (SENA, 2006, p. 94).

Dessa maneira, eles se organizaram e começaram a dar os primeiros passos no sentido de buscar novos conhecimentos e aprofundamento sobre o Ensino Religioso. Essa necessidade de se organizar dos professores encontrou na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), um lugar de repouso. Em 1984, a CNBB organizou o Encontro Nacional de Ensino Religioso (Ener). Os Encontros “passaram a acontecer a cada dois anos, congregando coordenadores e professores do Ensino Religioso de escolas públicas de todo o Brasil, além de editores interessados em publicações nessa área” (SENA, 2006, p. 94).

No ano seguinte e com a meta de refletir sobre o Ensino Religioso, como prática pedagógica; a definição da identidade desse componente curricular e, ainda, acompanhar os trâmites e as discussões “da Assembléia Nacional Constituinte relacionados com a garantia do Ensino Religioso na nova Carta Magna, e legislações posteriores” (SENA, 2006, p. 94) foi criado pela CNBB, o Grupo de Reflexão sobre o Ensino Religioso (Grere).

Dos Encontros Nacionais de Ensino Religioso surgiu o embrião para a criação da Revista Diálogo. Foi no X Ener, no período de 7 a 10 de agosto de 1994, em Fortaleza, Ceará, que os participantes “a partir das palestras e oficinas” levantaram “dois problemas emergentes e para cada problema levantado, uma proposta de

resposta” (ATA X Ener, 1994, p. 19). Entre as propostas e sugestões ao final do Encontro surgiu a “Criação de um jornal periódico ou revista de circulação nacional” (ATA X Ener, 1994, p. 21).

Nesse Encontro participaram 180 professores de 23 Estados brasileiros, que segundo a Irmã Luzia Sena, todos manifestaram positivamente para a criação de um periódico “que ajudasse na formação profissional específica e fosse, ao mesmo tempo, um elo de comunicação, intercâmbio de experiências e informações entre os professores das várias regiões do país” (SENA, 2006, p. 95).

O próximo passo, no sentido de tornar realidade o anseio dos professores, por um veículo de comunicação que auxiliasse na discussão e reflexão sobre o fenômeno e o ensino religioso, foi de Dom Aloysio Leal Penna, bispo de Bauru, São Paulo e responsável pelo Setor de Educação da CNBB. Em reunião do Grere, Dom Aloysio propôs a criação de uma revista de Ensino Religioso, convidando o professor-doutor, assessor da Editora Paulinas e membro do Grere, Francisco Catão, para esboçar “um breve perfil da revista”.

A Paulinas foi a primeira editora a ser consultada e desafiada a publicar a revista. Em entrevista, a Irmã Luzia Sena (2006) descreve esse momento na Editora:

(...) na reunião seguinte do Grere, no mesmo ano, o bispo responsável que é Dom Aloysio Leal Penna, levou a sério esse pedido dos professores de ter um meio de comunicação entre eles, uma revista. Ele já estava no fim do mandato na CNBB como responsável pelo Ensino Religioso, quis levar adiante, como eu participava do Grere e era também de editora, a primeira a ser contatada foi Paulinas (SENA, 2006).

Após a decisão da Paulinas, em aceitar o desafio, Irmã Luzia Sena, comunicou Dom Aloysio Leal Penna. Em correspondência, publicada na Revista número zero, o Bispo de Bauru relata sua alegria e dos demais membros da CNBB:

Digníssima Provincial das Irmãs Paulinas
Quero, por escrito, manifestar meus agradecimentos e alegria pela resolução das Irmãs Paulinas de criarem a Revista de Ensino Religioso. Como a senhora me falou por telefone, foi um presente de Páscoa, para mim que venho lutando, há dois anos, para a criação desta revista. Comunico também que, na reunião da Presidência e CEP da CNBB, dia 25.04.95, informei sobre esta resolução das Paulinas. A iniciativa foi aplaudida por todos. A revista será, certamente, um veículo de formação, informação, troca de experiências, resenhas bibliográficas etc. para milhares de professores que atingem milhões de crianças e adolescentes nas nossas escolas públicas e particulares do Brasil.

Que Deus abençoe o vasto e cada vez mais atual apostolado com os MCS que as senhoras realizam no Brasil e no mundo. *Dom Aloysio Leal Penna – Bispo de Bauru* (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p.5).

Na reunião de instalação do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper), no dia 26 de setembro de 1995, em Florianópolis, Santa Catarina, foi lançada a primeira edição (número zero) da Diálogo – Revista de Ensino Religioso. Ela nasceu com perfil e objetivos distintos. Conforme Relatório da Revista (1995), assinado pela Irmã Luzia Sena, os objetivos da Diálogo são quatro:

- a) Formar professores para a disciplina de Ensino Religioso, oferecendo-lhes subsídios para a sua formação, informação e intercâmbio de experiências. Capacitá-los para a ação pedagógica no âmbito escolar, pelo conhecimento do fenômeno religioso e suas conseqüências socioculturais, no contexto da educação em geral.
- b) Ajudar o educador a compreender o pluralismo religioso presente na sociedade brasileira e a interagir com ele, em uma atitude de respeito e de valorização das diversas opções religiosas nela existentes.
- c) Propor e apresentar os elementos fundamentais de uma educação humanizadora, aberta ao Transcendente, aos valores da vida, à convivência humana respeitosa e solidária, estabelecendo bases comuns para o diálogo inter-religioso e para o exercício da cidadania.
- d) Ajudar o educador, pautado em princípios éticos, a desenvolver um compromisso com a transformação social e com a afirmação da construção da cidadania, como patrimônio coletivo de toda a sociedade civil (RELATÓRIO, 1995, p. 1-2).

Verificou-se que os objetivos da Revista foram ousados para o contexto social da década de 90, do Século XX. Propunham contribuir para a formação do professor do Ensino Religioso, bem como a interação, valorização e o diálogo inter-religioso, em uma sociedade permeada por percepções e princípios excludentes.

A Revista é monotemática, ou seja, que “aborda um tema sob vários aspectos” (JUNQUEIRA, 2002, p. 47). Há na Diálogo, a Seção Cartas, que é “gênero jornalístico opinativo” (CHAPARRO, 1992 apud MELO, 1992, p.63). Portanto, onde leitores do periódico escrevem expressando suas opiniões, idéias, ou críticas com relação às matérias publicadas, sugerem e interferem no processo de produção. O receptor-leitor da Diálogo recorre às cartas como recurso para imprimir seus pontos de vista sobre o Ensino Religioso no Brasil, até mesmo extravasar suas emoções e indignação sobre os problemas enfrentados nessa área do conhecimento.

Toda a Revista visa dar subsídio à formação do professor do Ensino Religioso. Esse subsídio é percebido na estrutura da Revista, que orienta a formação do professor, por meio das seções, como: Dicas, Destaque, Conheça

mais, Resenha, Em pauta, Aprendendo e ensinando. Há também as entrevistas e a sugestão de dinâmicas, como atividades para serem aplicadas em sala de aula.

Entre os aspectos que determinam que uma revista seja também um periódico é com relação à periodicidade. A *Diálogo* é uma revista com periodicidade regular. Desde o lançamento, em outubro de 1995, até nos dias atuais, são editados quatro números anuais nos meses de fevereiro, maio, agosto e outubro.

Conforme Miguel Moragas Spa (1982), citado por Bordenave (1995), todos os veículos de comunicação possuem níveis, que são definidos conforme a operacionalização, quantidade de pessoas envolvidas na elaboração e na quantidade com que o veículo alcança com sua mensagem. Se interpessoal (Micromeios); se local (Mesomeios); se nacional (Macromeios) e se transnacional (Megameios). A Revista *Diálogo* encontra-se no nível “mesomeios”, que é “o nível intermediário de comunicação em que participam grupos ou organizações que pretendem uma cobertura local (...) os livros, as revistas especializadas (...). Alcançam por via geral de 15.000 a 50.000 pessoas com um custo de uns 16 dólares por destinatário” (MORAGAS SPA, 1982 apud BORDENAVE, 1995, p. 61).

Portanto, trata-se de um periódico formativo e informativo. Buscando em Beltrão (1964) a conceituação de matéria ou texto informativo: “(...) o relato puro e simples de fatos, idéias e situações do presente imediato, do passado ou do vir-a-ser possível/provável, que estejam, no momento, atuando na consciência coletiva (...)” (BELTRÃO, 1964, p. 19). Formativo porque os temas abordados procuram gerar saberes para a compreensão do leitor-professor.

No princípio a Revista, em sua estrutura foi diagramada em duas cores e apresentava algumas ilustrações, apenas a capa era colorida (*Figura 2*). O tamanho 21,5 centímetros por 15 centímetros foi detalhadamente estudado pelos elaboradores da Revista, pensando no professor-leitor do periódico, conforme descreve a Irmã Luzia Sena, na entrevista:

(...) nós começamos do zero, inclusive pensando no formato da revista, colocando-nos no lugar do professor, como ele queria que fosse. Pensamos até no formato pequeno para colocar na bolsa, pensamos no leitor principalmente (SENA, 2006).



Figura 2 – Capa da Revista n.º 0
Fonte: Diálogo – Revista de Ensino Religioso – Editora Paulinas

Em maio de 1997, a Revista de número seis (*Figura 3*) apresentou uma única foto preta e branca. Porém, o que se percebe é que, com o decorrer dos anos, as ilustrações foram ampliadas e receberam espaços nobres em cada texto e edição. Somente da edição número 23, de agosto de 2001 (*Figura 4*), começaram a ser incluídas as fotos, mas em tom sépia, ou preta e branca.



Figura 3 – Capa da Revista n.º 6
Fonte: Diálogo – Revista de Ensino Religioso – Editora Paulinas



Figura 4 – Capa da Revista n.º 23
 Fonte: Diálogo – Revista de Ensino Religioso – Editora Paulinas

A grande alteração ocorre a partir da Revista número 25, de março de 2002 (*Figura 5*), quando foi ampliado o tamanho para 23,5 centímetros por 17 centímetros. Também foi mudado o papel da capa e do miolo da Revista. Passou a ser impressa com quatro cores e também com fotos coloridas. Nessa edição a Diálogo – Revista de Ensino Religioso completou sete anos de publicada. No editorial desse número há referência as modificações: “(...) inicia o seu sétimo ano de publicação com novo visual, enriquecida com novas seções e uma apresentação gráfica diferente, que a torna mais dinâmica, interativa e atual” (DIÁLOGO, n. 25, 2002, p. 3).



Figura 5 – Capa da Revista n.º 25
 Fonte: Diálogo – Revista de Ensino Religioso – Editora Paulinas

Ainda na seção Cartas dos leitores a editora volta a expressar, agora de forma mais detalhada, sobre as alterações realizadas, a partir dessa edição:

Prezado (a) leitor(a):

Como você pode notar, fizemos algumas mudanças na **Diálogo – Revista de Ensino Religioso**. Queremos que ela continue sendo um veículo em prol da formação do professor de Ensino Religioso e, de maneira geral, voltada para formação humana, portanto também para professores de outras áreas, pais e pessoas envolvidas com a educação que humaniza e liberta. Pretendemos que a revista:

- Possibilite o aprofundamento de um tema específico a partir de diferentes perspectivas, contribuindo assim para uma visão mais ampla através dos artigos.
- Seja mais dinâmica, trazendo elementos que possam colaborar para a elaboração do trabalho do professor nas seções: *Aprendendo e ensinando; Dicas; Parábolas/Contos e/ ou Poesias; Conheça mais; Teatro e Resenha.*
- Esteja conectada à realidade: *Você sabia; Destaque.*
- Possibilite a aproximação do público com a redação e a troca de experiências: *Cartas; Em Pauta; Entrevista e Sua página.* (DIÁLOGO, n. 25, 2002, p. 6).

Os professores-leitores imediatamente reagem ao “novo visual” da Revista, encaminhando correspondências à Seção Cartas. Entre elas, destacou-se:

Original

A revista **Diálogo** está ótima! Toda renovada, visual diferente, artigos excelentes que ajudam os professores a ter segurança no seu ministério de ensinar valores humanos. Os professores da minha escola leram e acharam que vale a pena vocês continuarem com este visual e conteúdo. Disseram também que é importante uma entrevista a cada edição, como a da edição de março, “Amor pela profissão”. Foi muito boa a fala do professor Amarildo. Experiências assim são ótimas de se publicar. Sugiro ainda que os conteúdos sejam sempre direcionados à prática do professor, inclusive com dinâmicas para desenvolvê-los. Parabéns à equipe! Nelci Bedin – Coord. do Ensino Religioso no Col. N^a S^a da Glória – Francisco Beltrão-PR (DIÁLOGO, n. 26, 2002, p. 6).

Percebeu-se nas cartas que a alteração no estilo e visual, como novo formato, imagens, fotos e a inclusão das cores, trouxeram implicações à percepção dos professores-leitores. Eles declararam que essa nova apresentação da Revista auxiliou na interpretação dos textos e temas tratados.

São lançadas quatro Revistas por ano, nos meses de fevereiro, maio, agosto e outubro. Com relação ao conteúdo, a revista é monotemática. Aborda o mesmo tema, concernente ao Ensino Religioso, sob vários aspectos. Entre os temas abordados têm artigos de fundamentação teórica, apresenta experiências pedagógicas, sugestões de atividades e dinâmicas educativas, notícias sobre eventos do Ensino Religioso, indicação de leitura e de subsídios relativos ao tema abordado na edição.

A Revista pode ser acessada eletronicamente, pelo site da editora: <http://www.paulinas.org.br>. No site, o internauta tem acesso também às edições anteriores, onde pode adquirir e realizar a assinatura da Revista. Outras publicações da editora também estão disponíveis.

2.2.1 Desmontar para entender

Para se ter idéia de como é concebida a Revista Diálogo e como são abordados os temas, nesse espaço procurou-se retratar cada seção e artigos. A meta é ‘desmontar’ o exemplar da Revista Diálogo de número zero, para melhor entender a sua dinâmica de exposição dos temas.

No primeiro número – a revista zero – o tema foi o “ensino religioso no Brasil” e o papel do professor dessa disciplina. Nela constam sete cartas de manifestações parabenizando pela iniciativa da Paulinas e de interesse em adquirir números da Revista. De Dourados, Mato Grosso do Sul, Vânia Maria W. Spessatto expressa o interesse da escola “em efetuar assinatura” e que o lançamento da revista vem preencher “a falta enorme de subsídios para a disciplina do Ensino Religioso” (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p. 4). Igualmente o Núcleo Educacional de Tabaguassu, no Mato Grosso do Sul, por meio da técnica-pedagógica, Arlinda Nogueira, comentou estar feliz “ao saber que os professores de ER poderão doravante contar com uma revista específica de Ensino Religioso”. Ainda desejou “receber o primeiro número da revista para enriquecer o acervo” do núcleo (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p. 4).

O apoio dos bispos: Dom Aloysio Leal Penna, de Bauru e Dom Irineu Danelon, de Lins, municípios do interior de São Paulo, demonstra a importância que o clérigo católico deu à iniciativa de criação da Revista Diálogo. Dom Aloysio comenta da aceitação da Revista por parte dos bispos: “(...) na reunião da Presidência e CEP” da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ocorrida no dia 25 de abril de 1995. Ele acrescenta que: “A iniciativa foi aplaudida por todos” (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p. 5). Sob o título “Uma Palavra da CNBB”, o comentário de Dom Irineu é extremamente importante porque se trata do representante do “Setor de Serviço à Educação e ao Ensino Religioso”, da CNBB. Para ele a Revista Diálogo terá a função ainda de promover “o intercâmbio entre as diversas regiões do Brasil (...)”. E ainda “com outros organismos e pastorais dentro de uma proposta orgânica e interdisciplinar, colaborando para a formação dos educadores de ensino religioso,

particularmente na capacitação quanto aos conteúdos, metodologia, comunicação, relações humanas, ética etc.” (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p. 5).

O panorama do Ensino Religioso no Brasil é o primeiro artigo, assinado por Anísia de Paulo Figueiredo, pedagoga, escritora e que naquele ano fazia parte da Comissão de Ensino Religioso, da Secretaria de Educação de Minas Gerais. Também membro do Grere. O artigo, que ocupa 14 páginas (da 6 a 19), de Figueiredo, contextualiza o ER na história brasileira e evidencia os debates que o tema passava no período. Depois de apresentar um histórico, onde Figueiredo destaca que somente a partir da década de 70 é que o ER “começa a ser diferenciado da Catequese, nos discursos da Igreja” católica (REVISTA DIÁLOGO, 1995, p. 6 e 7). A autora destaca o percurso para a “elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (REVISTA DIÁLOGO, 1995, p. 8). Também a discussão sobre a adoção da prática confessional, interconfessional ou ecumênica e a formação de professores em todo o território nacional. (REVISTA DIÁLOGO, 1995, p. 13).

Após o artigo de Figueiredo, tem o poema “Presença”, de Jackson Antunes, extraído de “As cores do Simples”, da Editora Paulinas. Na seqüência vem outro artigo, agora assinado pela pedagoga Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Naquele ano, 1995, ela era mestrande da PUC/SP, em Ciências da Religião, membro do Departamento de Ensino Religioso da Regional Sul I, da CNBB e coordenava o ER no Colégio Nossa Senhora do Rosário, em São Paulo.

A emergência do fenômeno religioso e o papel do professor é o título do artigo de Teixeira da Silva, que ocupa seis páginas. A autora percorre a história do ser humano, na busca pelo relacionamento com o Transcendente. “A insatisfação do ser humano permanece. A técnica, a ciência, a filosofia não conseguiram responder as suas questões fundamentais. E, do fundo dessa insatisfação, o ser humano lança um apelo” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 22). Ainda segundo a posição da autora, a humanidade só receberá a atenção que deseja se, entre o ser humano houver pessoas que compreende, que esteja atento ao pedido de socorro. Para isso: “É preciso ser sensível ao apelo do ser humano que busca o sentido da sua própria vida e também da vida da sociedade em que vive. Talvez o grande desafio esteja em decifrar esse apelo e propor um caminho, uma via, uma resposta” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 22).

Continua Teixeira da Silva, que essa resposta possa vir por meio da “interpretação libertadora de experiência tão significativa” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 22). Essa “interpretação libertadora” descrita pela autora são valores como amor, paz, justiça, entre outros, e que estejam internalizados na vida humana. Essa internalização faz com as pessoas compreendam e apreende o que realmente tem valor à vida. Dos questionamentos do ser humano, ao papel da escola, nessa sociedade de multiplicidade religiosa, a pedagoga defende que o Ensino Religioso seria o transporte adequado para a busca do intercâmbio e do “autêntico diálogo inter-religioso” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 26).

Para essa convivência inter-religiosa o papel do educador é fundamental. Ela concluiu o artigo com um questionamento enfático e necessário aos leitores-docentes:

Não cumpriria ao professor de Ensino Religioso aprofundar o próprio conhecimento, através de estudos e reflexões que o ajudem a compreender cada vez mais e melhor seu aluno e o contexto no qual este se desenvolve e assim, com competência e sensibilidade – há de ser sensível e competente –, propiciar-lhe momentos que favoreçam o emergir da religiosidade que lhe é inerente, em vista de uma autêntica experiência de Deus, para que valores como o amor, a paz, a verdade, a fraternidade, a justiça sejam assumidos como sentido da vida humana e possibilidade de um mundo melhor? (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 26).

Therezinha Motta Lima da Cruz, secretária do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, também membro do Grupo de Reflexão de Catequese da CNBB Nacional, assina o artigo sobre Celebrar: um jeito humano de se expressar. Esse artigo ocupa as partes centrais da revista, totalizando 13 páginas. Cruz, já na década de 90, possuía ampla experiência na área de Educação Religiosa. É a autora da Coleção Irmãos a Caminho, da Editora FTD, e do livro A catequese e o desafio da cidade, editado por Paulinas. Nesse artigo Cruz deixa claro que a celebração faz parte do ser humano, seja ele religioso ou não. A autora destaca a função da celebração: “(...) não é só para dar alegria. Ela tem outros efeitos: reforça sentimentos, alimenta lealdades, alicerça compromissos, aumenta a consciência de pertença ao grupo que celebra” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 28). Ela busca no sociólogo Durkheim (1858–1917), base para essa defesa: “(...) observou que o crente não é alguém que sabe mais sobre os mistérios da vida, mas é alguém que se sente mais forte para enfrentar a vida, e essa força ele adquire no rito, na celebração” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 29). Por essa função é que a celebração é tema do Ensino

Religioso. Como tema cabe aos educadores auxiliar os discentes “na percepção dos valores humanos envolvidos, da força mobilizadora contida no ato de celebrar” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 29).

Os docentes incluindo a celebração como conteúdo da disciplina do Ensino Religioso estará levando seus alunos à reflexão. A autora vai além e sugere aos professores desenvolverem atividades com os alunos:

(...) registros das observações feitas em algum acontecimento ou cerimônia, entrevistas com pessoas que participam desses acontecimentos, relatos das próprias experiências, estudos comparativos... Um grupo poderia ver a festa do Oscar na TV ou um festival de música e registrar os elementos celebrativos; outro poderia entrevistar pessoas que saem de celebrações religiosas e perguntar como se sentem; todos poderiam partilhar o que os motiva quando celebram em família, que outras ocasiões lhes despertam desejo de celebrar... (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 29 e 30).

A linguagem utilizada nas celebrações, seja ela religiosa ou não, também é sugerida por Cruz, como tema do trabalho educativo. A expressão da celebração vai depender da maneira como o professor trabalhou o tema e do “comprometimento dos(as) alunos(as) e da comunidade escolar”, concluiu Cruz. (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 38).

Novamente percebe-se a preocupação da editoria em “quebrar” textos extensos, longos intercalando com leituras rápidas, curtas como na página 20, com o poema. Agora, é um conto de Kahlil Gibran (1883–1931), na página 40, que descreve Deus nos detalhes da vida cotidiana.

O próximo texto trata sobre Ética e religião, escrito por Jung Mo Sung, doutor em Ciências da Religião, professor de pós-graduação em Ciências da Religião no Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo, São Paulo, e no curso de mestrado em Teologia Moral, no Alfonsianum–ITM, em São Paulo. É também autor dos livros: *Se Deus existe, por que há pobreza?*, Paulinas, 1995; *Deus: ilusão ou realidade?*, Ática e *Conversando sobre ética e sociedade*, Vozes.

O artigo começa na página 41, indo até a 48. Leva uma retranca: Ética e religião. Retranca é “a palavra que identifica uma reportagem” (REDAÇÕES, 1989, p. 20). O título é *A religião e o sentido da vida*. São oito páginas, em que o autor discorre sobre a religiosidade que há no ser humano, que é fator que o torna mais aberto para a vida em “comunhão com os outros, numa relação de bem-querer” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 42).

Para o doutor Sung, quem tem “uma experiência humanizante”, ou seja, com direitos, mas também com limites na vida, possui “uma consciência ética”. Ele explica:

(...) ao nos descobrirmos seres em relação, passamos a sentir-nos responsáveis também pela vida de outros, principalmente dos mais fracos. É a descoberta de que é na relação com os outros, defendendo e promovendo a vida – o maior dom de Deus –, que tornamo-nos mais humanos (...) (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 43).

O autor ataca a relação que se tem na sociedade capitalista atual. Para ele, o progresso e o mercado defendido são ilusórios. Não podem realizar todos os desejos do homem. O querer não é poder. A concorrência mercadológica, da sociedade voltada para o capitalismo, leva ao egocentrismo, a satisfação, não importando o preço a ser pago.

A sociedade moderna creditou à humanidade ser ilimitada, que tudo existe para satisfazer os desejos e anseios do homem, e não mais uma convivência de relação, de abertura ao próximo.

O sentido da vida humana passou a ser a acumulação de riqueza e a ética foi substituída pelas leis do mercado e pela defesa do interesse próprio. O dinheiro ocupou o lugar de Deus, e o egoísmo o lugar da solidariedade e da ética (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 46).

Com a inclusão da ética, nos discursos e debates políticos, econômicos e sociais há uma quebra do paradigma de que o mercado e o progresso tecnológico seriam sozinhos os salvadores da sociedade. Mas, que ambos devem estar subordinados à ética e visam o bem-estar social.

Portanto, para o doutor Sung, a ética e a religião são temas centrais para qualquer sociedade que deseja a solução aos problemas econômicos e sociais. O começo, segundo o autor, para que a religião e a ética tornem-se parte de cada ser humano é o Ensino Religioso.

Nas duas páginas seguintes é apresentada uma atividade para ser desenvolvida em sala de aula. Sob o título Dinâmica, que tem o objetivo de despertar no aluno a “capacidade de ver, ouvir, silenciar, autoperceber-se (...)” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 49), sob o aspecto religioso. Outra coisa. É meta despertar em cada indivíduo o aprendizado com a experiência do outro e descobrindo-se cada um e como grupo social.

A dinâmica que traz o subtítulo: Desenhando conforme a música, foi traduzida pela equipe da Assintec-Curitiba, da apostila Janelas para o Mundo-1, de Therese Hegarty. Nos procedimentos para a realização da dinâmica, há três momentos: o desenho conforme as músicas instrumentais apresentadas pelo professor. Depois a apresentação que cada aluno faz do seu desenho, expressando assim, os sentimentos e vivência e por último, idéias para que o docente faça a adaptação que achar conveniente para cada faixa etária.

Sob a retranca: Experiência, nas páginas 51 até a 60, a pedagoga e mestre em Teologia, Lurdes Caron, descreve sobre os 25 anos da “Educação Religiosa em Santa Catarina”. Caron contextualiza a atuação da Educação Religiosa Escolar (ERE) nas instituições pública, a partir de 1970. O papel fundamental que a CNBB (Regional Sul IV), (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 52), desempenhou junto com a equipe de professores da Secretaria de Estado da Educação (SEE).

Depois por iniciativa da CNBB (Regional Sul IV) foram convidadas “diversas confissões religiosas interessadas em promover e articular” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 53) o programa de ERE, com visão ecumênica, atualizá-lo e na busca pela formação de professores do Ensino Religioso. Foi criado, então, o Conselho Interconfessional para Educação Religiosa, em 1972. Em 1995 já era Conselho de Igrejas para Educação Religiosa (CIER).

O CIER atuou de maneira decisiva para o crescimento dos programas e conteúdos da Educação Religiosa Escolar em Santa Catarina. Caron discorreu também sobre os professores de ERE e sua formação. Em Santa Catarina até 1995 as escolas públicas dispunham de professores para a pré-escola e da 1.ª a 4.ª série do 1.º grau o ensino religioso era ministrados por professores regentes. Para 5.ª e 8.ª série do 1.º grau e 2.º grau eram professores de ERE, porém “admitidos em caráter temporário ou então são professores efetivos no Magistério Público Estadual de SC, que cedem parte da sua carga horária para atuar com aulas de ERE” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 58).

A pedagoga continua expondo que há casos também de professores que completam suas cargas horárias com aulas de ERE, conforme o regime trabalhista de 10 a 40 horas aulas semanais. Os docentes de 5.ª a 8.ª séries e 2.º grau são admitidos e remunerados pelo Estado, em caráter provisório – temporário – por meio do Acordo Coletivo de Trabalho (ACT), porém são indicados pelos membros das igrejas que integram o CIER. A contratação temporária, conforme apontou a

pedagoga, gerava desconforto aos professores, por não terem a estabilidade funcional e para as instituições de ensino, pela constante movimentação do quadro de docentes.

Caron apontou ainda o desafio da contínua formação de professores para o ERE, em Santa Catarina. A articulação da Secretaria de Estado da Educação, do CIER e das instituições de Ensino Superior na região procuraram desenvolver “cursos de aprofundamento para professores de ERE, de 360 e de 120 horas/aula” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 59). Cursos mais breves, com o objetivo focado na formação didático-pedagógica e específica (religiosa), também são realizados, com carga horária de oito até 30 horas/aula. A autora concluiu declarando a existência da pluralidade religiosa à ERE e ao CIER e que a experiência nesses 25 anos “é um marco positivo na formação dos educadores catarinenses” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 60).

Nas páginas de número 61 e 62 estão as resenhas de três livros. Os livros são relacionados com os temas religiosos e educacionais. Dois são de autoria de Francisco Catão. Todos eles foram publicados pela Editora Paulinas. Não são necessariamente lançamentos. O primeiro livro apresentado é de autoria de Bernard Häring e Valentino Salvoldi, *Tolerância – Por uma ética de solidariedade e de paz*, publicado naquele ano (1995), com 120 páginas. Trata de uma abordagem bíblica da tolerância, como condição para a paz.

A Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou 1995 o “Ano Internacional da Tolerância”. Os autores objetivaram contribuir para uma reflexão mais profunda do tema. Para eles, “o caminho rumo à tolerância não é apenas um trabalhoso processo histórico, mas também um desafio cotidiano no qual os seres humanos estão totalmente envolvidos, permeando as diferentes esferas do viver social” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 61).

O segundo livro é: *Em busca do Sentido da vida – A temática da educação religiosa*. Publicado em 1993, com 176 páginas e o primeiro livro de Catão apresentado. O autor descreve o interesse da sociedade pelo tema Religião, mas que continua sendo difícil falar sobre. A religião, segundo o autor, só poderá ser integrada no dia-a-dia das pessoas se responder ao questionamento básico: o sentido da vida. No livro ele procura dar “respostas consistentes a essa questão” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 61). Ele escreveu sobre a abordagem usada por Jesus, para descrever o sentido da vida. Essa abordagem deve ser o ponto de

partida da educação religiosa. O papel da escola nesse processo é importante. É o local onde se reúne “educadores e educandos na busca e na construção do sentido da vida” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 62).

A última resenha descrita é também de autoria de Francisco Catão. É A educação no mundo pluralista, publicado por Paulinas, com 108 páginas. Ele escreve sobre a sociedade pluralista da atualidade e como a escola e o ensino religioso podem atuar nesse processo. Catão propõe a necessidade de desenvolver “uma pedagogia humanista, voltada para o aprendizado da vida pessoal em sociedade e que coloque o aprendizando como sujeito de seu próprio desenvolvimento” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 62).

Na penúltima e a primeira metade da última página da Revista Diálogo, número zero, são descritos lançamentos de livros. É a Biblioteca do ERE – Lançamentos. Os quatro primeiros livros são da Coleção Ensino Religioso Escolar – Série Fundamentos, da Editora Vozes, de 1995. Os livros são apresentados conforme a ordem: Ensino Religioso: perspectivas pedagógicas, de Anísia de Paulo Figueiredo; Um paradigma didático para o ensino religioso, de Lizete Carmem Viesser; Desenvolvimento da experiência religiosa, do Irmão Sérgio Junqueira, fms e O ensino religioso na escola, de Wolfgang Gruen.

Na última página estão outros dois livros. Um da Editora Letras & Letras, 1995: O fenômeno religioso – ensino religioso escolar, de Francisco Catão, e o segundo, da Paulinas Editora, organizado por Faustino Luiz Couto Teixeira, sob o título Diálogo de pássaros – nos caminhos do diálogo inter-religioso.

Ainda nesta página 64, na outra metade, está reservada para as Notícias, onde estão duas informações de cursos. Um sobre o 2.º Curso de especialização em Ensino Religioso (CEER), pós-graduação (latu sensu). Uma parceria da Associação das Escolas Católicas de São Pulo (AEC-SP), com a PUC-SP. O outro curso é sobre Ensino Religioso Escolar – CERE – que já acontecia há seis anos, nas férias escolares, para professores.

2.2.2 Dez anos: último número

Dez anos depois de lançada, a Diálogo – Revista de Ensino Religioso – mudou, porém em partes. Com relação ao formato, gramatura do papel na capa e no miolo da Revista, uso de fotos coloridas, não houve mais mudanças, somente

quando completou sete anos (março de 2002, número 25). Também na abordagem monotemática, não ocorreram alterações.

Porém, se comparado o último exemplar analisado, o de número 40, de outubro de 2005, com a Revista número zero: as alterações aconteceram e muito. A Revista ficou visualmente mais atrativa, com fotos ampliadas e coloridas.

O tema deste exemplar é a Inclusão: deficiência e potencial humano. Os articulistas desenvolveram os artigos sob as perspectivas: sociocultural, antropológica, sociopolítica, educacional-pedagógica, psicológica. Essas perspectivas e do ponto de vista do tema “inclusão” são também na Revista retrancas, chamando a atenção do leitor-receptor. Perspectivas ou retrancas que reforçam a imagem das demais seções do periódico, que são: Dicas, Destaque, Aprendendo e Ensinando, Preces, Entrevista, Você Sabia, Conheça Mais, Em Pauta, Dinâmica, Sua Página e Resenha. No total são 66 páginas, com 18 artigos, abordando o tema inclusão.

O Editorial é assinado pela irmã Luzia Sena, que se despede dos leitores de forma breve:

“Idas e vindas fazem parte da vida. A partir desta edição, Maria Inês Carniato assume a diretoria de Redação da revista Diálogo. À nova diretora, boas-vindas, e a todos(as) vocês, com quem mantive um diálogo enriquecedor e amistoso no decorrer desses 10 anos, obrigada!” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 40, 2005, p. 3).

Constam cinco correspondências publicadas na Seção Cartas, na página seis. Foram utilizadas duas imagens sobre artigos publicados anteriormente e que os receptores-leitores, um de Campinas, São Paulo e o outro de Brasília, Distrito Federal, referem-se em suas correspondências. Na página sete está o “Recado da Redação”, onde os leitores-professores são estimulados a escreverem para a Revista e os endereços das Livrarias Paulinas em todo o território nacional.

O primeiro artigo é de Antonio Boeing, sob o título “Diferenças: potencialidades a descobrir. São quatro páginas com três imagens, sendo duas fotos. O autor é doutor em Ciências da Religião, assessor do Departamento de Ensino Religioso da Associação de Educação Católica de São Paulo (AEC-SP) e professor nas Faculdades Integradas Claretianas. O próximo artigo as “Deficiências e dimensões existenciais humanas”, de Luís Henrique Beust, consultor em educação junto à Organização das Nações Unidas (ONU) e ao Ministério da Educação e

Cultura (MEC). Sob o aspecto antropológico, o autor destaca a integralidade do ser humano. Da página 12 a 16, o artigo é ilustrado com três fotos e um esquema-desenho.

A página 17 apresenta a publicidade de três livros da Coleção Temas do Ensino Religioso, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em parceria com a Editora Paulinas. Nas páginas de 18 a 22 o pedagogo e mestre em Educação Especial, Júlio André Dela Corte, explana sobre “Educação especial em tempos de inclusão”. Com abordagem sóciopolítico-educacional, o autor trata dos problemas que o educando com necessidades especiais encontra para ser incluído na escola. Para ele a inclusão tem um movimento: “do todo para o uno (...) com qualidade e seriedade” (REVISTA DIÁLOGO, n.º 40, 2005, p. 22). Com uma foto em preto e branco, que ocupa duas páginas e impacta o leitor-receptor sobre o trabalho infantil com carvão. Há ainda dois desenhos.

Novamente tem publicidade de livros lançados pela Editora Paulus, na página 23. “Inclusão: papel da família e da escola” é o artigo da psicóloga Célia Regina da Silva Rocha. São quatro páginas, com quatro fotos coloridas. A retranca do próximo artigo é o pedagógico e trata do “Superando a surdez com diversidade textual”, de Mariana Moraes dos Santos, pedagoga e mestranda em educação e pelo doutor em Psicologia, Aristonildo Chagas Araújo Nascimento, ambos da Universidade Federal do Amazonas. Trata-se de um projeto e experiência pedagógica realizada com crianças surdas, na faixa etária de 7 a 9 anos.

Depois o artigo “Acolhidos na Arca”, assinado pela doutora em Psicologia Clínica, Ione Aparecida Xavier. São três fotos coloridas, entre elas, a da capa, que apresenta integrantes da Comunidade Arca no Brasil. Das páginas 36 a 38 está o artigo sobre o “Espaço Gandhi”, que trata do trabalho desenvolvido pela Associação Palas Athena, nesse espaço urbano de São Paulo. São utilizadas três fotos da Praça Túlio Fontoura. Na página 39 tem a chamada para que o leitor-receptor faça a assinatura da Revista Diálogo.

A Seção Aprendendo e Ensinando ocupa das páginas 40 a 43, sob o título “Educando para a inclusão”. A seção é assinada pela mestra em Ciências da Religião e autora de livros de Ensino Religioso, Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e também pela irmã paulina, escritora e diretora de Redação da Revista Diálogo, Maria Inês Carniato. A Seção contou com uma foto e dois desenhos para ilustrar. As duas páginas seguintes são usadas pela Seção Dicas, onde são

apresentados 12 títulos de livros que abordam os temas de inclusão, todos da Paulinas Editora.

Na seqüência, e ocupando quatro páginas (da 46 a 49) está a Seção Destaque, com o artigo Cura: a importância da fé, de autoria de Léo Pessini, professor-doutor em Bioética. As próximas duas páginas são para a Seção Preces, com quatro orações: espírita, árabe, judaica e católica. Há três imagens, sendo duas fotos. A Seção Entrevista está nas páginas 52 e 53, com o título “Ver com as mãos”. O entrevistado é Rogério de Chico, administrador de empresas e o responsável pelo Grupo Brasil, organização não-governamental, que desenvolve projetos com pessoas portadoras de surdo-cegueira.

Você Sabia é a seção que ocupa as duas páginas seguintes. Nela estão os “gênios” da Ciência e da Arte, como Aleijadinho, Van Gogh, Albert Einstein, entre outros, que se destacaram na área que possuíam deficiência. “Coner: desafios e esperanças” é o artigo de Moema Muricy, presidente do Conselho de Ensino Religioso (Coner), seccional Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, na Seção Conheça Mais. O artigo conta com duas fotos para ilustrar. Em seguida, está a Seção “Em Pauta”, que ocupa as páginas 58 a 60, onde são divulgados cursos de especialização e de capacitação para professores e pais. Na página 61 há novamente uma propaganda da Revista Diálogo, porém agora com o cupom de cadastro para os interessados em se tornar assinantes.

A Seção Dinâmica é assinada pela pedagoga, especializada em Ensino Especial, Nídia Ruiz Alfonso Douglas. O título é “Construindo uma educação inclusiva”. Depois tem a Seção Sua Página, onde “Amigos especiais” é o artigo assinado pela professora Micheline Ferreira de Carvalho. A Resenha está na página 66, com o título “Deficiência, tragédia ou bênção de Deus?”. Nesse espaço encontram-se informações sobre a obra organizada pelo psiquiatra Rolando Benenzon: “As pessoas portadoras de deficiência e nós”, da Paulinas Editora. Na contra-capá interna está a publicidade da Revista Família Cristã, também do Grupo Paulinas. Na externa estão dois livros infantis, em Braille, sobre inclusão social. Ambos das Paulinas.

3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PROSSEGUIR NA CONTINUIDADE

A *Diálogo* – Revista do Ensino Religioso foi criada *a partir dos e para os* professores. Aos docentes do Ensino Religioso (ER), a Revista oferece conteúdo para auxiliá-los na busca permanente da ação pedagógica. A procura pela formação continuada não é privilégio ou necessidade somente dos docentes do ER. Trata-se de um imperativo inerente a cada profissional e também pela exigência do mercado de trabalho.

Como a relação do mercado de trabalho com o profissional passa pela informação, comunicação e conhecimento tecnológico, há de se destacar o papel fundamental que a formação de professores exerce nesse contexto. Ela se sobressai como um instrumento de alta potência que permite o acesso das pessoas aos mais variados campos da informação e do conhecimento social.

Mas, o que vem a ser formação? Trata-se de formação como conceito de desenvolvimento pessoal, e aqui, do profissional-professor. Alguns autores citados por Garcia (1999), como González Soto (1989), Zabalza (1990a) e Ferry (1991) descrevem a formação ligada ao crescimento pessoal. Para eles, é o processo de desenvolvimento que o profissional caminha para alcançar um registro identificável, baseado na realidade e princípios da sociedade que se está inserido (GARCIA, 1999, p. 19).

Zabalza (1990) define como: “O processo de desenvolvimento que o sujeito humano percorre até atingir um estado de <<plenitude>> pessoal” (ZABALZA, 1990a, p. 201 apud GARCIA, 1999, p. 19). Também González Soto (1989) postula nessa mesma linha de pensamento: “(...) diz respeito ao processo que o indivíduo percorre na procura da sua identidade plena de acordo com alguns princípios ou realidade sociocultural” (GONZÁLEZ SOTO, 1989, p. 83 apud GARCIA, 1999, p. 19).

Essa formação de professores produz realizações pessoais, sociais e institucionais. É a formação do indivíduo que gera crescimento em si próprio, alcança a instituição na qual pertence, pois se trata do ambiente em que executa suas ações e saberes. Vai além. Extrapola para a sociedade, em forma de conhecimento transmitido e transformado.

A meta da formação dos professores é uma “mão-dupla”: ao mesmo tempo em que o profissional-professor busca superar a si mesmo em um “processo de

desenvolvimento”, ele também está inovando suas ações, que vão refletir em sua prática em sala de aula, em sua didática. Quem sai “ganhando” nesse processo? Todos: professor, aluno e sociedade. O docente por executar e transformar sua didática, tornando-se um profissional reflexivo e que busca a melhoria em seu procedimento. Os discentes com uma aprendizagem mais voltada à reflexão, de forma significativa ao seu cotidiano, necessidades profissionais e pessoais.

Garcia (1999) conceitua:

A formação de professores é a área de conhecimentos, investigação, de propostas teóricas, práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, o que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem (GARCIA, 1999, p. 26).

Todo esse caminho trilhado pelo professor para a sua formação reflete no desenvolvimento do seu ensino e no seu aluno. É a partir do crescimento pessoal do aluno que se tem ferramenta, ainda que parciais, de avaliação da qualidade que o professor ou grupo de professores passou ou passa na busca pela formação profissional.

Ainda na perspectiva de Garcia (1999) a formação de professores pode ser vista pelo profissional como ‘ato contínuo’ em sua carreira e de forma a integrá-lo ao contexto histórico-político-social. O profissional-professor está inserido em uma comunidade local, que faz parte de uma sociedade, com toda a complexidade estrutural de uma organização. Portanto, não dá para fragmentar o profissional-docente das demais conjecturas. A instituição a qual o professor desempenha suas funções caminha junto com ele e vice-versa. É uma relação estimuladora, onde um facilita e orienta o outro para que a prática da ação de “ensinagem”, seja norteadora para novas aprendizagens e reflexão.

O professor busca sua formação, a instituição também, procura subsidiar esse processo, inclusive estimulando para a busca pedagógica dessa formação. O docente aprofundando-se nas questões da Ciência da Educação está se contextualizando também no processo histórico e político da sociedade. Não se pode omitir que cada profissional-professor “(...) desenvolvem um conhecimento

próprio, produto das suas experiências, vivências pessoais, que racionalizaram e inclusive rotinizaram” (GARCIA, 1999, p. 28).

Clift, Houston e Pugach, todos em 1990; Tabachnick e Zeichner, ambos em 1991, são citados por Garcia (1999), porque trata de uma prática onde a análise e a reflexão sobre a ação docente é fundamental, para que se constitua em “fonte de conhecimento” epistemológico. É a ação docente sendo teorizada, analisada e sistematizada em pensamentos reflexivos, para novamente tornar-se prática. É um processo cíclico (veja a figura 6, abaixo) que envolve o profissional-professor, os discentes, uma equipe ou grupos de docentes, pedagogos e demais profissionais da educação. Juntos sistematizam a “reflexão epistemológica da prática”, teorizando, assim, essa prática. O que ocorre é que esses profissionais retornam à sala de aula com novo conhecimento e melhores embasados para atuarem na prática, sabedores e alicerçados em uma teoria existente desse saber prático.

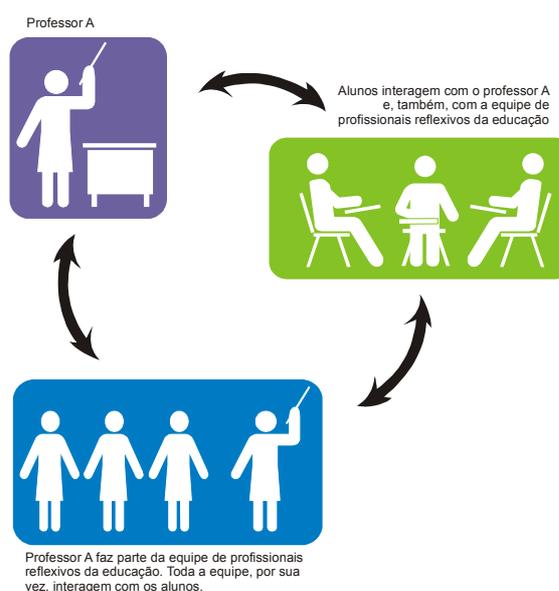


Figura 6 – Reflexão Epistemológica da Prática
Fonte: criação da autora

Cabe lembrar que os alunos também atuam na prática desse professor, quando questionam e buscam no relacionamento em sala de aula orientação sobre essa disciplina denominada “prática do ensino” (GARCIA, 1999, p. 29).

A de se pensar que o professor envolvido em sua própria formação de professores nesse processo cíclico tem salvaguardado suas “características pessoais, cognitivas, contextuais, relacionais (...)”, conforme defende Marcelo Garcia

(1999, p. 29), citando também Mc Nergney e Carrier (1981). Observado essas características de cada um, ou do grupo de docentes e demais profissionais da educação, o desenvolvimento das capacidades e potencialidades serão amplamente atingidos, pois a visão é ampliada do professor-profissional para também o professor-pessoa. Esse processo não é nada homogêneo.

É o princípio de individualização, já defendida na década de 80, por Hoffman e Edwards (1986): “(...) a formação de professores se deve basear nas necessidades e também nos interesses dos participantes, deve estar adaptada ao contexto em que estes trabalham, e fomentar a participação e reflexão” (HOFFMAN e EDWARDS, 1986 apud GARCIA, 1999, p. 29).

Muito se tem abordado sobre a importância da reflexão dos docentes, ser um profissional-professor reflexivo sobre suas práticas. Ocorre que a reflexão e a elaboração de questionamentos sobre a ação docente leva-os a se tornar, cada vez mais, os sujeitos do conhecimento e não apenas “clientes”, em uma relação de consumismo. Conforme Little (1993), “deve dar aos professores a possibilidade de questionarem as suas próprias crenças e práticas institucionais” (LITTLE, 1993, p. 139 apud GARCIA, 1999, p. 30).

Ainda nessa linha de raciocínio, existem concepções na formação de professores, com inúmeras definições e orientações apresentadas pelos estudiosos da Ciência da Educação. Todos com pontos positivos e negativos quando aplicadas. Entre elas, a acadêmica que é capacitar os “professores de uma formação especializada (...)” (GARCIA, 1999, p. 33). Outra é a tecnológica, orientação utilizada também pelas empresas. Aqui a competência do professor é avaliada pelo controle de qualidade de seu produto, ou seja, sua ação e destreza em sala de aula e no ensino individualizado.

A orientação personalista apresenta o professor como ponto central. Ele é o recurso principal no processo de ensino, para isso devem ser “pessoas com uma maturidade adequada” (GARCIA, 1999, p. 38). É o professor suficiente. Já a orientação prática é a voltada para a reflexão da prática do professor em sala de aula, ou para a abordagem tradicional do professor em formação. Ressaltando que, apesar de estar em início da formação como professor, o profissional faz opção (consciente ou não) pelo método tradicional de ensino, como, por exemplo, pela memorização. O docente possui um conhecimento prévio de sua ação didática. Essa prática, sob a visão da abordagem reflexiva, é a que têm orientado, nas últimas

décadas, os pressupostos normativos das instituições de ensino na formação de professores. Demonstra um professor em formação voltado para a auto-análise, autocrítico, pronto para mudar a sua prática pedagógica, se necessário for e até discuti-la com seus pares.

Por último, conforme Garcia (1999), a orientação social-reconstrucionista, ou como é mais conhecida no Brasil, histórico-crítica, ou crítica. Aqui a prática-reflexiva é efetuada visando uma ação social democrática, com compromisso ético. Para isso, os alunos em formação desenvolvem a capacidade de analisar o contexto social no qual está inserido, que envolvem os processos de aprendizagem e de ensino. Como toda ação na profissão-professor envolve ensino e aprendizagem pessoal e de outrem. A mudança a partir de uma auto-análise e autocrítica deve ser encarada como um processo contínuo de formação profissional do docente. Caso contrário, jamais se sairá da 'zona de conforto' e não se terá professor com equidade emocional e profissional.

Outros fatores relevantes apontados por Garcia (1999), que por sua vez buscou em outros autores, são os Conhecimentos Profissionais, também denominados de Conhecimento Psicopedagógico. Aqui, ressalta-se, que no conceito de 'conhecimento' estão englobadas as ciências teóricas, conceituais e práticas de ensino (GARCIA, 1999, p. 84).

Os professores em formação adquirem um conhecimento profissional, que segundo Grossman (1990) e Reynolds (1992) pode ser separado em quatro componentes. "(...) conhecimento geral da matéria, conhecimento do conteúdo, princípios gerais de ensino-aprendizagem e conhecimento didático do conteúdo." (REYNOLDS, 1992 apud GARCIA, 1999, p. 86). Cada um desses componentes é determinante. Por meio deles, o profissional professor em formação fará sua ação e reação – aqui, reação entendida em seu caráter positivo –, primeiramente aos alunos, pares, corpo diretivo, pais e, de maneira ampliada à sociedade. Essa ação e reação são com referência ao estar ou não capacitado a ofertar um mínimo de qualidade de ensino aos alunos, que possuem um conhecimento psicopedagógico (didático) do conteúdo que irá ensinar.

Nesta discussão dos aspectos da formação docente, há de se reiterar que todos os conhecimentos profissionais são decisivos, para o bom desempenho de um professor em formação. Alertam os estudiosos, que o docente pode ter consciência do conhecimento profissional, juntamente com o conhecimento do contexto histórico

e social dos alunos, bem como, o seu próprio, da escola onde se leciona facilitará ensinar e muito mais. Tornará o docente um progressivo mediador do saber e da captura e exteriorização na prática desse saber por parte dos alunos. É tratar e imbutir o “currículo oculto” (FERNÁNDEZ PÉREZ, 1992c apud GARCIA, 1999, p. 91) dos alunos. É ver com os olhos do outro, preocupando-se, valorizando a diversidade cultural existente em cada grupo de aluno e no indivíduo-aluno.

A formação de docentes existe, entre outros objetivos, para capacitar os profissionais-professores de um conhecimento pedagógico fundamental para a prática do ensino na sala de aula. Behrens (1996), entre outros educadores, trilha em defesa da necessidade de professores com “um saber pedagógico” específico.

Há 30 ou 40 anos a formação do profissional da educação era percebida diferentemente. Atualmente o professor deve encontrar os alunos para compartilhar idéias e saberes. Aqui, parte-se do pressuposto que o aluno, mesmo partindo do senso comum, tem sempre com o quê contribuir e partilhar na sala de aula, com seus pares e docentes.

Moraes (1997) afirma que “a atuação do professor traduz sua visão de educação” (MORAES, 1997, p. 18) e retrata a crença que individualmente cada docente tem do sistema educacional e que, conseqüentemente, repassa em sua prática pedagógica.

Essa prática pedagógica dos docentes requer uma base formadora e observa-se que há muito vem sendo questionada, estudada e sugerida modificações. “O nosso trabalho docente (...) merece séria revisão quando nos damos conta de que hoje a qualidade da formação do profissional exige muito mais de nossos alunos que apenas uma reprodução das informações que eles receberam em aula”. (MASETTO, 2001, p. 84).

Ao docente é exigido muito mais que simplesmente repassar seus conhecimentos e experiências. Essa exigência vem da sociedade, do mercado de trabalho que irá requerer do aluno uma nova visão do conhecimento, como processa e sociabiliza esse conhecimento adquirido. Do professor requer também o conhecimento do saber, a capacidade de interação e moderação entre o saber e o aluno.

Gabriel Mário Rodrigues (2000), reitor da Universidade Anhembi Morumbi, em seu artigo intitulado “Novas tecnologias e o papel do professor”, publicado na Folha de São Paulo, escreveu sobre a importância do docente processar a mudança da

sua prática em sala de aula e também da própria instituição de ensino absorver essa transformação.

(...) a transformação educacional vai ocorrer, não porque a escola assim o deseje, mas porque a geração de crianças entre 8 e 12 anos hoje navega com facilidade pela Internet. Bem orientadas, essas crianças são capazes de interpretar informações e aprender sozinhas. (RODRIGUES, 2000, p. 1-3).

O professor José Cerchi Fusari (2004), em artigo “Tendências Históricas do Treinamento em Educação”, publicado no site do Centro de Referência em Educação Mário Covas, analisou como os diferentes processos de ensino-aprendizagem influenciaram a formação dos docentes e vislumbra a transformação positiva na atuação dos professores a partir da década de 80.

O educador, ao propiciar a relação do educando com os conteúdos do ensino, deverá fazê-lo de forma dinâmica e sempre que possível relacionar a experiência do aluno com os conteúdos trabalhados, tentando sistematicamente, evidenciar a importância de uma sólida formação escolar como instrumento para a sua prática cotidiana. Dessa forma, a atuação do educador deverá ser coerente, articulada e intencional, de forma a propiciar a crítica ao social, bem como uma educação escolar viva, na vida social concreta. Daí a necessidade fundamental do educador conhecer muito bem os conteúdos que ensina, sabê-los criticamente em relação ao social concreto e saber transformá-los em algo que produza mudanças no indivíduo, no próprio processo de aquisição desse saber. (FUSARI, 2004, p. 24).

Para Masetto (2001), as atividades pedagógicas devem ser “mais eficientes e mais eficazes para colaborar com a aprendizagem de nossos alunos (...)” (MASETTO, 2001, p. 86). Entre as ferramentas para essa nova prática pedagógica estão as tecnologias de informação, os veículos de comunicação, a Internet, ou ‘rede das redes’, como denominou Rodrigues (2000) em seu artigo, mencionado anteriormente. Essas ferramentas possibilitam a construção do conhecimento. Ressaltando que a tecnologia auxilia o repasse e a transmissão do conhecimento, porém o papel do docente continua fundamental para que o aluno construa o seu próprio conhecimento. Rodrigues (2000) finalizou seu artigo desafiando os professores a compreenderem seu novo papel em sua atuação como docente:

Os que não entenderem essa nova realidade correm o risco de ser substituídos por uma máquina. O professor que trabalha mais como um

facilitador será insubstituível e inesquecível, como até hoje é, para qualquer um de nós, a figura da primeira professora. (RODRIGUES, 2000, p. 1-3).

Por décadas a formação de professores foi pensada e idealizada de modo fragmentado e estanque (NÓVOA, 1992). Essa estagnação dava-se, entre outros motivos, pela visão parcial que o tecnicismo em voga, durante anos, trouxe para a educação.

Já no final da década de 70 e início dos anos 80, Freire (1993), já levantava a bandeira do “(...) ultrapassar a visão fragmentada da realidade” (FREIRE, 1993). Era, um dos primeiros ecos sobre a formação dos professores. Neste período já se falava em superação do individual por meio da liberdade de pensamento, cooperação entre as partes interessadas pelo todo e pelo desenvolvimento da sociedade e dos cidadãos. Nóvoa (1992) defende que a formação do professor:

(...) deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (NÓVOA, 1992, p. 25).

A formação do professor se faz necessária para que a atuação do profissional em sala de aula e no período que está com os alunos ele desenvolva a criticidade, o interesse pelo conhecimento, pela pesquisa e o constante repensar as ações da sociedade em que vive. Há de se destacar que a formação dos docentes, passa pela aptidão, critérios morais e de cidadania de cada indivíduo-profissional-professor. Ainda, como observa Nóvoa (1992), o professor busca reforçar seus conhecimentos e saberes específicos, conforme a habilidade e o sentimento motivacional que o impulsiona, na maioria das vezes, a ‘paixão’ pelo saber.

Na busca da formação, o docente desempenhará também o papel de fomentar no aluno a procura por uma melhor qualidade de vida, como indivíduo, para a sociedade, dentro de uma visão ética e global. Partindo do indivíduo e suas ações, com reflexo no global entre sua própria espécie e as demais formas de vida no planeta, o professor é também sujeito no processo de aprendizagem. É um mediador do conhecimento, portanto busca, na troca de idéias, no diálogo com os alunos, a base para a produção do conhecimento. É um líder e como tal procura inserir seus alunos no contexto socioeconômico-político, não esquecendo a ética,

pelo contrário, ressaltando-a. É nessa perspectiva que Nóvoa (1992), destaca que o professor é um importante articulador, também crítico e criativo. Ele aprimora seu próprio conhecimento e estimula no aluno o “aprender a aprender” por meio do ensino com pesquisa. Ao mediar a produção do conhecimento nos alunos, o docente estimula o exercício da reflexão e questionamento, para que os alunos extraíam suas próprias formulações. Ele libera o aluno para a emancipação do seu próprio conhecimento no processo pedagógico. Com base em uma formação docente reflexiva, o profissional-professor é desafiado a buscar alternativas pedagógicas competentes. Sempre se questionando sobre como deve atuar na formação do aluno. Ele passa a trabalhar com e no aluno os dois hemisférios cerebrais: esquerdo e direito; razão e emoção.

Dar continuidade à própria formação é uma necessidade. Isso porque “aprender a ensinar e a se tornar professor (...) são processos e não eventos” (MISUKAMI, 2002, p. 47). Como processo é necessário entender que a continuidade da profissionalização do professor não pode ser e estar fragmentada nem isolada do contexto social-histórico-cultural e, até é permitido arriscar, do contexto regional do docente.

Como não é um evento, a formação continuada não pode acontecer como se o professor recebesse um pacote com uma encomenda. Necessita partir da realidade em que o professor se encontra – contexto e realidade regionalizada –, da ação cotidiana, no espaço escolar.

Para que essa formação permanente aconteça, o profissional e a escola, como espaço social, precisam superar as dificuldades e juntos tornarem-se abertos para o trabalho do pensar e repensar, do analisar e re-analisar. Assim, como parceiros, construir a identidade do profissional-professor.

A “essência na formação continuada é a construção coletiva do saber e a discussão crítica reflexiva do saber fazer” (BEHRENS, 1996, p. 135). Essa afirmativa refere-se a coletividade e a reflexão como elementos fundamentais na construção desse “novo” profissional. “Novo” profissional, porque o torna um indivíduo privilegiado nesta construção.

Quando aluno, esse professor aprendeu, realizou, conviveu. Agora, ele re-aprende a aprender, re-aprender a fazer, re-aprender a ser, re-aprender a conviver. Re-aprender que sua ação e atuação, em sala de aula, precisam estar imbuídas de reflexão constante, de contextualidade e dinâmica. Tudo isso, segundo Behrens

(1996), requer continuidade e permanência no processo e princípios que norteiam a profissão.

3.1 Formação dos Professores do Ensino Religioso

Para que o processo do Ensino Religioso (ER) deixe de ser teológico e na prática, abandone o confessional é necessária a formação de professor dessa área do conhecimento. A formação do professor do Ensino Religioso não foge a toda problemática que está em torno da formação de docentes. É permeada pelos pressupostos, como fenômeno religioso, sendo o objeto desta área do conhecimento, cidadania, ética, ação reflexiva, sempre orientando e inserindo os discentes no contexto socioeconômico-político e cultural. Porém, no decorrer da história, "(...) nem sempre foi algo tranqüilo, em consequência da dificuldade da identidade da disciplina" (JUNQUEIRA, 2002, p. 111).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelece a formação do professor do ensino fundamental. O Artigo 33, dessa mesma Lei, também contempla normas de habilitação sobre a formação do professor do Ensino Religioso, totalmente amparado legalmente, mas desamparado na prática nacional. O docente do Ensino Religioso necessita de uma formação específica sobre os saberes que englobam essa área de conhecimento, para que possa ter uma práxis efetiva e com qualidade.

Porém, os entendimentos na interpretação da Lei são diferenciados. Corrêa (2006), escreve que no âmbito Federal, o Conselho Nacional de Educação alega que a Lei 9475/97 não traz nenhum artigo que expresse esta necessidade e prefere transferir a responsabilidade formativa do professor para cada Estado da Federação. Por sua vez, nos Estados há escassez dos recursos financeiros e humanos. O que transfere a formação dos professores do Ensino Religioso, automaticamente, para cursos contínuos.

Desses cursos de formação continuada, com cargas horárias reduzidas, saem professores com conhecimento teórico debilitado, o que transferem para uma prática ausente de uma metodologia eficaz. Corrêa (2006) é enfática ao descrever que os professores atuam em sala de aula:

(...) sem instrumentos balizadores firmados na pesquisa, na competência e a interligação entre teoria e prática séria e comprometida como requer esta área do conhecimento, além do docente não possuir o dimensionamento da importância sobre a informação-formativa da transcendência para a formação global do indivíduo, a superação do etnocentrismo e a promoção de uma vida cidadã plena (CORRÊA, 2006, p. 94).

Por outro lado, essa “dificuldade da identidade da disciplina”, citada pela autora, desafia professores e especialistas do Ensino Religioso a proporem a “formação própria de licenciados”. Esse desafio ganhou amplitude com a instalação do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper), em setembro de 1995, em Florianópolis, Santa Catarina (JUNQUEIRA, 2002, p. 48). Nos objetivos do Fonaper está explicitada a necessidade da “formulação de uma proposta para a formação, em nível de graduação, para o profissional desta área” (JUNQUEIRA, 2002, p. 49). Também entre os princípios norteadores do Fórum, estava a exigência em investimentos na “qualificação e capacitação de profissionais para o Ensino Religioso” (JUNQUEIRA, 2002, p. 49).

O Fonaper foi além. Segundo Junqueira (2002), propôs um “Curso de Licenciatura em Ensino Religioso”, que possibilita no contexto da formação do profissional-professor um “referencial teórico-metodológico” sobre o fenômeno religioso, habilitando-o “para o pleno exercício pedagógico”. Também foi a meta do Fórum Permanente preparar o professor do ER, por meio do conhecimento do fenômeno “presente em todas as culturas, para o exercício pedagógico no âmbito social, cultural, antropológico, filosófico, ético, pedagógico, científico e religioso na escola”. Não ficou esquecido, pelo Fonaper, que esses profissionais também deveriam ter “acesso aos direitos previstos nas legislações específicas do magistério” (JUNQUEIRA, 2002, p. 111 e 112).

Dentro dessa linha, o professor é auxiliado no entendimento sobre o conhecimento humano, de maneira global, sistêmica proporcionando aos alunos o “conhecer-se a si mesmo” para compreender e respeitar o “outro”. Para ensinar o professor precisa vivenciar. Não basta ter o tema “na ponta da língua”, se suas ações são desassociadas do discurso. O Ensino Religioso promove na formação do aluno a compreensão da:

cidadania, que se posicione de forma crítica, que seja intuitivo, sensível, solidário, cooperativo, responsável, agente transformador, hipotético, ético, que seja contra discriminação, que saiba utilizar a tecnologia, que questione a realidade e proponha soluções, que utilize as diferentes linguagens, que

valorize a pluralidade do patrimônio sociocultural e saiba comunicar suas idéias” (CORRÊA, 2004, p. 21).

Dessa mesma maneira, espera-se que o professor do Ensino Religioso tenha em sua vivência e prática todas essas características. É ele como professor que faz a mediação e subsidia os alunos a:

(...) enfrentarem as questões que estão no cerne da vida, despertando-os para que possam desenvolver a religiosidade presente em cada um; orientar para a descoberta de critérios éticos, para que possam agir desde uma atitude dialógica e de reverência no processo de aproximação e de relação com as diferentes expressões religiosas. Para responder a estas exigências é fundamental e indispensável que o profissional do Ensino Religioso tenha uma formação específica que o habilite e qualifique nesta área do conhecimento (JUNQUEIRA et al, 2007, p. 15).

Voltando para o artigo 33, da LDBEN. No primeiro parágrafo já contempla que a responsabilidade para admitir e capacitar os professores do Ensino Religioso é dos sistemas de ensino dos governos dos estados e dos municípios. “[...] § 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores [...] (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/96)”. Os Estados de Santa Catarina e Pará têm licenciaturas para formar o professor do Ensino Religioso. Nos outros estados brasileiros existem cursos livres, de extensão ou de especialização para complementar a formação de professores de outras áreas do conhecimento, no âmbito do Ensino Religioso. O que se torna apenas uma complementação e não uma formação do profissional-professor, na habilitação do Ensino Religioso.

O profissional-docente do ER sente-se obrigado a buscar em outros recursos a autoformação. Entre esses recursos está a leitura. São professores-leitores que procuram adquirir nova visão no conhecimento do fenômeno religioso. Cabe, portanto, aprofundar no estudo da Teoria da Recepção e no processo de comunicação existente entre leitor-docente e o veículo, objeto de leitura: a Revista Diálogo.

4 TEORIA DA RECEPÇÃO: O PÚBLICO-SUJEITO-LEITOR

A relação existente entre o professor-leitor e o periódico *Diálogo – Revista do Ensino Religioso* é, ao mesmo tempo, algo fascinante e intrigante. Porque dessa relação há todo um processo de comunicação e recepção em que produto (a Revista) oportuniza ao público-sujeito-leitor-receptor (o professor) aquisição de conhecimento, de informação. Mas, não pára somente nessa dimensão: o professor-leitor retorna esse saber e interfere na elaboração da Revista, quando “age ou tenta agir sobre a esfera da produção da mensagem, com a intenção de interferir nesse pólo” (SANTHIAGO, 2005, p. 1).

Contudo, como toda teoria, a da comunicação tem trilhado caminhos na história. Desde a segunda metade do século XIX, por exemplo, já se discutia e descrevia sobre as multidões, massa e público, sempre do ponto de vista da psicologia e da sociologia. O italiano Scipio Sighele (1868–1913), sociólogo, em seu ensaio “A massa criminoso” (Turim, 1891) fala da manipulação de muitos por poucos, por meio da sugestão. “Em toda multidão, há condutores e conduzidos, hipnotizadores e hipnotizados. Só a ‘sugestão’ explica como os segundos passam a seguir cegamente os primeiros” (MATTELART, 1999, p. 23). Em 1901 os jornalistas já eram caracterizados como hipnotizadores de uma coletividade. Na segunda edição de “A massa criminoso”, Sighele (1901) retrata o jornalista como “agitador” e seus leitores como “o gesso molhado sobre o qual sua mão deposita sua marca” (SIGHELE, 1901 apud MATTELART, 1999, p. 23).

Comunicação, segundo os sociólogos Loomis e Beagle (1957), citados por Bordenave (1995), é compreendida como processo “pelo qual informação, decisões e diretivas circulam em um sistema social, e as formas em que o conhecimento, as opiniões e as atitudes são formadas ou modificadas” (LOOMIS e BEAGLE, 1957 apud BORDENAVE, 1995, p. 13). Por sua vez, a comunicação faz parte de um processo macro e ao mesmo tempo básico: o processo de organização. Aqui organização é a mesma defendida por Bordenave (1995): “(...) é todo conjunto de partes ou elementos que de alguma maneira se relacionam e se influenciam reciprocamente” (BORDENAVE, 1995, p. 13).

No processo de comunicação não se pode esquecer a “intenção” ao se comunicar algo ou alguma coisa. Ocorre que uma mensagem possui “funções de

linguagem” (CHALHUB, 2002, p. 21), no caso da Revista Diálogo, a função é a escrita. A intenção da editora da Diálogo – que é a “fonte codificadora” – está relacionada ao receptor. Para a editoria da Revista Diálogo espera-se que o leitor-professor selecione a mensagem – decodifique –, a compreenda – interprete “de acordo com seu repertório simbólico-cultural” (SANTHIAGO, 2005, p. 1), a aceite e a aplique.

Já a intenção do professor-leitor também é existente e bastante latente. Como decodificador “deseja selecionar o que é importante para ele, entender, avaliar para decidir se aceita ou não e aplicar o que acreditar válido na mensagem” (BORDENAVE, 1995, p. 20). Porém, o leitor da Revista Diálogo vai além das intenções básicas. Ele possui “intenções específicas conjunturais”, todas relacionadas ao conteúdo da mensagem expressada na Revista.

Bordenave (1995) relaciona 23 itens de possíveis intenções. Dessas, pelo menos seis são nitidamente percebida nas cartas dos leitores da Diálogo: “expressar-se, pedir informação, informar, revelar, mostrar, despertar curiosidade” (BORDENAVE, 1995, p. 20). O autor é uma das vozes que tem defendido o conceito de comunicação amplo, onde aspectos subjetivos falam mais alto, são fortes característicos e não podem ser deixados de lado.

“(…) a comunicação não é, como antes se acreditava, um processo linear e mecânico de codificação, transmissão e decodificação. O enorme potencial conotativo dos signos, as sutis variações possíveis na estrutura da mensagem, e, sobretudo, o intenso dinamismo da vida mental das pessoas, fazem que a comunicação seja um processo de muitas facetas, com um amplo leque de efeitos possíveis, às vezes totalmente inesperados (...)” (BORDENAVE, 1995, p. 23).

Mas, no cenário brasileiro a comunicação com todo seu potencial de abrangência e força, tem desempenhado o papel de auxiliar as pessoas no seu autodesenvolvimento e nas relações sociais? Para Bordenave (1995) a resposta é dupla, tanto positiva quanto negativa. É positiva, porque aproximou “à ciência, à tecnologia, à arte e à cultura” dos grupos e pessoas que viviam isoladas. Encurtou distância. Porém a resposta é negativa quando é sinônimo de “habilidade para manejar as emoções da massa” (BORDENAVE, 1995, p. 30); quando os meios de comunicação não são distribuídos geograficamente de forma equilibrada. O principal motivo desse desequilíbrio é porque os veículos se instalaram onde há maior concentração de consumidor, de clientes. Uma terceira resposta negativa é a ação

ideológica que exercessem ação de bloqueio crítico, de conformismo. O autor resume: “(...) até agora a comunicação tem sido utilizada muito mais para legitimar e manter uma ordem social caracterizada pela exploração das maiorias, pela verticalidade e o autoritarismo das relações, pela demagogia e o apelo às emoções fáceis” (BORDENAVE, 1995, p. 31).

Voltando à história, a “era dos públicos” defendida por Gabriel Tarde (1843–1904), deixou para o passado a “massa”, já que esta depende do contato físico e só se faz parte “a uma única massa por vez” (MATTELART, 1999, p. 24). Aqui retornando à Revista Diálogo, observa-se que ela possui público-alvo, pois os professores-leitores são profissionais dispersos no território nacional e até internacional, que buscam na Revista fonte de informação e saber. O público, segundo escreveram os Mattelart (1999), é produto da longa história dos meios de transporte e de difusão e que progridem com a sociabilidade. “(...) Pode-se fazer parte de vários públicos ao mesmo tempo. E essa complexidade exige que se busquem suas conseqüências sobre os destinos dos grupos (partidos, parlamento, associações científicas, religiosas, profissionais)” (MATTELART, 1999, p. 24). É esse avanço da sociabilidade, e aqui envolvendo todo o contexto tecnológico, social e cultural dos grupos, que despertou nos professores do ensino religioso, na década de 90, a necessidade e desejo de ter um veículo de comunicação. Conforme relata a direção, no Editorial da Revista número zero:

O 10.º ENER – Encontro Nacional de Professores e Coordenadores de Ensino Religioso (Fortaleza, agosto de 1994) –, manifestou a necessidade, já apresentada em Encontros anteriores, da publicação de uma revista que mantivesse o professor de Ensino Religioso nas escolas, tanto públicas como privadas, a par das diversas iniciativas e experiências ligadas à sua formação e à constante atualização do seu trabalho profissional. (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p.1).

A história relata que com a Primeira Guerra Mundial (1914–1917) há o interesse governamental de desenvolver avanços tecnológicos, novos conceitos, inclusive da propaganda de massa. “Os meios de difusão surgiram como instrumentos indispensáveis para a ‘gestão governamental’ das opiniões, tanto de populações aliadas como de inimigas (...)” (MATTELART, 1999, p. 37).

Nesse período, Harold D. Lasswell (1902–1978), cientista político da Universidade de Chicago, analisou a Primeira Guerra Mundial e o impacto da propaganda do Governo. Para ele, propaganda passa a ser sinônimo de democracia

(MATTELART, 1999, p. 37). É essa democracia que de posse das ferramentas de massa, chamada propaganda e audiência, que dá a mídia um papel de onipotência, o chamado “quarto poder”. “A opinião comum que prevalece no pós-guerra é a de que a derrota das forças alemãs deveu-se enormemente ao trabalho de propaganda dos aliados. A audiência é visada como alvo amorfo que obedece cegamente ao esquema estímulo-resposta” (MATTELART, 1999, p. 37). Essa idéia foi reforçada pelas correntes das ciências naturais, principalmente as psicologias da época.

A carta dos professores-leitores, publicada na Revista Diálogo é um estímulo-resposta. Não um estímulo cego, doutrinário, uma via de mão única. Mas, sim um estímulo, à orientação, ao aprofundamento do saber. A aferição está – a partir das Cartas dos Leitores – no interesse por parte dos professores-leitores, pelo aprofundamento no ensino religioso, a importância que dão às mudanças que estão acontecendo em sala de aula. Entre os exemplos há cartas de professores que não atuam na disciplina do Ensino Religioso, que são de outras disciplinas, mas que possuem a revista por outros motivos:

Sou professor de Português na rede Estadual e milito com a pastoral da Juventude na minha Paróquia. Por esse motivo gostaria de receber o primeiro número grátis da Revista para depois fazer a assinatura. Luís Alberto dos Santos – Pedro Gomes–MS. (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p. 4).

O estímulo-resposta é trabalhado na revista, a partir da concepção da direção em fazer com que o leitor participe do processo de elaboração da Revista. É a Seção Cartas o principal ‘condutor de alimentação’ do periódico, para que essa participação ocorra de fato. Esse espaço é reservado para a reprodução das correspondências enviadas à redação do periódico pelo público-alvo. Nelas, os leitores expressam suas opiniões sobre as matérias publicadas, fazem solicitações e sugestões, entre outras ações. Esse espaço é reservado para a reprodução das correspondências enviadas à redação do periódico pelo público-alvo, nas quais expressam suas opiniões sobre as matérias publicadas, fazem solicitações e sugestões, entre outras coisas. Esse estímulo-resposta pode ser observado na introdução da seção:

Caríssimo(a) Educador(a)
Diálogo – Revista de Ensino Religioso é para você. Queremos que ela corresponda às suas expectativas. Para isso é importante a sua

participação. Escreva-nos manifestando o seu parecer e as suas sugestões. (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p. 4).

Há nessa interação uma força mútua muito enraizada. É por meio das cartas e do contato em eventos e encontros dos professores do ER, que se extraiu as sugestões e a inclusão de temas, conforme relatou a editora da Revista, irmã Luzia Sena, em entrevista:

(...) desde o começo procurei criar esta sintonia com o professor, inclusive quando eu participava desses encontros, passava uma listinha (...) “Nós estamos fazendo a revista Diálogo, que vocês pediram; quais os temas que gostariam que fossem abordados? Está faltando algo? Qual a crítica que vocês têm? Alguma coisa não está legal, não está correspondendo? Escreva no papel”. E passava a folhinha (...) e o pessoal escrevia sugestões de títulos para as revistas, assuntos que deveriam ser abordados (...). O que mais pediam era a parte pedagógica (...) desde o começo, nós tivemos essa preocupação muito grande de estar nesse diálogo com o professor para que a revista realmente respondesse a necessidade do professor, tivemos muito cuidado, fazíamos esses encontros sempre, não passava um encontro sem que perguntássemos das sugestões, da avaliação, que a fizessem por escrito, e outro meio muito bom são as nossas livrarias, nós temos livrarias em quase todos os estados do Brasil, de norte a sul, uma variedade grande, tínhamos a possibilidade, as irmãs convidavam para passar nas livrarias e fazer palestras para os professores, junto com o trabalho da revista, íamos para a base trabalhar com os professores, ia-se ouvindo o professor e, antes eu entrava em contato com a pessoa daquele local, fazia um levantamento da realidade, quais os textos usados, qual era o ponto de partida de onde eles estavam e aí levávamos a proposta da revista, e ao mesmo tempo a proposta do Ensino Religioso para pessoas que muitas vezes não participavam do Fórum, nem do Ener, mas que estavam abertas para isso. Através dos cursos, de palestras que a gente dava pelo Brasil todo.

Isso também se percebe no diálogo entre a sugestão do leitor-escritor e na resposta imediata, a qual faz a direção. A editora publica a carta do leitor e logo abaixo coloca sua posição, ou sugestão de leitura, ou simplesmente coloca seus “recados” na seção. Veja os exemplos abaixo:

Sou professor do Colégio Maria Auxiliadora, Canoas/RS, e senti-me contemplado com uma bela e necessária Revista. Penso que os temas são oportunos e estão preenchendo uma necessidade nossa. Meu interesse bem como dos demais colegas do Colégio Maria Auxiliadora é entrosar-nos na caminhada feita pelo **Fórum Nacional do Ensino Religioso**. Lendo o relato das notícias da Revista nº 2, decidimos participar da discussão sobre o esboço desta discussão, já que relatam que estão enviando às bases. Ivo Fiorotti – Canoas–RS.

*Ivo, ficamos felizes com o interesse e decisão sua e de seus colegas em participar da caminhada do Fórum. Para maiores informações, veja **Notícias** nesta Revista. (DIÁLOGO, n. 3, 1996, p. 4).*

Sala dos professores

A experiência da partilha

Queridos amigos da **Diálogo**, gosto de todas as matérias apresentadas pela revista. As mesmas têm sido motivo de conversas apreciativas entre nós, professores das diversas áreas do conhecimento. Envio o relato de uma experiência que, apesar de iniciada há alguns anos, continua sendo referência para novas possibilidades de trabalho no ER (Ensino Religioso), seja na escola particular ou na pública, nas quais trabalho, aqui em Belém (PA). Gostaria muito que vocês pudessem, um dia, nos presentear com uma edição sobre o Fenômeno Religioso nas Palavras, Imagens e Sons (projeto apresentado pelo Seduc – Setor de Ensino Religioso do Governo do Estado do Pará). E assim, a literatura, os contos populares, as histórias infanto-juvenis (literatura), a música e os filmes poderiam ser melhor trabalhados por nós do ER.

Rejane Costa – Licenciada em Educação Religiosa e professora de Educação Cristã na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Redação: Valeu! Rejane, a experiência será publicada numa das próximas edições, e, quanto à proposta de tema apresentada, o Conselho Editorial da **Diálogo** irá estudá-la. Já solicitamos outras informações sobre o trabalho ao Seduc do estado do Pará. (DIÁLOGO, n. 28, 2002, p. 6).

A questão da opinião do público não é algo novo. A década de 30 foi rica em fornecer subsídios para seus estudos sobre opinião pública, propaganda, eleições e negócios de Estado. Em 1932 ocorreu a eleição de F. D. Roosevelt. Ainda nessa década surge “as sondagens de opinião (...). As pesquisas pré-eleitorais de Gallup, Roger e Crossley conseguem prever a reeleição do presidente Roosevelt, em 1936” (MATTELART, 1999, p. 39). Um ano depois era criada “a The Public Opinion Quarterly, primeira revista universitária sobre as comunicações de massa”, pela American Association for Public Opinion” (MATTELART, 1999, p. 39).

A função da pesquisa de opinião é, portanto, aferir, mensurar e categorizar o público-alvo e a relação que tem com o veículo de comunicação. Aqui, observa-se que as duas pesquisas existentes da Revista Diálogo com seu público-alvo, tiveram esses objetivos alcançados. Em 2003, o relatório da pesquisa realizada pelo Departamento de Marketing e Publicidade da Revista, declara o propósito:

1. Objetivos da pesquisa

Atualizar o conhecimento sobre o perfil do assinante da revista, bem como sobre a penetração da mesma em sua família e seu círculo de relações.

Com base nas informações coletadas sobre os assinantes, a pesquisa procurou fornecer subsídios à Direção da revista, para uma avaliação/revisão editorial do produto e para uma estratégia de fidelização dos assinantes. (RELATÓRIO DO DEPARTAMENTO DE MARKETING E PUBLICIDADE DA REVISTA DIÁLOGO, 2003, p. 1).

Já a pesquisa de 2006, foi exatamente aferir o “papel do periódico na formação dos professores de Ensino Religioso no Brasil”, conforme prólogo do

questionário apresentado aos participantes que constam na lista de contato e endereço eletrônico – do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER):

O GPER (Grupo de Pesquisa Educação e Religião – www.gper.com.br) em parceria com a REVISTA DIÁLOGO (Edições Paulinas) realiza esta pesquisa para compreender o papel deste periódico na formação dos professores de Ensino Religioso no Brasil. A DIÁLOGO foi publicada pela primeira vez em 1995, completando, portanto, em 2005, dez anos. Colabore com este momento da Revista Diálogo, sua participação é muito importante, respondendo às questões abaixo. Obrigado!

Para se processar uma “comunicação” há uma fórmula, criada por Lasswell, em 1948: “Quem diz o quê, por que canal e com que efeito?” (MATTELART, 1999, p. 40) beneficiando a sociologia funcional da mídia com conceitos, que separados em setores para os desenvolvimentos de pesquisas, resultaram em “análise do controle, análise do conteúdo” (quem diz o quê), “análise das mídias ou dos suportes” (por que canal), “análise da audiência e análise dos efeitos” (com que efeito) (MATTELART, 1999, p. 40). Sendo que as análises dos efeitos e do conteúdo foram as mais visadas pelos estudiosos porque subsidiavam-nos em nortes para as abordagens do público alvo. Os Mattelart (1999) escreveram ainda que:

A atenção aos efeitos da mídia sobre os receptores, a constante avaliação, com fins práticos, das transformações que se operam em seus conhecimentos, comportamentos, em suas atitudes, emoções, opiniões e em seus atos são submetidas à exigência de resultados formulada por acionistas preocupados em pôr em números a eficácia de uma campanha de informação governamental, de uma campanha publicitária ou de uma operação de relações públicas das empresas e, no contexto da entrada na guerra, das ações de propaganda das forças armadas (MATTELART, 1999, p. 40).

Alguns anos antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial, a pesquisa nos Estados Unidos da América começou a responder à exigência proveniente dos administradores da mídia, voltada para a quantitatividade (MATTELART, 1999, p. 29). É a “Mass Communication Research” (Pesquisa em Comunicação de Massa). Essa linha de pesquisa contradiz a sociologia especulativa européia e é posterior a linha da Escola de Chicago, onde o jornalista Robert Ezra Park (1864–1944), vê em suas pesquisas sociológicas realizadas nos bairros da periferia (MATTELART, 1999, p. 30) respostas aos questionamentos urbanos, portanto, mais próximos da realidade, dos comportamentos dos americanos.

Às idéias e conceitos de Lasswell também encontraram resistências. Foi o caso do relatório da Fundação Payne, em 1933 – sobre os efeitos do cinema no conhecimento das culturas estrangeiras, nas atitudes em relação à violência e no comportamento delinqüente –, que questionava “a teoria behaviorista do efeito direto das mensagens nos receptores, atentando em fatores de diferenças na recepção das mensagens, tais como idade, sexo, meio social, experiências passadas e influência dos pais” (WARTELLA e REEVES, 1985 apud MATTELART, 1999, p. 41).

Os grandes conflitos mundiais sempre dotaram os pesquisadores de munição e foram os “laboratórios”, onde desenvolveram novos conceitos. O psicólogo Carl Hovland (1912–1961) durante a Segunda Guerra Mundial realizou estudos sobre a persuasão junto a soldados americanos. Esses estudos experimentais geraram, no pós-guerra, verdadeiros receituários de como:

“aumentar a eficácia da persuasão de massa, por meio de experiências que faziam variar a ‘imagem do comunicador’, a natureza do conteúdo e a contextualização da audiência (...) capaz de alterar o funcionamento psicológico do indivíduo e de levá-lo a realizar atos desejados pelo emissor de mensagens” (MATTELART, 1999, p. 54).

É, ainda, na década de 40 que o conceito de indústria cultural, criado pelos filósofos Theodor Adorno (1903–1969) e Max Horkheimer (1895–1973) vem à tona. Eles, pensadores e pesquisadores da Escola de Frankfurt analisaram a cultura e sua produção em uma mundialização e como mercadoria uniforme. Para eles, os “produtos culturais, os filmes, os programas radiofônicos, as revistas ilustram a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série ou os projetos de urbanismo” (MATTELART, 1999, p. 77). Aqui, o conceito de produto é “(...) qualquer coisa que pode ser oferecida a um mercado para aquisição ou consumo; inclui objetos físicos, serviços, personalidades, lugares, organizações e idéias” (KOTLER, 1980, p. 224). Tudo era padronizado, semelhante, uniformizado na produção industrial dos bens culturais, para atender uma demanda crescente e envolta na tecnologia que se despontava. Para os filósofos “(...) a racionalidade técnica é a racionalidade da dominação (...)” (ADORNO e HORKHEIMER, 1947 apud MATTELART, 1999, p. 78). Com isso, eles afirmavam que a indústria cultural destruía a função crítica do ato cultural, como expressão e experiência. Não

permitindo a liberdade de expressão autêntica. Na verdade, para eles era a alienação por meio da padronização da cultura burguesa sobre o operariado.

Outro pensador da Escola de Frankfurt foi Walter Benjamin (1892–1940), mas nem por isso concordou com os colegas Adorno e Horkheimer. Para ele, a cultura industrial e suas formas permitem, para um bom observador perceber os detalhes, os fragmentos, “das ruínas da história, a fim de reconstituir uma totalidade perdida” (MATTELART, 1999, p. 80). Tanto Benjamin, quanto Siegfried Kracauer (1889–1966) foram influenciados por Husserl (1859–1938) e sua fenomenologia e “pelas premissas metodológicas de Georg Simmel: a atenção às manifestações de superfície para ter acesso à essência de uma época” (KRACAUER, 1922 apud MATTELART, 1999, p. 80).

No início dos anos 50 são introduzidos novos fatores na sociologia funcionalista da mídia. Entre eles o “grupo primário”, ou “líderes de opinião”. Os estudiosos da comunicação Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet descobrem que “o fluxo de comunicação como um processo em duas etapas (...)” (MATTELART, 1999, p. 48). As etapas mencionadas tratam-se de um grupo de pessoas expostas às informações proporcionadas pelos veículos de comunicações e, portanto, tornam-se os líderes de opinião. A segunda etapa é o grupo que se encontra menos exposto à mídia, portanto menos informados e que “dependem dos outros grupo para obter informação” (MATTELART, 1999, p. 48).

A Diálogo – Revista de Ensino Religioso já nasceu com uma função social e cultural: levar até o professor-leitor o conhecimento atualizado sobre o Ensino Religioso e seu contexto e valores sociais. É um fator cultural, porque interage e realiza a mediação entre o conhecimento-leitor-sociedade. Entre essa função social está a questão da formação de líderes. Os professores-leitores da Revista são formadores de opinião. Não somente no ambiente da sala de aula, ou escolar, como também na comunidade na qual estão inseridos. Para a comprovação, além de professores que exercem seu papel de multiplicadores e mediadores do saber, em sala de aula, também são mediadores em suas comunidades e fazem uso dos conhecimentos transmitidos na Revista para repassá-los ao grupo social ao qual pertencem. Por exemplo:

Temas pedagógicos

O fato de eu ser evangélica, não me impede de assinar uma publicação de uma editora católica, como a revista Diálogo, já que, como professores,

temos o dever de respeitar nossos alunos em suas escolhas. Esta revista é excelente, só precisa incluir nos seus temas propostas pedagógicas mais definidas e abrir espaço para abordar a realidade nordestina: como a religião pode interagir com a seca? Ou na vida dos alunos que têm uma criação dura e sem acesso a informações básicas, tendo a escola como única fonte para isso? Idália Expedita de Oliveira Cunha – Água Fria-BA. (DIÁLOGO, n. 30, 2003, p. 6-7).

Foi com muita alegria que recebi a última publicação da revista Diálogo sobre *Arte e religião*; gostei muito da entrevista, ficou ótima. Entreguei um exemplar para a direção do colégio e tanto os assessores quanto os coordenadores apreciaram muito. Aliás, a equipe de Ensino Religioso utiliza muito a revista para planejar e organizar as atividades em sala de aula. As professoras de Arte também comentaram sobre a bela forma como a Arte e a Religião se integraram nesse exemplar. Gisele Panetta Marquetti – São Paulo-SP. (DIÁLOGO, n. 34, 2004, p. 6).

A comunicação, segundo o matemático e engenheiro elétrico, Claude Elwood Shannon (1916–2001), que durante a Segunda Guerra Mundial, publicou, em 1948, a monografia *A Teoria Matemática da Comunicação* em que, se baseia na criptografia e códigos secretos – a partir das ligações e conversas ao telefone – propõe o “sistema geral de comunicação”. Para ele, o problema da comunicação é formado em um esquema linear: “(...) reproduzir em um ponto dado, de maneira exata ou aproximativa, uma mensagem selecionada em outro ponto” (SHANNON, 1948 apud MATTELART, 1999, p. 58). Com base nesse esquema a comunicação é formada por:

a *fonte* (de informação), que produz uma mensagem (a palavra no telefone), o *codificador* ou emissor, que transforma a *mensagem* em sinais a fim de torná-la transmissível (o telefone transforma a voz em oscilações elétricas), o *canal*, que é o meio utilizado para transportar os sinais (cabo telefônico), o *decodificador* ou receptor, que reconstrói a mensagem a partir dos sinais, e a *destinação*, a pessoa ou coisa à qual a mensagem é transmitida (MATTELART, 1999, p. 58).

Com isso, Shannon (1948) quis “quantificar o custo de uma mensagem” que possuía “ruídos” indesejáveis, impedindo o “isomorfismo”, a mesma forma. Reduzindo as perturbações da comunicação entre dois pólos ela sai com nitidez e mais econômica “por meio de sinais convencionados (...)” (MATTELART, 1999, p. 59). Após a divulgação do texto de Shannon, os pesquisadores chegam a conclusão que:

(...) o processo de comunicação responde a esse esquema linear que faz da comunicação um processo estocástico, ou seja, afetado por fenômenos aleatórios, entre um emissor que tem liberdade para escolher a mensagem

que envia e um destinatário que recebe essa informação com suas exigências (...) (MATTELART, 1999, p. 59-60).

4.1 Algo Mais que *Feedback*: o Diálogo

Dentro das funções de linguagem, conforme descreve Chalhoub (2002) e se baseando no estudo da Revista Diálogo, a Paulinas é o emissor, que tem a função emotiva; a Revista é o canal, com função fática, para a transmissão do conhecimento sobre o fenômeno e o ensino religioso. Porém, a Revista é também percebida como uma extensão dessa emissão. Os professores-leitores são os receptores, que possuem a função conativa, em uma mensagem. Esses receptores – é bom que se destaque –, possuem suas exigências, saberes pré-estabelecidos, não são “tábuas rasas”, ou “o gesso molhado”, onde os conhecimentos são afixados. Há necessidades e parâmetros sociais que interferem – positiva e negativamente – na aquisição e recepção dessa leitura e saber.

Segundo Manuel Carlos da Conceição Chaparro (1992), em análise sobre a função da carta do leitor, do Jornal a *Folha de São Paulo*, no período de 21 a 27 de outubro de 1985, conceitua que as cartas dos leitores ao veículo de comunicação é o ato de exprimir uma opinião. Essa opinião pode ser “reivindicatória, cultural ou emocional do leitor” (CHAPARRO, 1992 apud MELO, 1992, p. 63 e 68). Além desse conceito, o autor esclarece que na ação jornalística e comunicacional, a “carta é uma concessão ao leitor” (CHAPARRO, 1992 apud MELO, 1992, p.63).

Na Diálogo há uma “conversa” entre direção e receptor, por meio do editorial. Há o *feedback*. Editorial é, segundo José Arbex Júnior (1982), citando o professor Melo (1985), “o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento” (ARBEX JÚNIOR apud MELO, 1992, p. 91). É, portanto, no editorial que se percebe a mensagem específica da linha ideológica das Paulinas.

É no prólogo das Cartas dos leitores que a direção anuncia as mudanças ocorridas a partir daquele número da Revista, quando se acrescenta uma seção e o objetivo dessa alteração. Também é nessa seção onde se encontram as respostas dos professores à direção. Como os exemplos que se têm abaixo, extraídos do enunciado da direção na seção Cartas:

(...) Oferecemos um espaço para você transmitir o seu parecer sobre a revista e, sobretudo, partilhar as suas experiências de Ensino Religioso com todos que atuam nessa área (...) (DIÁLOGO, n. 5, 1997, p. 4).

Recado da Equipe da Diálogo: Recebemos, por carta, telefonemas e contato pessoal, algumas sugestões para tornar a revista mais prática. Atendendo às solicitações feitas oferecemos, após os artigos, propostas de atividades para serem realizadas com os alunos. A Revista é um espaço aberto para troca de experiências. Queremos caminhar com você. Escrevam-nos! (DIÁLOGO, n. 9, 1998, p. 4).

O *feedback* passou a constar nos estudos do biólogo Ludwig Von Bertalanffy (1933), quando surge a “teoria dos sistemas”, onde inclui o trabalho com a tensão de um sistema, que por sua vez, depende do retorno da informação. Nestes sistemas estão inclusas entradas (de informação em um sistema analisado) e saídas “(input/output, ação/retroação)” (MATTELART, 1999, p. 63).

Os pesquisadores da comunicação de massa e da opinião pública pegam emprestado a abordagem sistêmica e aplicam em seus estudos. Entre as aplicações está no esquema, até então linear de Shannon (1948), em que o americano Melvin De Fleur (na década de 60) torna mais complexo, incluindo o *feedback* no sistema social formado pelos veículos de comunicação de massa. Segundo De Fleur (1966) as mídias são “sistema social independente”, porém entrelaçados e vinculados “entre si de maneira sistemática” (DE FLEUR, 1966 apud MATTELART, 1999, p. 64). Com o avanço tecnológico já imperando na década de 70, essa teoria é ampliada.

Essa ampliação é assimilada pela Revista Diálogo por ser uma revista monotemática – que aborda o mesmo tema, sob vários ângulos do conhecimento. Por esse motivo ela desenvolve uma progressão orientativa do tema. Isto é, o assunto abordado é primeiramente tratado em artigo inicial de forma geral, explicativo, elucidando toda e qualquer dúvida sobre o tema. Os próximos artigos e seções vão aprofundando no assunto e ao mesmo tempo em que o torna um tema prático, de fácil assimilação e, portanto, facilmente tratado pelos professores-leitores.

Conforme Chalhub (2002) em uma mensagem podem estar envolvidas diferentes funções, porém apenas uma “função determinará o perfil da mensagem, as outras funções relacionam diferentes níveis de linguagem numa mesma mensagem” (CHALHUB, 2002, p. 23). Na Revista Diálogo há, basicamente, o destaque de duas funções de linguagem: a emotiva e a conativa. Na conativa a mensagem está direcionada para o destinatário. A mensagem tenta “influenciar” ou

“apela pela atenção do receptor” (CHALHUB, 2002, p. 22). Na função emotiva, o emissor procura atrair a atenção do leitor por meio de argumentos que transmitem emoção.

Os Mattelart (1999), com informações de Yves Winkin (1981) já defendiam a importância do receptor, no processo de comunicação de uma mensagem. Eles escrevem que a pesquisa em comunicação deve ser estudada em “termos de complexidade, de contextos múltiplos e sistemas circulares (...). Nessa visão circular da comunicação, o receptor tem um papel tão importante quanto o emissor que é preciso conceber a pesquisa em comunicação” (WINKIN, 1981 apud MATTELART, 1999, p. 67-68).

Portanto, há entre a leitura e o texto, entre sujeito-leitor e objeto-lido mais que um *feedback*: têm-se autênticos pactos de leituras sociais que tornam possíveis não só um enorme negócio, mas uma transformação cultural.

4.2 Emissor e Receptor: uma Relação de Contradições

A partir dos anos 80, a pesquisa voltada para a interação entre recepção e comunicação, receptor e emissor foi ampliada de maneira significativa (SOUSA, 1995, p. 13). Até hoje os pressupostos teóricos sofrem influências do pensamento funcionalista, com a predominância do emissor sobre o receptor, como se houvesse uma relação básica de oposição, quando há na realidade um processo “amplo e complexo, por isso mesmo, também permeado por contradições” (SOUSA, 1995, p. 14).

As contradições estão também na linha de pesquisa dos campos disciplinares que acabam gerando resultados que nem sempre proporcionam interação. Por exemplo:

(...) questões ligadas ao sujeito são quase sempre remetidas às dimensões da psicologia, ou da filosofia e da política; já as questões que se ligam à recepção são vinculadas, de forma mais próxima, a estudos de audiência, de opinião pública e de consumo, ou a áreas de competência profissional, como publicidade, pesquisas de opinião e de audiência, *marketing* etc (SOUSA, 1995, p. 14-15).

Percebe-se na Revista Diálogo uma preocupação em ter um bom relacionamento com seu público-alvo, o professor-leitor, especificamente com o

professor do Ensino Religioso. Ela procura desenvolver seus receptores. Reafirmando o “gênero jornalístico opinativo”, das cartas dos leitores da Revista Diálogo. Quando se descreve “desenvolver seus leitores” é porque se identifica no relacionamento por meio das Cartas. Por meio dessas cartas, os receptores-leitores expressam suas opiniões, idéias, sugerem e interferem no processo de produção da Revista.

Esse desenvolvimento e envolvimento do professor-leitor-receptor são percebidos pelas “fórmulas mágicas”, conforme Chalhub (2002), escreve sobre a função conativa da mensagem: “(...) marca-se gramaticalmente pela presença do imperativo e do vocativo e pela segunda pessoa do verbo. É revelada também nas fórmulas mágicas ou encantatórias – as que se expressam em forma de desejo: ‘Fiquem com Deus’ ou ‘Vá para o inferno!’” (CHALHUB, 2002, p.23).

As cartas publicadas na Revista são exatamente como chegam na editora. Não há cortes – o que tem são redução no prólogo e ou no epílogo da correspondência. Não há a manipulação da informação. São publicadas todas as cartas dos leitores recebidas, seja, expressando positivamente ou não. Elogiando ou cobrando aprofundamento dos textos, como no exemplo abaixo, onde a editora acrescenta o título “Omissões”, de um dos articulistas da Revista, o professor Francisco Catão:

Omissões

Constatai uma séria omissão nos artigos que tratam do tema *Sociedade, religião e poder*, na revista de agosto. Omissão objetiva, pois o que há de central em todas as religiões é a percepção da transcendência, que se exprime em ritos, mitos ou doutrinas, práticas e exigências morais, e em instituições. Os artigos se limitam ao universo do que é material nas religiões, sem salientar o que lhe é próprio: a busca do sentido transcendente da vida. Omissão subjetiva, enquanto silencia a religiosidade, como vivência da religião, e trata da questão do poder com a pseudoneutralidade das ciências humanas, incapaz de captar o fenômeno religioso em sua originalidade. Francisco Catão – São Paulo–SP. (DIÁLOGO, n. 28, 2002, p. 7).

Tem-se ainda a entrevista com a irmã Luzia Sena, editora da Revista nesses dez anos. Na entrevista, Sena confirma a publicação de todas as correspondências, sejam por meio eletrônico (e-mail) ou físico.

Em geral o pessoal não escreve cartas longas (...). Sabe que nós publicamos todas, não deixamos nenhuma fora. Dependendo, a gente até aumenta a questão da página (...), mas nós publicamos todas, todas, todas,

que nós recebemos até agora. O que mudou é que o pessoal parece, ultimamente elogiam até mais, só tem a elogiar, gostaríamos até que tivesse, sugestões, quando escrevem colocamos aqui também. Tem sugestão, o que eles mais pedem é sugestão da parte mais pedagógica, de atividades e elogio.

Para se conseguir um maior controle social sobre a massa (fenômeno das novas sociedades urbano-industriais) estudava-se os indivíduos, questionando-os seus desejos e necessidades. Era o uso do indivíduo, passando pelo grupo social e atingindo os meios de comunicação. Sousa (1995) resume que empiricamente:

(...) o sujeito da comunicação é o indivíduo, mas reificado enquanto peça de um sistema; no nível teórico, o sujeito da comunicação é a própria ordem do sistema social funcionando, porque indivíduos, idéias, opiniões e instituições são funções mantenedoras do sistema, constituindo um princípio maior que ultrapassa os sujeitos empíricos (SOUSA, 1995, p. 18).

No período da “indústria cultural”, processo capitalista e dominador que estava por trás do sistema, os meios de comunicação eram considerados os propagadores de uma concepção de vida dominadora. Não só dominadora, mas também altamente dependente e, ocupavam, cada vez mais, o papel cultural no dia-a-dia da sociedade e dos indivíduos.

O receptor deveria ser conscientizado e dessa maneira, resgatado da “dominação alienante” provocada pelo sistema. Esse receptor em evidência era, na realidade, dois: o receptor “como consciência política” e, principalmente, o sujeito a ser combatido, o Estado capitalista.

A Escola de Frankfurt, que representava o pensamento europeu, mais estudado no Brasil entre as décadas de 60 e 80, demonstrou que o receptor “se encontrava reificado por completo”. Nessa altura, a manutenção do sistema era explicada pelo mercado, e é nele que ocorria a interação da comunicação, cultura e poder. (SOUSA, 1995, p. 20).

Percebe-se, nesse contexto, rupturas e crises e a constante busca por alternativas. A identificação do receptor nesse processo é quase nula. Essa nulidade e insuficiência de explicação dos paradigmas demonstraram a extensão das transformações que estavam acontecendo.

Passa-se da negação da razão, por Habermas, para o pós-moderno: a realidade é “aqui e agora”. O receptor, nesse conflito: o indivíduo, ou melhor, o sujeito-indivíduo, sofre com um “bombardeio” de informações e mensagens ao

consumismo e o sujeito-social também com uma corrida contra o tempo. Aqui o grupo social valoriza o espaço e o tempo no sentido de investir para que sua vida transcorra intensamente.

O pós-modernismo, lembra Sousa (1995), chegou com a ruptura dos parâmetros que dava sustentação as teorias gerais, como o marxismo e a psicanálise freudiana. Outrossim, nesse mesmo período há os pensadores que buscam novos elementos “para dar conta das novas e diferentes práticas contemporâneas” (SOUSA, 1995, p. 24). São os pensadores do “movimento pós-68”, que tomaram conta no Brasil e na América Latina. Entre esses, o autor destaca:

(...) Touraine trabalha os movimentos sociais como formas mediadoras do encontro do homem, como ator social; Maffesoli destaca o lugar crescente das novas tribos urbanas na definição do tempo presente; Bourdieu pesquisa como as desigualdades sociais se reproduzem na cultura; Deleuze coloca a filosofia na costura dos fragmentos que fazem da diferença a linguagem do homem moderno; Foucault escava nas epistemes da história do pensamento social as bases do saber que se constrói nas microunidades da vida social; Guattari inter-relaciona psicanálise e tecnologia como eixos explicativos das formas contemporâneas do desejo. (SOUSA, 1995, p. 24 e 25).

A comunicação nesse processo procura compor o sujeito e objeto, saindo do determinismo entre emissor e receptor. Aqui, fica explícito que esse sujeito ocupa um espaço de contradições, que busca significados para a vida cotidiana – a individual e a coletiva. Não é mais um consumidor cultural de objetos desnecessários. É sim um sujeito que produz culturalmente, é um espaço cultural a ser estudado e respeitado.

Nessa teia social a comunicação desenvolveu matrizes, que a levam a um mapeamento para os estudos na atualidade. Nesse momento, a comunicação deixa de ter apenas as dimensões dos veículos que a compõem (instrumento-veículo), para ser entendida na atuação dos veículos e como parceira na vida social dos sujeitos. Até então, a comunicação estava reduzida a tecnologia. Sousa (1995) aponta que: “O cinema, o rádio, a imprensa escrita e a televisão lideram por bom tempo o núcleo de compreensão da comunicação, critério fundamental para o próprio entendimento do que se propôs como sendo cultura e comunicação de massa” (SOUSA, 1995, p. 31).

“O mundo vivido” como descreveu Habermas, na teoria da ação comunicativa ou o papel da subjetividade como ferramenta de conhecimento, conforme os estudos

das ciências sociais, no Brasil, na década de 80, apontam na atualidade, que os meios de comunicação são espaços para o simbólico e a simbolização da sociedade. Conforme expõe Sousa (1995), citando Jean Michel Salaün (1990):

os meios não são mais lugar de confrontação de argumentos, mas lugar de simbolização de uma sociedade. Toda coletividade tem necessidade de um lugar para construir sua imagem (...) razão e identidade, objetividade e subjetividade, reflexão, nos dois sentidos do termo (SALAÜN, 1990 apud SOUSA, 1995, p. 34 e 35).

Portanto, os estudos sobre os meios de comunicação abrangem a visão de espaço público, que questiona, reconhece valores do grupo social. Nesse espaço ocorre o debate, a negociação, já que a construção de valores sociais acontece tanto pelo produtor, quanto pelo receptor. É a posição de mediação, onde emissor, receptor, grupo social são agentes mediadores do processo comunicacional.

Martín-Barbero (1995) comunga da idéia de que recepção é mediação. Para ele a recepção não é apenas uma *etapa* do processo de comunicação. É um *lugar* novo, de onde se deve repensar os estudos e a pesquisa de comunicação. (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 39). Nessa visão de “lugar novo”, o autor apela à sensibilidade para a existência, na investigação da recepção na pós-modernidade, para “a multiplicidade, e a heterogeneidade” *do* e *no* tempo (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 43).

Outro elemento no estudo da recepção é a “mediação das novas fragmentações sociais e culturais” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 44). Essa divisão passa pelo avanço tecnológico. “Há uma fragmentação muito grande entre os jovens, que possuem uma espécie de convivência, de empatia com nova cultura tecnológica, e os adultos, que se sentem impedidos de entrar nessa nova sensibilidade” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 46).

Ainda, segundo o autor: “Fragmentações dos públicos, com os quais trabalham os meios cada vez mais matizadamente, cada vez mais sabiamente, já não só entre homens e mulheres, mas mulheres de determinada profissão e idade, mulheres de cidade grande ou de cidade pequena” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 48). Há atualmente um novo repensar social. Sociedade em transformação profunda, onde se pode saber mais, observar mais, ao invés de “manipular”. Descobrir o que está se passando é navegar no sentido dos acontecimentos da sociedade jovem. Jovens hoje que pensam a imagem e não o texto, a leitura.

Atualmente lêem-se cada vez menos. Mas por que isso acontece? Para Martín-Barbero (1995) o motivo é:

O resultado é que as crianças aprenderam a ler sem nenhum prazer, como tarefa, como ofício, não como espaço do imaginário, do prazer, da criatividade.

Se o livro não está associado ao espaço de criatividade, mas ao de reprodução, creio indubitavelmente que nossos filhos foram castrados, e que os professores acharam muito mais fácil colocar a culpa na televisão. Eu não digo que há conformismo na juventude, mas que há também outros problemas, outras dimensões nessa cultura visual e sonora dos jovens, que não estamos entendendo e que pensamos resolver simplesmente acusando, denunciando, desvalorizando (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 51).

Outra dimensão da recepção é a exclusão cultural. Onde se procura desqualificar o gosto popular, os gêneros narrativos e, ainda, deslegitimar os modos populares de recepção. A cultura popular atual é vista de maneira negativa, como ruído, como transtorno à informação. Há a necessidade de se despir da observação negativa do ruído para se estudar a recepção.

A demanda social é outra dimensão da recepção. Na sociedade e na vida do grupo social há diferentes modos de ler, de ver e de escutar. Há que se perceber a existência de demandas de comunicação e culturais diferentes: a do povo e dos intelectuais e políticos. Outra reflexão é sobre os artifícios e as tentações que o estudo da recepção proporciona hoje.

A mediação caminha no sentido de resgatar a vida, a iniciativa, a criatividade dos sujeitos. “(...) quer resgatar a complexidade da vida cotidiana, como espaço de produção de sentido (...)” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 54).

Também não dá para separar o estudo da recepção dos processos de produção. Para Martín-Barbero (1995) tem-se que levar em conta a “concentração econômica dos meios e a reorganização do poder ideológico da hegemonia política e cultural, que estão tendo lugar em nossa sociedade” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 55). Portanto, produção e recepção são indissociáveis. O que se tem são investigações e saberes sobre ambos.

O processo de comunicação e do meio está na interação que o próprio meio transmite ao receptor. Para Martín-Barbero (1995) a recepção é um espaço de interação. Subtendo a interação com o todo: com a mensagem, com a sociedade, com os atores sociais e também com os aparatos, os meios.

Martín-Barbero (1995) defende atualmente quatro conceitos vigentes na pesquisa sobre a recepção: estudos sobre a “vida cotidiana”, onde é um espaço em que se produz a sociedade e não só onde ela se reproduz; sobre o “consumo”, como lugar de diferenciação social, não somente pelo consumismo material, mas principalmente “dos modos de consumir”. A terceira conceituação, observada, é sobre a estética e semiótica da leitura”, como interação dialógica e de comunicação e os “estados sobre a história social e cultural dos gêneros” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 58).

Com o desenvolvimento tecnológico e a instauração da produção industrial, a imprensa se altera, passando a ser uma organização com processos complexos. Os acontecimentos geram fatos, que por sua vez, fazem a notícia. Essas são valorizadas nos veículos de comunicação e expressas por meio dos gêneros opinativos.

A opinião da organização ou empresa aparece no editorial; a do jornalista surge nos comentários, crônicas, caricaturas, charges e nas colunas. Uma terceira forma de opinião são os artigos, geralmente escritos por colaboradores desejosos em “participar da vida política e cultural” do país. Por último “a opinião do leitor encontra expressão através da carta” (CHAPARRO, 1992 apud MELO, 1992, p. 65).

O professor José Marques de Melo (1983) defende o conceito de um leitor participativo, o que tornaria a comunicação bidirecional:

O leitor deveria constituir o principal foco de atenção daqueles que fazem jornalismo. É em função dele que os repórteres observam os fatos, que os redatores escrevem matérias, que os editores decidem o que divulgar. Deveria ser; mas não é.

O leitor, o receptor, não participa do processo de produção jornalística. Ou melhor, não participa ativamente. (...) Romper a barreira entre o editor e o leitor tem sido o desafio para quantos pretendem que o processo jornalístico se converta numa prática comunicativa bidirecional (CHAPARRO, 1992 apud MELO, 1992, p. 65).

No que tange a responsabilidade da direção da Revista Diálogo, o processo jornalístico é estimulado a ser uma comunicação bidirecional. Para isso, a Revista foi criada. Estimular o professor-leitor do Ensino Religioso a conhecer e participar do processo social e a se informar e a dar a devolutiva à direção.

Para Lasswell (1902–1978) o processo de comunicação tem três funções básicas e principais:

a) a vigilância do meio, revelando tudo o que poderia ameaçar ou afetar o sistema de valores de uma comunidade ou das partes que a compõem; b) o estabelecimento de relações entre os componentes da sociedade para produzir uma resposta ao meio; c) a transmissão da herança social (LASSWELL, 1948 apud MATTELART, 1999, p. 41).

Uma quarta função foi acrescentada pelos sociólogos Paul F. Lazarsfeld (1901–1976) e Robert King Merton (1910–2003), a diversão ou entretenimento.

As três primeiras funções podem ser apreciadas na Revista Diálogo em maior e menor grau. Ela foi elaborada a partir das necessidades dos professores em Ensino Religioso na década de 90. Os veículos de comunicação da época não correspondiam às necessidades desse grupo social. Havia uma ansiedade em estabelecer uma relação entre si mesmos e as demais camadas da sociedade, principalmente com líderes políticos, porque antecedia a aprovação da nova Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (LDBEN), no Congresso Nacional.

Portanto, a revista queria transmitir a “herança social” religiosa que se encontrava perdida nas instituições de ensino. Sem um direcionamento, sem diretrizes. Vivas nas instituições religiosas, porém, inexistente como componente curricular nas escolas brasileiras.

Há em periódicos a preocupação de dar uma “certa” progressão no que se está lendo. É a “continuidade física, material, com todos os outros textos publicados no mesmo número” descrita pelo especialista no estudo da história da escrita Roger Chartier (2002). Essa progressão, segundo o autor, pode ser inconsciente, não perceptível:

(...) a construção do sentido de cada artigo particular depende, mesmo inconscientemente, da sua relação com os outros textos que o antecedem ou o seguem e que foram reunidos dentro de um mesmo objeto impresso com uma intenção editorial imediatamente perceptível (CHARTIER, 2002, p. 28).

O professor-leitor encontra na Revista Diálogo uma forma de expressão do conhecimento em Ensino Religioso. Isso porque a maneira como cada matéria é apresentada a ele, depende do seu prévio conhecimento sobre o assunto. Também porque ele encontra de uma forma específica o conjunto todo: a Revista.

O processo de apropriação do leitor, ao que se lê, depende dele mesmo.

Entender o fato exige, de um lado, a formação de leitores ou de espectadores como membros de diferentes ‘comunidades interpretativas’

que partilham as mesmas habilidades, códigos, hábitos e práticas, e, de outro, a caracterização dos efeitos produzidos nos textos por suas diferentes formas de publicação e de transmissão (CHARTIER, 2002, p. 59).

A linha editorial de um veículo de comunicação trabalha com inúmeras variáveis. Historicamente nos séculos XVI e XVII, na Europa, já se contemplava a variável “público” escolhido. Chartier (2002) relata que:

No antigo regime tipográfico, as intervenções propriamente editoriais se realizam não na ortografia, na grafia ou na pontuação do texto, mas nas escolhas feitas em razão dos públicos visados e que comandam as decisões quanto ao formato, ao papel, aos caracteres, à presença ou não de ilustrações (CHARTIER, 2002, p. 68).

Assim se vê na história dos textos impressos e sua estrutura a conformidade em função do público-leitor. Na criação da Revista Diálogo não foi diferente. O formato da revista foi elaborado pensando no professor-leitor. Quem afirma é a editora, irmã Luzia Sena:

(...) nós começamos do zero, inclusive pensando no formato da revista, colocando-nos no lugar do professor, como ele queria que fosse. Pensamos até no formato pequeno para colocar na bolsa, pensamos no leitor principalmente. Desde o formato, para facilitar, inclusive para ser uma coisa mais fácil do professor manusear, levando na bolsa, lendo também no ônibus, no caminho, indo de uma escola para outra.

Entrevistador 1: Nesses 10 anos ela só mudou uma vez (...) exatamente ali na 24.

Entrevistada: (...) colocamos um pouquinho maior, inclusive para dar um destaquezinho. Então pensamos nessa revista, nesse formato, que fosse ilustrado também, para ficar agradável de ler, porque outras revistas, nós fomos para bibliotecas consultar (...) vimos várias revistas e pensamos, o professor, quer alguma coisa um pouquinho mais arejada (...), mas as revistas de educação nós não encontramos nenhuma que, realmente a gente dissesse: “É isso aqui”. O meu foco desde o início é essa questão do professor, me coloco lendo um artigo coloco-me no lugar do professor.

Chartier (2002) relatando sobre a história da atividade editorial e do comércio do livro nos séculos XVI a XVIII fala da trajetória de construção do público leitor. Para ele a composição social e as expectativas culturais “se modificam quando se modificam as possibilidades de acesso à cultura impressa” (CHARTIER, 2002, p. 16). Portanto, o acesso das pessoas à leitura faz com que se altere a constituição social do indivíduo e das demais pessoas a sua volta. Uma sociedade se transforma pela cultura da leitura também.

O ato de ler tem sofrido modificações. Se buscarmos na história veremos que no século IV, com a criação do códex – livro composto de folhas dobradas, reunidas e encadernadas – que substituiu os rolos gregos e romanos, fez com que atitudes até então impossíveis de serem realizadas passaram a ser comum aos leitores, como por exemplo:

(...) escrever enquanto se lê, folhear uma obra, encontrar um dado trecho. Os dispositivos próprios do códex transformaram profundamente os usos dos textos. A invenção da página, as localizações garantidas pela paginação e pela indexação, a nova relação estabelecida entre a obra e o objeto que é o suporte de sua transmissão tornaram possível uma relação inédita entre o leitor e seus livros (CHARTIER, 2002, p. 1006).

Essa é apenas uma das ocorrências históricas, muitas outras aconteceram no decorrer dos séculos. Hoje, o que está em evidência é a relação leitor e os textos eletrônicos. Um verdadeiro mundo sem fronteiras entre autor e leitor, mas essa é outra história.

O leitor é crítico. Na atual sociedade, onde o público é consumidor, cliente, usuário, é também crítico do que se lê, da cultura do impresso. Mas, o ser crítico e leitor não é só dessa sociedade. É uma ansiedade dos séculos anteriores, como o século XVIII, na Europa, onde o questionamento já se levantava:

(...) por que todo leitor não poderia ser considerado capaz de criticar as obras, fora das instituições oficiais, das academias, dos sábios? É a querela dos Antigos e dos Modernos, na França, no fim do século XVII, que faz nascer a idéia segundo a qual cada leitor dispõe de uma legitimidade própria, do direito a um julgamento pessoal. Esta idéia afirma-se então através dos novos periódicos, como o *Le Mercure Galant*, que levam em grande conta as cartas que lhe dirigem seus leitores. O leitor reage aos artigos do periódico e envia suas próprias opiniões. (CHARTIER, 1999, p. 17).

Roger Chartier (1999) lembra a idéia de Kant (1724–1804) que “(...) cada um deve poder exercer seu juízo livremente, sem restrição” (CHARTIER, 1999, p. 18). Ainda com relação à produção do leitor, seu juízo próprio, o especialista exprime o que disse Michel de Certeau sobre “o consumo cultural é, ele mesmo, uma produção – uma produção silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção” (CHARTIER, 1999, p. 19).

Houve no passado da história mundial, um período onde o que se lia, ou somente por possuir na biblioteca particular “livros maus”, uma pessoa poderia, ou

deveria ser condenada à morte. Foi a Inquisição (1163–1215) onde livros considerados hereges, que “se opunham a fé católica romana” (CHAMPLIN, 1997, p. 339) eram queimados em praça pública. Esses atos repercutiam também no leitor. A condenação vinha sobre a obra, os autores e leitores, que eram constrangidos a não colocar os olhos ou mãos nesse “tipo de leitura”.

Segundo Chartier (1999) a censura não era praticada somente pela Igreja Católica e também não havia regras definidas. “Nas sociedades do Antigo Regime, os poderes de censura não estavam bem diferenciados e as autoridades religiosas e políticas concorriam para assumi-los e exercê-los” (CHARTIER, 1999, p. 54).

Para o especialista, o desafio da cultura escrita ainda neste século, como também o foi no século XVI, é “medir” o intelecto e as emoções do leitor com relação ao objeto de leitura. “(...) todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que nela deposita está ligado e a esta circunstância” (CHARTIER, 1999, p. 70). Ou seja, sem dúvida alguma há no ato de ler um livro, uma revista, ou qualquer outra obra, ações emotivas ligadas ao leitor naquele momento e também pelo objeto (revista, livro) pelo qual o texto, a matéria, a reportagem é lida.

A relação que o leitor tem e desenvolve com a obra, o livro ou revista – objeto de leitura – é totalmente peculiar e heterogênea. Peculiar porque vai da capacidade de cada leitor assimilar o que lê e também heterogênea pelo mesmo motivo, acrescido dos motivos pelo qual lê. Chartier (1999) descreve o leitor em suas limitações e liberdade ao praticar a leitura. “A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...) apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor (...)” (CHARTIER, 1999, p. 77).

Com relação à liberdade do leitor de apropriar-se do texto lido, Chartier (1999) descreve com propriedade, que esta liberdade é relativa, pois perpassa pela dependência intelectual, cultural e social do leitor. O autor declara: “Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas, esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos

mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler” (CHARTIER, 1999, p.77).

Chartier (1999) relata que nos séculos XVII e XVIII houve uma “certa confusão” sobre o papel do leitor/consumidor e produtor/editor de um jornal, por exemplo, e a inserção que o veículo faz do “homem comum” no “mundo social”.

Nos jornais, a diferença entre redator e leitor se desmancha quando o leitor se torna autor, graças às cartas dos leitores. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade (CHARTIER, 1999, p. 84).

O autor lembra que Rousseau (1712–1778) defendeu que “todos os métodos de aprendizagem da leitura” eram fundamentais para o desenvolvimento da criança-leitora.

(...) de um lado, os ensinamentos da escola e, de outro, todas as aprendizagens fora da escola, seja a partir de uma cultura escrita já denominada pelo grupo social, seja por uma conquista individual, que é sempre vivida frente ao meio familiar e social e, ao mesmo tempo, como uma entrada em um mundo diferente (CHARTIER, 1999, p. 105).

Os temores de que uma sociedade culturalmente desenvolvida gera indivíduos intelectualmente anárquicos são antigos, da Era Moderna e estão baseados em um modelo de governo rígido, austero e altamente mercantilista. Mais uma vez é o historiador Roger Chartier (1999) quem descreve que a partir do século XVI, sob o Antigo Regime “o acesso à leitura e à escrita leva uma população de colegiais, e depois universitários, a abandonar a terra, ou a loja, em favor dos ofícios da pena e da palavra” (CHARTIER, 1999, p. 108). Tudo isso, sob a ótica do Estado e da burguesia, resultaria em “desordem social”, pois os “colegiais e universitários” não mais iriam trabalhar na terra, obrigando a importar produtos que poderiam ser produzidos em solo nacional, mas que por falta de mão-de-obra deixariam de fazer.

E a teoria mercantilista teme, mais do que tudo, o esgotamento da riqueza metálica do reino, dilapidada para pagar as importações. É um imaginário muito forte, enraizado nas concepções econômicas, que não concebe a ordem social a não ser como reprodução idêntica das condições passadas (CHARTIER, 1999, p. 108).

Chartier (1999) escreveu sobre o conhecimento, o saber e como no final do século XIX e início do XX a idéia de dominar uma área específica do saber, caiu por terra na sociedade atual, globalizada. Entre os motivos que desencadeou essa quebra no poder individual do saber, segundo o historiador foi “com o crescimento do número de professores, a proliferação de revistas, a multiplicação das pesquisas. A posse particular do saber torna-se impossível e entramos na era, talvez particularmente inquietante para o trabalho intelectual, do desconhecimento forçado” (CHARTIER, 1999, p. 7).

Quanto ao formato das revistas e livros também se reporta a história, nos séculos XIV–XV. Os livros nesse período obedeciam, basicamente, três tamanhos:

A hierarquia dos formatos, por exemplo, existe desde os últimos séculos do manuscrito: o grande *in-fólio* que se põe sobre a mesa é o livro de estudo, da escolástica, do saber; os formatos médios são aqueles dos novos lançamentos, dos humanistas, dos clássicos antigos copiados durante a primeira vaga do humanismo, antes de Gutenberg; e o *libellus*, isto é, o livro que se pode levar no bolso, é o livro de preces e de devoção, e às vezes de diversão (CHARTIER, 1999, p. 8 e 9).

Também neste período de mudanças acreditava-se que o “novo impresso” alteraria a relação autor-leitor. “De modo geral, persistia uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores (...)” (Chartier, 1999, p. 9).

Toda essa relação do leitor com o objeto lido, e mais especificadamente do professor-leitor do Ensino Religioso com a Revista Diálogo é aferida nas próximas páginas. Nelas estão os resultados das pesquisas realizadas e as devidas análises.

5 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NAS PESQUISAS

5.1 Pesquisa Histórica

O Departamento de Marketing e Publicidade da Revista Diálogo realizou uma pesquisa, no período de janeiro a abril de 2003. Essa pesquisa tornou-se, para este trabalho, dado histórico. Como informação, foi de fundamental importância para compor os registros sobre o periódico e também como primeira indicação sobre o papel da Revista na formação do leitor-professor.

Conforme o relatório de tabulação e divulgação da pesquisa de 2003, a meta da direção da Revista Diálogo era averiguar “o perfil do assinante da revista” e se a Diálogo chegava até os demais membros da família do assinante “e seu círculo de relações” (RELATÓRIO, 2003, p. 1). Ainda, segundo o Relatório, o objetivo da pesquisa contemplava: “Com base nas informações coletadas sobre os assinantes, a pesquisa procurou fornecer subsídios à Direção da revista, para uma avaliação/revisão editorial do produto e para uma estratégia de fidelização dos assinantes” (RELATÓRIO, 2003, p. 1).

Portanto, a pesquisa ocorreu exclusivamente com os assinantes da Revista, para isso foi elaborado questionário com 21 questões, impressas em papel off-set, gramatura 90, com quatro cores, no formato de mala-direta, com duas dobras. A mala-direta foi encartada na edição número 29 e postada no dia 1.º de fevereiro de 2003, para 1.648 “assinantes individuais” (RELATÓRIO, 2003, p. 1).

Como estímulo para que os leitores respondessem e que o retorno da mala-direta fosse em menor prazo de tempo, foi oferecido um livro de brinde, aos “150 primeiros respondentes, o que gerou um retorno total de 145 questionários, ou seja, 8,8% da base”. (RELATÓRIO, 2003, p. 1). Em entrevista, à autora, Irmã Luzia Sena, editora da Revista nesses dez anos, confirmou o retorno de 149 questionários, portanto quatro a mais do que constou no relatório final do Departamento de Marketing e Publicidade. Com isso, o índice de retorno foi de 9%.

O livro ofertado foi ‘As armadilhas do inconsciente’, de autoria de Valério Albisetti, editado pelas Paulinas. Além da mala direta foi dada a opção de responderem a pesquisa por meio do site www.fc.org.br. Sendo “fc” Família Cristã, outra revista, editada pela Paulinas. Mais uma maneira de agilizar o retorno da

pesquisa. Porém, todos os 149 questionários respondidos e retornados à editora foram via o correio, portanto, por meio da mala-direta.

Houve a preocupação do Departamento de Marketing e Publicidade em agrupar as perguntas por tema relacional. Com o título “Fale um pouco sobre você”, onde se encontraram as dez primeiras perguntas, tratou da identificação do respondente: sexo, data de nascimento, confissão religiosa, grau de escolaridade, atividade profissional, se professor de Ensino Religioso. A oitava questão foi: “é formador/coordenador de professores de Ensino Religioso?”, na seqüência “assina ou recebe outras revistas religiosas”, com opções de títulos de revistas cristã-católicas e a alternativa “outras”, com espaço para escrever o nome da revista. Por último houve o questionamento: “costuma ler livros” e quais os gêneros: didático, literatura, religioso, técnico, auto-ajuda e com “outros”, também com a lacuna para escrever sua opção de leitura.

“Você e a Revista Diálogo” foi outro intertítulo que abrangeu as questões de número 11 até 21. Começando pelo tempo em que “é assinante da revista Diálogo”, com opções de “menos de 1 ano”, até “mais de 4 anos”. Passando pelo motivo que levou o respondente a assinar a revista; quantas pessoas do convívio familiar e profissional lêem o periódico e sobre a “abordagem monotemática dos temas”. A décima quinta pergunta foi se o conteúdo da revista atendia as necessidades e expectativas, pedindo para justificar a resposta. Outra questão coube ao respondente avaliar os 11 conteúdos da revista, tendo três alternativas: “ótimo”, “bom” e “regular”. As questões seguintes foram se a Revista ajudava: na “compreensão do Ensino Religioso”; nas “atividades pedagógicas em sala de aula” e também favorecia a “formação pessoal e profissional”. Ambas solicitando que justificasse a resposta.

A 20.^a questão foi com relação aos “aspectos gráficos”, sendo eles: formato da revista, qualidade das fotos e imagens, distribuição dos temas e identificação das seções. Chegando a última pergunta, quando o respondente avaliou a periodicidade da revista: os números de exemplares por ano e “quanto aos meses de entrega”. Nas duas últimas questões também houveram três alternativas: “ótimo”, “bom” e “regular”. Após a pergunta 21, foi enunciado sobre a opinião do assinante. De maneira destacada, em negrito, foi solicitado que escrevesse “seus comentários, críticas e sugestões”, deixando para isso 16 linhas disponíveis. Por final e, sob o intertítulo “Atualize os seus dados” o assinante deveria colocar seu endereço,

cidade, estado, código de endereçamento postal (CEP), telefone e e-mail. Também se havia “interesse em receber informações sobre os produtos Paulinas”, dando a opção de “sim” e “não”.

As respostas, conforme constam no Relatório do Departamento de Marketing e Publicidade (2003) da Revista Diálogo, demonstraram que os assinantes eram constituídos em sua maioria do sexo feminino (69%), sendo 31% do sexo masculino. Quanto à idade dos respondentes, 57% encontravam-se “acima de 40 anos”. De 31 a 40 anos somavam 30% e sendo 7% “de 26 a 30 anos” e 6% “até 25 anos”.

Os assinantes da Revista Diálogo são 91% de católicos, apenas 5% de protestantes, 1% de espírita e não responderam a essa questão 3%. O grau de escolaridade dos leitores nesse período foi composto de mais da metade, 51% de pós-graduado. Seguido por 35% com formação superior – 3.º grau –, bem abaixo com apenas 12%, os assinantes com apenas a educação básica e os não responderam a essa questão foram 2%. Eles tinham como atividade profissional a docência, com 67% e aposentado, 9%; assalariado com 7%; autônomo 3%, seguido com 2% de donas de casa e “outras atividades” com 12%.

Com relação ao lecionar a disciplina de Ensino Religioso, 69% respondeu positivamente, contra 23% e os que não responderam foram 8%. Dos 69% de assinantes que lecionam, 37% assinalaram que são professores de escola pública, seguido de 26% na comunidade e de 23% em escolas particulares. Não responderam 14%. Para essa questão o Relatório traz ainda:

A soma da participação de quem leciona em escolas é inferior ao total de leitores que responderam “sim” no item anterior, evidenciando que mais de 1/4 dos assinantes utilizam a revista como fonte de consulta para “lecionar” na comunidade (RELATÓRIO, 2003, p. 3).

Quarenta e nove por cento dos assinantes não exercem função de coordenador de Ensino Religioso. Essa resposta é seguida de perto pelos respondentes que exercem alguma função, 45%; não respondendo apenas 6%. Não consta no Relatório nenhum registro sobre os 49% de assinantes que não exercem atividades na coordenação do Ensino Religioso. Porém, e hipoteticamente, percebe-se que a Revista Diálogo é lida por profissionais que atuam, principalmente, em sala de aula. Provavelmente esses profissionais estão inseridos ao índice de 60% que são professores nas redes de ensino público e particular.

Dos assinantes, 76% responderam que assinam ou recebem “outra revista religiosa”. Desses 50% confirmaram a leitura da publicação “Mundo Jovem”; 40% lêem a “Família Cristã” e bem abaixo, a revista “Mundo e Missão”, com 18%, “Sem Fronteiras”, com 16% – também com esse índice a opção “outras” leituras. As demais alternativas: Mensageiro do Sagrado, Rainha, Ave Maria, Brasil Cristão e Ir ao Povo, juntas, somaram 30%. Os que não possuem outra assinatura e não realizam outras leituras de revistas religiosas são 31%. O que se confere entre os leitores respondentes é que: “(...) a maior parte dos leitores lê mais de duas revistas” (RELATÓRIO, 2003, p. 3).

Na pergunta sobre leitura de livros e quais os gêneros, 98% respondeu positivamente. Os 2% restantes ficaram entre os que não lêem e que não responderam. Elencando os gêneros literários, 88% dos assinantes da Revista Diálogo lêem livros religiosos, seguidos de 71% de didático, 50% de auto-ajuda, a literatura em geral ficou com 49%, os livros técnicos com 22% e outros gêneros com 14%.

As respostas para o segundo intertítulo “Você e a Revista Diálogo” começam pela questão do tempo que se é assinante da Revista Diálogo. O maior índice, 28% são os assinantes a “Mais de 4 anos”, seguido com 21% os com “Menos de 1 ano” e com “Um ano”, respectivamente. Com dois anos de assinatura foram 15% e 13%, com três anos. Não responderam a essa pergunta 2%. Na seqüência foi questionado o que motivou a assinar a Revista, com as alternativas dispostas da seguinte forma: “recomendação de amigos ou parentes”, “li um exemplar e gostei”, “vi anúncio em revista ou jornal”, “recebi um telefonema da revista” e por último “outra razão”. Com 39% a opção “li um exemplar e gostei”. Depois as alternativas “recomendação de amigos ou parentes” e “vi anúncio em revista ou jornal” ficaram empatadas com 21%. “Outra razão” recebeu 19%. O que não consta no Relatório do Departamento de Marketing e Publicidade da Revista Diálogo foi a opção “recebi um telefonema da revista”. Presume-se que não foi eleita por nenhum dos assinantes, já que a somatória dos percentuais das demais respostas atinge o universo de 100% dos respondentes.

Entre as pessoas que “lêem regularmente a Revista Diálogo” seja da relação familiar ou profissional, 34% respondeu que duas pessoas têm acesso e 28% que de quatro ou mais pessoas lêem. Apenas 23% declararam que uma pessoa somente lê e 3% não respondeu.

Com relação aos temas serem abordados monotematicamente, a maioria esmagadora 98% assinalou positivamente. Nenhuma disse ser negativa a forma de abordar os temas e 2% preferiu não opinar. Essa questão trazia ainda a opção “prefiro outra forma de abordagem”, solicitando ainda que justificasse, o que o Relatório destacou foi:

- A abordagem é tão boa que estudamos com professores assuntos nela tratados.
- Os assuntos são bem colocados, com embasamento teórico.
- Compro a revista justamente pelo tema que aborda.
- **Permite que se faça o planejamento dos conteúdos a serem trabalhados.**
- Proporciona um maior aprofundamento do tema.
- ... ajuda no planejamento de minhas aulas.
- Sempre auxilia no planejamento das aulas.
- Facilita a consulta posterior e um aprofundamento maior no assunto em estudo.
- Possibilita um maior aprofundamento do tema. (RELATÓRIO, 2003, p. 7).

Observa-se que os 98% que assinalaram positivamente aos temas serem monotêmicos são leitores que extraem da Revista subsídios para suas aulas. Não somente para as aulas, mas os temas são debatidos entre os docentes.

Com relação se o “conteúdo da revista atende as expectativas”, 95% respondeu que sim. Quatro por cento preferiram não responder e apenas 1% respondeu negativamente. Nessa questão foi deixado espaço para que o entrevistado justificasse sua resposta. O relatório apresentou:

- Oferece suporte na formação dos professores.
- Com relação ao ecumenismo, por exemplo, sinto-me mais segura ao ler o assunto numa revista católica.
- Os assuntos abordados na revista me ajudam na minha atividade religiosa.
- Porque houve situações em que os temas abordados solucionaram dúvidas, contribuindo para um grande crescimento.
- Ela é atual – de fácil compreensão – gostosa de ler.
- Serve de ajuda para minhas aulas de Ensino Religioso e os temas são atuais.
- Ela me ajuda a preparar minhas aulas e o conteúdo abordado nas matérias proporciona discussão e embasamento para debates.
- Traz temas atuais, conhecimentos históricos e fundamentação científica.
- Abrange os temas propostos pelo programa de Ensino Religioso, na faixa etária dos alunos.
- O conteúdo é abordado de forma clara e bem atual, além de didática.
- Vem de encontro com as necessidades na preparação dos planos de aula. (RELATÓRIO, 2003, p. 7).

As seções da Revista Diálogo foram muito bem avaliadas. As 11 seções relacionadas receberam índices variando entre 76% (Matéria de capa) e 53% (Em Pauta), na opção “ótimo”. “Bom” ficou entre 36% (Em Pauta) e 18% a Matéria de capa. Os índices para a opção “regular” ficaram entre 5% para Teatro/Poesia/Cantigas e 1% para Aprendendo e Ensinando e Sua Página. Os que não responderam, os índices variam entre 10% para as seções de Entrevista e Sua Página, sendo o menor índice, de 4%, para a Matéria de Capa.

Portanto, as seções foram muito bem avaliadas pelos respondentes. Somando as opções “ótimo” e “bom” as seções do periódico receberam: Matéria de capa 94%; Aprendendo e Ensinando 93%; Destaque 92%; Conheça Mais e Dicas, com 91% cada; Você Sabia 90%; Sua Página e Em Pauta receberam 89% cada seção; Resenha com 88% e por último, com 87%, as seções de Entrevista e Teatro/Poesia/Cantigas (RELATÓRIO, 2003, p. 5).

Outro percentual elevado – 94% –, foi com relação se a Revista auxilia “na compreensão do Ensino Religioso”. Não responderam a essa questão 6%. Questionados “por que”, o Relatório destacou 12 justificativas, conforme exposto:

- Abre caminho para o planejamento. É luz para as dúvidas. É segurança e metodologia. É uma revista com visão de futuro e atenta à globalização.
- Esclarece sobre as várias religiões e seitas.
- Vivemos num mundo pluralista e isto é de suma importância na compreensão do diálogo inter-religioso.
- Permite análises de questões hoje muito discutidas sobre diferentes crenças.
- Ela trata de uma visão religiosa de forma ecumênica e não alienante de ser religioso como um todo.
- Os artigos ajudam a clarear a linguagem diversificada do Ensino Religioso, catequese e religião.
- Traz informações de acordo com o novo Ensino Religioso.
- Aborda temas que nem sempre se encontram nos livros didáticos.
- Ajuda a esclarecer dúvidas que por ventura tenho a respeito dos temas tratados.
- Abrange todas as grandes religiões, permitindo que se possa trabalhar de forma dialogal.
- Aborda as confissões de forma aberta, dando-nos um lado de respeito que cada um conquistou.
- Posso explicar com clareza, sem medo de falar algo errado. (RELATÓRIO, 2003, p. 8).

A pergunta seguinte foi se o periódico ajuda nas “atividades pedagógicas”, o que 86% respondeu positivamente; não responderam 10% e apenas 4% marcou que

não auxilia em suas atividades pedagógicas. As justificativas para essa pergunta foram:

- Traz muitas sugestões para as séries com as quais trabalho – de 1.^a à 4.^a série, do ensino fundamental.
- Os temas me dão pistas de como interagir. As dicas dadas são todas aproveitadas com os alunos.
- **Esse é o motivo pelo qual assino a revista Diálogo.**
- Ela apresenta ótimas idéias sobre atividades que procuro adaptar ao estudo da Educação Infantil.
- Ela nos oferece dicas, sugestões e informações para tal prática.
- Serve como material para embasamento e fundamentação.
- Apresenta muitas idéias para as minhas aulas.
- Porque tem um bom conteúdo, preço razoável, é científica e fundamenta em pesquisas. (RELATÓRIO, 2003, p. 8).

Outra questão foi referente à formação profissional e pessoal. A Revista Diálogo favorecia a formação do respondente, foi a pergunta. A maioria, 97% respondeu que sim e 3% apenas não respondeu. Nenhum respondente assinalou negativamente. Aqui também os entrevistados foram instigados a justificarem sua opção, o que colocaram:

- Orienta-me e esclarece dúvidas quanto à disciplina de Ensino Religioso.
- Ela está sempre em sintonia com o novo, com os desafios atuais e fundamenta os temas com segurança.
- Devemos nos atualizar sempre e esta revista vem com temas do momento.
- Ajuda a compreensão de temas religiosos de forma transversal.
- Traz temas de conhecimento, que motivam o interesse pessoal para saber mais.
- A visão ecumênica da revista me ajuda a compreender e aceitar as outras expressões religiosas.
- É um meio que traz novidades e até mesmo novas perspectivas em relação ao Ensino Religioso.
- Porque ela aborda de forma profunda os conteúdos que me levam a uma prática de minha fé mais coerente. (RELATÓRIO, 2003, p. 9).

Na avaliação dos respondentes as fotos e imagens dispostas na Revista Diálogo são 98% “ótimo e bom”, nenhum assinalou regular e 2% não respondeu. Quanto ao formato, 96% aprovaram as dimensões da Revista, contra 2% de “regular” e o mesmo percentual para os que não responderam. Com relação a distribuição dos temas também 96% acreditam estar “ótimo e bom”, sendo que 3% nada responderam e 1% declarou “regular”. Para a identificação das seções, 96% marcou que está entre “ótimo e bom”, os outros 4% ficou entre os que optaram por “regular” (2%) e o mesmo índice para os que não responderam a questão.

A periodicidade com que a Revista Diálogo é elaborada anualmente, 43% dos respondentes declarou que está “bom”, a frequência de quatro exemplares por ano. Outros 37% responderam que está “ótimo” e 18% optou pelo “regular”. Não responderam 2%. Somando as opções “ótimo e bom”, a periodicidade da Revista alcançou o índice de 80% de aceitação. Também com relação “aos meses de entrega” da Revista, 45% dos respondentes marcaram que está “bom” receber o periódico nos meses de fevereiro, maio, agosto e outubro. Outros 41% declararam estar “ótimo”, apenas 11% assinalaram “regular” e 3% não responderam. Entre ótimo e bom o índice totaliza em 86%.

No espaço aberto para os comentários, críticas e sugestões, o Relatório do Departamento de Marketing e Publicidade, da Revista Diálogo relacionou 17 contribuições entre as 149 pesquisas que retornaram. Abaixo relacionado apenas algumas:

- Se pudéssemos contar com sugestões de como trabalhar os diversos conteúdos mensais, as nossas aulas se tornariam ainda mais ricas. Como trabalho com séries iniciais tenho que ter muita criatividade nas minhas aulas. Só tenho a agradecer, pois uma revista que se preocupa com o universo religioso já me deixa bem contente, pois trabalho com mais segurança.
- Achei muito adequado o tema ‘Os símbolos nas aulas de Ensino Religioso’. O enfoque dado as diferentes faixas etárias está muito bom. Quando, por exemplo, houvesse espaço e tempo na revista, seria bom que sugerisse o vídeo com alguns títulos das Paulinas ou mesmo de outras editoras ou produtoras...
- A revista é muito boa, mas são poucos exemplares por ano. Fico triste porque muitos colegas gostariam de fazer assinatura e não o fazem pelo alto custo.
- Gostaria que a revista fosse mensal, pois é a única revista de Ensino Religioso. É também uma fonte preciosa para pesquisa, por isso a importância de ser mensal.
- Gostaria que ela fosse mensal ou bimestral.
- A revista é excelente. Sou também professora de cultura religiosa numa faculdade e tenho usado a revista nas minhas aulas. (RELATÓRIO, 2003, p. 9 a 11).

5.2 Pesquisa

Para analisar a contribuição da Revista Diálogo na prática docente do leitor-professor do Ensino Religioso no Brasil enumerou-se dois momentos distintos de pesquisa social.

Primeiramente as cartas e e-mail encaminhados à editora da Revista, pelos leitores, sendo eles professores ou não, no período de dez anos, que é o foco desse objeto de pesquisa. São as correspondências dos leitores, que foram publicadas, na Seção Cartas, da Revista. Essa seção foi especialmente criada para ‘dialogar’ com os leitores-receptores.

No número zero da Revista Diálogo (Outubro de 1995), portanto na primeira Seção Cartas (página 4), a editora enuncia o objetivo do espaço:

Caríssimo(a) Educador(a)

Diálogo – Revista de Ensino Religioso é para você. Queremos que ela corresponda às suas expectativas. Para isso é importante a sua participação. Escreva-nos manifestando o seu parecer e as suas sugestões. (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p. 4).

O espaço é colocado à disposição do leitor-receptor. Nele, o leitor passa a ter “voz ativa”, ou seja, é onde expõe suas idéias, sugestões, elogios e posição sobre o tema “Ensino Religioso”. Também, é nesse espaço que discorreram sobre a abordagem de assuntos inferidos nas edições da Revista publicadas.

Como forma de assegurar que as informações adquiridas sobre a Revista Diálogo eram próximas à realidade vivenciadas e o mais fidedignas ao decorrer da sua história, ocorreu em janeiro de 2006 uma entrevista. A entrevista foi com a Irmã Luzia M. de Oliveira Sena, editora responsável desde a fundação da Revista Diálogo até a edição comemorativa dos dez anos. Também foi conversado com a atual diretora de redação da Revista, Irmã Maria Inês Carniato, que sucedeu a Irmã Luzia.

Conforme Chizzotti (2003), a Irmã Luzia Sena é, para este estudo, a “pessoa-fonte” de fundamental importância. Isso ocorre pelo cargo que exerceu na Revista Diálogo, durante o período pesquisado. Como editora da Revista, a Irmã Luzia não só acompanhou os fatos sobre o Ensino Religioso, como foi protagonista em muitas situações.

A entrevista foi semi-estruturada, ou não-diretiva, onde a editora respondeu perguntas-chaves e também abordou o objeto de maneira livre. Essa liberdade foi

possível também, por conta dos interlocutores participantes. Além da Irmã Luzia e da pesquisadora, fez parte da entrevista, o professor-Doutor Sérgio Rogério de Azevedo Junqueira. O entrevista aconteceu na sede da editora Paulinas, em São Paulo, capital, durante mais de sete horas. Toda a entrevista foi gravada em fita cassete e posteriormente transcrita, tornando-se um documento histórico do período de dez anos da Revista Diálogo.

O segundo momento de pesquisa ocorreu de fevereiro a maio de 2006, porém, fracionado em três procedimentos distintos: o primeiro foi um questionário elaborado com 15 questões, como instrumento de coleta de dados, encaminhado eletronicamente, aos participantes cadastrados no GPER (Grupo de Pesquisa Educação e Religião). O segundo procedimento foi a enquete nos sites do GPER e do Fonaper (Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso). Ressaltando que a enquete foi distintas nos sites, até mesmo porque são públicos diferentes. No GPER o enfoque foi “o papel da Revista Diálogo na formação dos professores”, já no site do Fonaper, se como professor, o internauta conhecia a Revista Diálogo.

5.2.1 Análise das cartas dos leitores – 1995/2005

A participação dos professores-leitores da Revista Diálogo foi analisada também por meio das 134 correspondências enviadas e publicadas na seção Cartas dos Leitores. Durante esses dez anos os leitores participaram interagindo com a editoria da Revista, enviando correspondências, por meio físico, ou eletrônico (e-mail). Essa participação foi expressa de muitas maneiras: com elogios, sugestões de temas a serem abordados, com críticas e agradecimentos pela “existência” da Revista, ou por ter tratado de um assunto específico.

Para analisar as Cartas dos Leitores da Revista Diálogo buscou-se agrupá-las em categorias. A categoria em uma pesquisa facilita o processo de análise. Apesar da professora e psicóloga Laurence Bardin (2000) escrever que “não é uma etapa obrigatória” (BARDIN, 2000, p. 117), a categorização auxilia nos estudos e verificação dos desdobramentos e interesses dos professores-leitores expressos em suas correspondências. A definição de categorização é fornecida por Bardin (2000):

(...) é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são

rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (...) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 2000, p. 117).

Portanto, buscou-se agrupar os leitores da Revista Diálogo entre os “conjuntos categoriais” (BARDIN, 2000, p. 121) já utilizados por estudiosos e pesquisadores internacionais. Entre esses conjuntos, Bardin (2000) expõe a “análise de valores”, amplamente difundida por R. K. White (1947; 1949 e 1967), onde foram utilizados os valores fisiológicos (sexo), valores cognitivos (conhecimento). Aqui foi acrescida a análise espacial (localização geográfica), para situar em qual região se encontra o professor leitor da Revista. Se somente no território nacional ou em outros países.

5.2.2 Categoria: localização geográfica

A distribuição da revista tem alcance nacional e pode-se arriscar que internacionalmente. Essa afirmativa pôde ser percebida pela localização geográfica dos leitores, analisada por meio das 134 correspondências identificadas à direção da Revista. Também é comprovada pelos locais de distribuição da Paulinas. A editora está instalada nas principais cidades e capitais do território nacional. Contam ainda com uma “Central de Telemarketing”, com discagem gratuita, por meio de um número com base no 0800, que atende chamadas de todas as cidades mundiais.

As cartas dos leitores da Revista Diálogo foram agrupadas por regiões do território nacional: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Também a participação de “outros países”, para as correspondências oriundas de território internacional. Outra classificação foi a “localidades não identificadas”, aqui ficam agrupadas as correspondências publicadas somente com o endereço eletrônico do professor-leitor e que não colocaram a cidade de origem. Cabe ressaltar que faz parte das regras da editoria da Revista Diálogo, não considerar as cartas “de endereço e nome incompletos ou sem assinatura” (DIÁLOGO, n.º 0, 1995, p. 4).

As 134 correspondências dos leitores publicadas nesses dez anos (1995 – 2005) da Revista Diálogo são originárias de 77 cidades diferentes. Dessas, 20 cidades contam com mais de uma participação.

Tabela 1 – Localização Geográfica

CLASSIFICAÇÃO	REGIÃO	QUANTIDADE (%)
1.º	Sudeste	55 (41,04)
2.º	Sul	22 (16,41)
3.º	Nordeste	21 (15,67)
4.º	Centro-Oeste	16 (11,94)
5.º	Norte	08 (5,97)
6.º	Outros países	02 (1,49)
7.º	Localidades não identificadas	10 (7,48)
TOTAL		134 (100,00)

Fonte: pesquisa da autora

Conforme se observa na tabela 'Localização Geográfica', a Região Sudeste, formada pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, foi a que mais gerou correspondências à Diálogo: foram 55 cartas, ou seja, 41,04% postadas de 27 cidades diferentes. Desses Estados, São Paulo foi representado por oito cidades, sendo que só da capital paulista foram 16 correspondências. Cabe salientar que a Região Sudeste é realmente onde mais se tem acesso a Revista, possivelmente, pela alta concentração de livrarias e distribuidora da Editora Paulinas e também onde se tem mais concentração populacional.

Em segundo lugar na classificação está a Região Sul, composta pelos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com 22 participações (16,14%). É possível supor que a Região Sul encontra-se nessa classificação, porque desenvolveu, nas últimas décadas, o Ensino Religioso de maneira mais sistemática. Como exemplo dessa sistematização, destacou-se a criação do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper), em 1995, em Santa Catarina; no Paraná, a fundação da Associação Inter-Religiosa de Educação (Assintec), em 1973 e em 2001, a criação do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER). Agrupando Sudeste e Sul, obteve-se 57,45% dos leitores-receptores da Revista Diálogo, residindo nessas duas regiões.

Depois com 21 correspondências (15,67%) está a Região Nordeste, formada pelos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Em quarto lugar, com 11,94% (16 cartas) está a Região Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal). A última região do país, com apenas oito participações (5,97%) foi a Região Norte, formada pelos Estados do Acre, Rondônia, Amazonas, Roraima,

Pará, Amapá e Tocantins. A baixa participação de leitores-correspondentes, nesta região pode ser devido a ocupação rarefeita e pelas grandes extensões territoriais.

Os “outros países” foram apenas duas cartas (1,49%): Colômbia, com uma correspondência da capital, Bogotá; e de Roma, na Itália. Dez correspondentes não foram identificadas as cidades das quais estavam escrevendo, ou residiam. Essa identificação foi procurada, inclusive no texto, e não somente na assinatura da carta.

5.2.3 Categoria: sexo

Entre os “conjuntos categoriais” (BARDIN, 2000, p. 121) utilizou-se da análise de valores fisiológicos, onde R. K. White (1951), desenvolveu seis subitens. Entre eles, o sexo do pesquisado. Da participação dos leitores em se corresponder com a direção da Revista Diálogo, a maioria, dos 134 correspondentes, 93 são do sexo feminino e 40 do masculino e um único correspondente – a carta de número 9 – que subscreveu como sendo da “União Catarinense de Educação”.

Aqui, cabe ressaltar o que os historiadores levantaram sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho e, mais especificamente, na profissão docente. A mulher ingressou de forma progressiva no mercado de trabalho, a partir de 1970. Para se ter idéia, neste ano, a População Economicamente Ativa (PEA) era constituída de 71,9% de homens e apenas 18,2% do conjunto de mulheres. Quinze anos mais tarde (1985), “esses percentuais correspondiam respectivamente a 76% e 36,8%” (FAUSTO, 1995, p. 546).

Não foi um ingresso fácil, no que tange as relações sociais. Gradativamente a sociedade foi considerando “normal o trabalho feminino, pelo menos em determinadas profissões” (FAUSTO, 1995, p. 547). Entre essas ‘determinadas profissões’ está a docência. “As profissões consideradas femininas tendem a ser desvalorizadas como ‘trabalho de mulher’” (FAUSTO, 1995, p. 547). Essa desvalorização foi constatada inclusive nos salários diferenciados, mesmo exercendo funções idênticas, entre outros fatores, também percebida em relação ao Ensino Religioso.

Tabela 2 – Classificação dos Leitores

CLASSIFICAÇÃO	SEXO	QUANTIDADE (%)
1.º	Feminino	93 (69,40)
2.º	Masculino	40 (29,85)
3.º	Não identificado	01 (0,75)
TOTAL		134 (100,00)

Fonte: pesquisa da autora

É possível, ainda, analisar esta categoria fazendo um paralelo com a região geográfica:

Tabela 3 – Região Geográfica

REGIÃO	MASCULINO	FEMININO
CENTRO-OESTE	5	11
NORDESTE	8	13
NORTE	2	6
SUDESTE	16	39
SUL	4	17
OUTRO PAÍS	1	1
NÃO CITOU	4	6
SUBTOTAL	40	93
TOTAL		133*

Fonte: pesquisa da autora

Nota da autora* A diferença entre o total de questionários e o demonstrado acima, se dá por conta da correspondência subscrita pela União Catarinense de Educação, que resulta também em uma diferença no total apresentado da Região Sul.

Os universos feminino e masculino que escreveram para a editoria da Revista Diálogo estão concentrados na região Sudeste do Brasil. Foram 39 correspondentes mulheres e 16 homens.

Acompanhando a tendência demonstrada quanto a quantidade de cartas por região do país, novamente o segundo colocado, está o Sul, com 17 correspondências emitidas pelas leitoras, em contrapartida apenas quatro foram emitidas por leitores do sexo masculino.

Foi verificada em todas as regiões uma maior participação da leitora-receptora, tendo apresentado como resultado final 69,40% correspondentes femininas, contra 29,85% do público masculino.

Vale ressaltar a situação do correspondente número 9 que assinou com sendo da “União Catarinense de Educação”, portanto não permitindo identificar seu gênero sexual.

5.2.4 Categoria: cognitivas

Por meio da leitura das cartas dos professores-leitores, da Revista Diálogo, foi possível identificar possibilidades cognitivas como mais uma categoria de análise. A categoria cognitiva foi subdividida em:

1. Formação/atuação do leitor;
2. Subsídio para atuação em sala de aula;
3. Ação direta com os alunos e
4. Percepção do leitor quanto à apresentação.

5.2.4.1 Formação/atuação do leitor

A formação e a atuação profissional do professor-leitor foi uma das categorias detectadas. O objetivo, ao analisar nas cartas dos leitores, observando a formação e atuação dos receptores da Revista Diálogo é poder delinear o perfil desse leitor.

Desta observação resultaram 10 sub-categorias: professor(a); professor(a) em Ensino Religioso nas redes Pública ou Particular; professor(a) de outra disciplina; professor(a) de outra disciplina com atuação em ER; coordenação do ER ou coordenação/direção de escola; religiosos(as); aluno(a); outras profissões; autores de artigos (articulistas) e por final, os que não especificaram sua profissão ou atuação profissional. Conforme o quadro abaixo se percebe que:

Tabela 4 – Formação/Atuação do Leitor

SUB-CATEGORIAS	QUANTIDADE (%)	
Professor(a)	02	(1,49)
Professor(a) em Ensino Religioso nas redes Pública ou Particular	21	(15,67)
Professor(a) de outra disciplina	05	(3,73)
Professor(a) de outra disciplina com atuação em ER	01	(0,74)
Coordenação do ER ou Coordenação/direção de escola	11	(8,20)
Religiosos(as)	21	(15,67)
Aluno(a)	03	(2,38)
Outras profissões	02	(1,49)
Autores de artigos	06	(4,47)
Não especificou	62	(46,25)
TOTAL	134	(100,00)

Fonte: pesquisa da autora

O percentual de 46,25% (que corresponde a 62 leitores da Revista Diálogo), não especificou a formação ou a atuação profissional. Porém, aproximadamente 21 receptores deixaram implícito em suas correspondências, qual é a atuação profissional ou a formação acadêmica. Como exemplo destacaram-se alguns:

(...) porque os textos são fáceis e, ao mesmo tempo, ricos, bons para o trabalho com professores. Recomendo a leitura pela multiplicidade de autores que favorecem a formação do conhecimento religioso. Lídia Maria – Ubatã–BA (DIÁLOGO, n. 21, 2001, p. 4, grifo da autora).

(...) Tenho utilizado os textos, atuais e interessantíssimos, na formação de professores. As dinâmicas são muito úteis para o trabalho com os alunos. Maria Gorete Alves – Mogi Mirim–SP (DIÁLOGO, n. 22, 2001, p. 4, grifo da autora).

Baseada nessas declarações e, hipoteticamente, se realizada uma junção desses 21 leitores ao índice de “Professor(a) em ensino religioso nas redes Públicas ou Particulares”, passam a constar 42 docentes-leitores, com um índice de 31,34%, o que reflete em um excelente índice de professores-leitores, que ao ler a Revista Diálogo estão se informando e dando continuidade a formação profissional sobre o fenômeno religioso. Outra denotação é que esse leitor-receptor estava preocupado em comunicar-se com a direção da Revista Diálogo; em transmitir seu pensamento em relação ao objeto lido. Entre eles destacam-se dois leitores:

A revista DIÁLOGO do mês de maio ficou muito rica, com informações de qualidade que, certamente, serão úteis para muitos leitores. Indiquei a revista para diversos amigos, sobretudo professores, que atuam dia a dia na sala de aula. Para eles, a temática da revista ajuda a ampliar as discussões acerca de vários aspectos da cultura brasileira (...). Edimilson de Almeida Pereira – Juiz de Fora–MG (DIÁLOGO, n. 39, 2005, p. 6).

Achei de suma importância, para os professores de Ensino Religioso, o artigo do professor Francisco Catão “Valores e religião”, publicado na revista de fevereiro. Sugiro que a revista publique mais artigos desse professor e grande pensador dessa disciplina. O artigo do professor Vicente Martins, “A prática de valores na escola”, trouxe também uma contribuição bastante esclarecedora. Ambos concordam que a disciplina de Ensino Religioso não pode se limitar à educação em valores. Nerva Gerbi Magrini de Lima - São Paulo – SP (DIÁLOGO, n. 39, 2005, p. 7).

Outro importante índice de correspondentes com a direção da Diálogo é o de “Professores em ER das redes pública e particular”, empatado com os

“Religiosos(as)”, ambos com 15,67%, ou seja, 21 cartas. Cabe ressaltar que a especificação ‘religiosos(as)’ engloba freiras, padres, frei, bispos, rabinos, pastores e pessoas leigas de igrejas evangélicas. Nessa sub-categoria, observou-se nos textos dos correspondentes, que sendo religiosos(as), são também profissionais que atuam como professor(a), ou coordenador(a) do Ensino Religioso e ou direção de uma instituição de ensino e ainda ‘autor de artigos’ publicados na Revista, como é o caso do Rabino Henry Sobel. Esse entrelaçamento entre atuar como professor, ser religioso(a) e exercer função de coordenação ou direção é aceitável no sistema educacional. De certa forma, demonstra a flexibilidade profissional do brasileiro. Conforme pode-se verificar abaixo:

Num encontro com professores, no qual refletimos sobre o tema cidadania, recorri à revista Diálogo do mês de março de 1996, que foi muito feliz na abordagem desse tema enfocando, principalmente, a cidadania e o papel do professor e a sala de aula como espaço de cidadania. Este número da revista ofereceu contribuições práticas, numa abordagem simples, clara e dinâmica do assunto. Este tema passou a fazer parte do programa escolar, o que levou muitos professores a procurar este subsídio. Irmã Isaura Oliveira Marques – Lins–SP (DIÁLOGO, n. 11, 1998, p. 5, grifo da autora).

Em nosso Colégio a revista **Diálogo** é bastante usada. Está ótima. Parabênizo a equipe organizadora e que nos próximos anos ela possa continuar com esses conteúdos maravilhosos. Ir. Ercília – Colégio Imaculada Conceição – Cáceres–MT (DIÁLOGO, n. 13, 1999, p. 4, grifo da autora).

Também na sub-categoria dos professores(as) em ER nas redes particular e pública, há dois exemplos de que os correspondentes também são alunos(as) em instituição de ensino superior, mais especificadamente, em pós-graduação:

Há muito tempo aprecio a revista DIÁLOGO. Sou educadora da disciplina de Ensino Religioso e os temas apresentados são sempre pertinentes e úteis para reflexão pedagógica e social. Minha formação é Pedagogia e atualmente sou mestranda do curso de Teologia. Gisele Mazzarollo – Gisele.mazzarollo@fsg.br (DIÁLOGO, n. 34, 2004, p. 6, grifo da autora).

Sou professora de Ensino Religioso há sete anos, pós-graduada em Ensino Religioso pela Faculdade Dehoniana de Taubaté (SP). Sou apaixonada por essa disciplina. Ao longo desses anos acumulei experiências que me levaram a acreditar que vale a pena lutar para que o Ensino Religioso ganhe credibilidade no meio escolar. Com os educandos, desenvolvi um projeto sobre “Religiosidade e cidadania”. Acompanho a revista DIÁLOGO há muito tempo. Irmã Noêmia dos Santos Silva - Campos do Jordão – SP (DIÁLOGO, n. 34, 2004, p. 6, grifo da autora).

Na sub-categoria de “Coordenação do ER ou Coordenação/direção de escola” reconhecem-se 11 cartas, o que correspondente a 8,20%. Aqui também há leitores que se enquadrariam na sub-categoria dos “religiosos(as)” e como “professores em ER nas redes pública e particular”. Conforme algumas cartas abaixo:

Sou coordenadora diocesana de ERE da rede pública na diocese de Oeiras – Floriano/PI, fui presenteada por um amigo com a *Diálogo – Revista de Ensino Religioso*. Fiquei contentíssima. É bom saber que se pode contar com uma revista dessa natureza. Parabenizo a equipe pela iniciativa, essa revista contribuirá para o enriquecimento das aulas de Ensino Religioso. Irmã Eudes – Floriano–PI (DIÁLOGO, n. 1, 1996, p. 4, grifo da autora).

Sou professor e orientador do Ensino Religioso da Escola Municipal em minha comunidade, e fiquei, além de surpreso, muito feliz ao receber o número zero de “Diálogo”, que chegou em momento oportuno. Estou contente de saber que será um subsídio que irá nortear essa nobre disciplina. Parabéns às Irmãs Paulinas por esta obra tão edificante em prol da sociedade brasileira. Orlando Augusto da Silva – Murici–MG (DIÁLOGO, n. 1, 1996, p. 4, grifo da autora).

(...) Estamos com mais de trinta assinaturas nas escolas e minha meta é que todas da região que eu coordeno tenham na sua biblioteca uma assinatura de Diálogo. É lindo ver os professores exibindo sua revista colorida e se encantando por ela. Parabéns a vocês pela iniciativa tão oportuna de nos oferecer esta maravilhosa revista, numa área tão carente como é o ERE. Irmã Zulmira Estivaletete – Lages–SC (DIÁLOGO, n. 2, 1996, p. 4, grifo da autora).

Observa-se um grande entrelaçamento das sub-categorias função, atuação e formação. Há coordenadores do ER que também atuam como professores, ou religiosos(as) que são docentes e também coordenadores, ou, ainda, articulistas da Revista. Essa “teia” profissional – aparentemente confusa – é amplamente aceita e praticada no meio escolar.

5.2.4.2 Subsídio para atuação em sala de aula

No uso da Revista Diálogo como “subsídios para a atuação em sala de aula” percebe-se a satisfação de 37,31% dos leitores. São 50 correspondências à direção que declaram a importância e como a criação da Revista preenche a lacuna existente desse objeto de conhecimento. Outras declaram o quanto a Diálogo tem auxiliado no aprofundamento do Ensino Religioso e suas multifacetadas e abrangências no contexto social e educacional. Abaixo algumas dessas correspondências:

(...) Aproveito o ensejo para parabenizar tão bela iniciativa que vem de encontro aos nossos anseios e necessidades mais prementes. Ademilson Batista Paes – Cassilândia–MS (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p. 4, grifo da autora).

(...) Reiteramos ainda que ficamos felizes ao tomar conhecimento da iniciativa desta conceituada Editora em lançar esta revista, tendo em vista a falta enorme de subsídios para a disciplina do Ensino Religioso. Vania Maria W. Spessatto – Dourados–MS (DIÁLOGO, n. 0, 1995, p. 4, grifo da autora).

A revista **Diálogo** nos tem oferecido subsídios para desenvolvimento das atividades de Ensino Religioso em nosso Estado. Da revista retiramos textos que nos auxiliam como fonte de pesquisa para os professores. Esperamos que coloquem mais dinâmicas para trabalharmos com os professores e também com os alunos. Obrigada pelo auxílio que a revista nos tem proporcionado. Merice Vita da Silva Cidreira – São Luís–MA (DIÁLOGO, n. 11, 1998, p. 4, grifo da autora).

5.2.4.3 Ação direta com os alunos

A utilização da Revista Diálogo diretamente pelos alunos em sala de aula, foi outra sub-categoria analisada. São sete correspondências – 5,22% – dos receptores-leitores que explicitaram que levam a Revista à sala de aula, onde os estudantes têm acesso.

Linguagem dos símbolos

A abordagem da revista DIÁLOGO é tão boa que estudamos com os professores os assuntos nela tratados. Também com os alunos estudamos e debatemos os temas. O importante na revista é que quando ela aborda um assunto não o faz apenas na ótica de uma religião, mas na de várias, como a da edição de fevereiro sobre a linguagem dos símbolos. Maria Josefa Soares – Dois Irmãos–RS (DIÁLOGO, n. 30, 2003, p. 6, grifo da autora).

Tenho 10 anos, estou na 5ª série e estudo no Colégio Marista Nossa Senhora da Glória. Estou aprendendo nas aulas de Ensino Religioso sobre os livros sagrados das diversas religiões. Gostei muito dos artigos que li na revista DIÁLOGO, aprendi muito com eles. Achei interessante a matéria sobre o budismo, pois diz que o texto sagrado é uma coleção de documentos e que também existem muitos textos sagrados nessa religião. A minha classe discutiu sobre o jeito de ser de cada religião. Foi muito legal. Tatiana - São Paulo – SP - Tatianapb@ig.com.br (DIÁLOGO, n. 34, 2004, p. 6, grifo da autora).

O artigo “Projeto solidário”, publicado na DIÁLOGO de maio, ficou muito bom. Foi um sucesso entre os alunos que participaram do projeto, por se sentirem valorizados e estimulados a participar e a enriquecê-lo sempre mais. Fico feliz, pois era isso que eu queria: motivá-los para o serviço e a doação ao próximo. Dayse Antunes de Oliveira Faro – Cuiabá–MT (DIÁLOGO, n. 35, 2004, p. 6, grifo da autora).

Apesar de apenas sete correspondências representar essa utilização da Revista Diálogo como material de apoio com os alunos, consegue-se capturar a importância dos conteúdos abordados. Houve discussões e debates entre os alunos e professores, propiciando crescimento e valor agregado aos alunos participantes.

5.2.4.4 Percepção do leitor quanto à apresentação

Como o receptor-leitor percebe a revista, pode vir a influenciar em seus sentimentos com relação ao objeto do conhecimento, neste caso o Ensino Religioso. Também sobre o periódico. O formato da Revista, a visualização, com imagens, fotos e ilustrações interferem na assimilação do objeto lido. Portanto, essa subcategoria também foi percebida nas cartas dos receptores.

Entre o universo de 134 correspondência, 74 referem-se positivamente a apresentação da Revista Diálogo. Essas cartas, que correspondem a 55,22% dos leitores, também expressam seus pareceres sobre as seções e os conteúdos. Aqui as seções e os conteúdos foram extraídos tanto os que abordavam de maneira generalizada, quanto os que se referiam a exemplares específicos. Eles também destacam um autor ou outro de artigos, tecendo assim, comentários favoráveis ou não.

A irmã Luzia Sena durante a entrevista, comentou sobre o porquê de se criar uma revista e não outro tipo de veículo e também sobre o formato da Revista Diálogo. A editora disse:

(...) pediam um instrumento de comunicação e de integração entre os professores. (...) Dom Aloysio Leal Penna, levou a sério esse pedido dos professores de ter um meio de comunicação entre eles, uma revista. (...) como eu participava do GRERE (Grupo de Reflexão do Ensino Religioso, ligado a CNBB) e era também de editora, (...) ele solicitou para Paulinas assumir esse desafio de criar essa revista. (...) O Dom Aloysio Leal Penna que nos fez essa proposta, pediu para o Catão fazer o primeiro esboço de uma revista de Ensino Religioso. Ele fez uma página só, alguns tópicos dessa proposta, mas ainda não se sabia, se a editora iria assumir, só fez essa proposta para discutirmos na reunião, que fosse uma revista com artigos de fundamentação, teóricos, que depois tivessem também a parte prática, metodológica. Assim, deu algumas dicas para essa revista de Ensino Religioso, desses conteúdos que levassem em conta a diversidade do Brasil. Veio essa proposta e eu apresentei para a diretoria de Paulinas (...). Então jogaram a peteca para mim, porque eu estava no editorial, encarregada de Ensino Religioso, minha editoria era esta e, não tinha intenção de sair da editora, mas aí disseram: "É você que vai ter que assumir essa revista". Aí sugeriram nomes de outras pessoas para me

ajudar. (...) começamos do zero, inclusive pensando no formato da revista, colocando-nos no lugar do professor, como ele queria que fosse. Pensamos até no formato pequeno para colocar na bolsa, pensamos no leitor principalmente. (...) para facilitar, inclusive para ser uma coisa mais fácil do professor manusear, levando na bolsa, lendo também no ônibus, no caminho, indo de uma escola para outra. (...) que fosse ilustrado também, para ficar agradável de ler (...), mais arejada.

A Revista passou por alteração, a partir de março de 2002, na Revista n.º 25, sendo a revista anterior (n.º 24) a última no formato original. Tanto no editorial, quanto na introdução da Seção Cartas, a direção da Revista, que completava sete anos de publicação – descreve o que e o porquê mudou:

Prezado (a) leitor(a):

Como você pode notar, fizemos algumas mudanças na Diálogo – Revista de Ensino Religioso. Queremos que ela continue sendo um veículo em prol da formação do professor de Ensino Religioso e, de maneira geral, voltada para formação humana, portanto também para professores de outras áreas, pais e pessoas envolvidas com a educação que humaniza e liberta. Pretendemos que a revista:

- Possibilite o aprofundamento de um tema específico a partir de diferentes perspectivas, contribuindo assim para uma visão mais ampla através dos artigos.
- Seja mais dinâmica, trazendo elementos que possam colaborar para a elaboração do trabalho do professor nas seções: Aprendendo e ensinando; Dicas; Parábolas/Contos e/ou Poesias; Conheça mais; Teatro e Resenha.
- Esteja conectada à realidade: Você sabia; Destaque
- Possibilite a aproximação do público com a redação e a troca de experiências: Cartas; Em Pauta; Entrevista e Sua página. (DIÁLOGO, n.º 25, 2002, p. 6).

Entre as correspondências dos professores-leitores há aquelas que destacam artigos ou o conteúdo; ou a forma como as matérias estão distribuídas nas páginas; elogios e comentários sobre o “novo visual” da Diálogo:

Parabéns pela revista **Diálogo** do mês de agosto de 1999. O tema sobre a música na educação está ótimo; a diagramação bonita, atraente, suave; a linguagem simples, agradável, respondendo, desta forma, às nossas expectativas. Ir. Maria Alice Gregolini – Manaus–AM (DIÁLOGO, n. 16, 1999, p. 4, grifo da autora).

Caro diretor

Observando as matérias publicadas na revista DIÁLOGO, me surpreendi pelo seu valor e pela credibilidade de seus artigos, que me levou a ser seu assinante. Votos de sucesso no trabalho. Natanael de França Abreu–São Félix do Xingu–PA (DIÁLOGO, n. 25, 2002, p. 6, grifo da autora).

Original

A revista DIÁLOGO está ótima! Toda renovada, visual diferente, artigos excelentes que ajudam os professores a ter segurança no seu ministério de

ensinar valores humanos. Os professores da minha escola leram e acharam que vale a pena vocês continuarem com este visual e conteúdo. Disseram também que é importante uma entrevista a cada edição, como a da edição de março, “Amor pela profissão”. Foi muito boa a fala do professor Amarildo. Experiências assim são ótimas de se publicar. Sugiro ainda que os conteúdos sejam sempre direcionados à prática do professor, inclusive com dinâmicas para desenvolvê-los. Parabéns à equipe! Nelci Bedin – Coord. do Ensino Religioso no Col. N^a S^a da Glória – Francisco Beltrão-PR (DIÁLOGO, n. 26, 2002, p.6, grifo da autora).

Boa hora

Fiquei surpreso com o novo visual da revista DIÁLOGO. Antes mesmo de abri-la, lendo a folha avulsa que cobria a capa, dentro da embalagem, estranhei o tamanho. A revista chegou em boa hora e, coincidentemente, com um dos assuntos que tratarei neste primeiro bimestre, com as turmas de 8^a série, que é o fenômeno religioso. Gostei tanto do novo visual que já fiz a renovação da minha assinatura. Professor Álvaro Alves de Menezes – Belo Horizonte-MG (DIÁLOGO, n. 26, 2002, p. 6, grifo da autora).

Avaliando...

Os temas apresentados pela revista DIÁLOGO estão abrangentes, fundamentados e contextualizados. Os conteúdos auxiliam a formação contínua dos educadores do ER (Ensino Religioso) que, através da pesquisa e do estudo, buscam estar sempre atualizados e preparados para a importante missão de educar. A revista ficou mais atraente, leve, dinâmica. A seção *Aprendendo e ensinando* está provocativa no sentido de despertar os educadores para uma preparação adequada e contextualizada das aulas. As Dicas, de músicas, filmes, livros, complementam os temas. Parabéns! Desejo um ótimo trabalho! Professor Rogério Darabas – Colégio Madre Cabrini – São Paulo (DIÁLOGO, n. 27, 2002, p.6, grifo da autora).

Sou assinante novato da revista DIÁLOGO e recebi recentemente o primeiro exemplar da minha assinatura. Foi realmente uma surpresa muito agradável. Surpresa que desejo compartilhar com os seus editores. Antes mesmo de mergulhar na leitura da revista, fiquei encantado: a diagramação e a arte final são primorosas e absolutamente adequadas à temática da revista. As Paulinas estão dando um show na qualidade da programação visual de seus produtos. Parabéns! Francisco Roberto Vieira – chicorobertovieira@ig.com.br (DIÁLOGO, n. 38, 2005, p. 6, grifo da autora).

5.3 Pesquisa por endereço eletrônico – GPER – 2006

Outra pesquisa, agora realizada com o enfoque exclusivo para responder aos questionamentos levantados pela pesquisadora, ocorreu no período de fevereiro a maio de 2006. Nessa investigação de campo optou pela pesquisa qualitativa, com abordagem fenomenológica e na modalidade de Análise de Conteúdo. Um questionário elaborado com 15 questões foi o instrumento de coleta de dados, para extrair as informações dos leitores-professores do Ensino Religioso. Sendo, que instrumento de coleta de dados, segundo Mattar (1996):

(...) é o documento através do qual as perguntas e questões serão apresentadas aos respondentes e onde são registradas as respostas e dados obtidos. (...). Chama-se genericamente de instrumento de coleta de dados a todos os possíveis formulários utilizados para relacionar dados a serem coletados (ou) registrar os dados coletados, utilizando-se de qualquer das possíveis formas de administração (questionário, formulário para anotações de observações, rol de tópicos a serem seguidos durante uma entrevista de grupo focalizada etc). (MATTAR, 1996, p. 99).

Essa pesquisa por meio de endereços eletrônicos (e-mails) ocorreu por amostragem. A amostragem, ou, simplesmente, amostra significa “qualquer parte de uma população” (MATTAR, 1996, p. 128), foi definida pelo método de conveniência não probabilístico, devido ao universo ser limitado e ao conhecimento das características do público-alvo. Para conceituar o ‘método de conveniência não probabilístico’, buscou-se em Mattar (1996), que registra:

Amostragem não probabilístico: aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador (...). Amostras por conveniência são selecionadas, como o próprio nome diz, por alguma conveniência do pesquisador. (MATTAR, 1996, p. 132 e 133).

Com a pesquisa objetivou-se averiguar a contribuição da Revista Diálogo para a formação dos professores-leitores do Ensino Religioso das instituições de ensino do território nacional, além da forma de utilização, no exercício da profissão em suas aulas.

O público-alvo foram as 545 pessoas cadastradas no Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER), por meio do site: www.gper.com.br. Essas pessoas ao acessarem o site e havendo interesse se cadastram para receberem informações sobre pesquisas nas áreas de educação e ensino religioso. Com relação à elaboração das perguntas que comporiam o questionário da pesquisa, primeiramente houve a preocupação em elaborá-las de maneira que contemplasse todos os requisitos, para que melhor extraísse dos leitores-docentes a realidade vivida por eles.

Na introdução do questionário foi explanado sobre a parceria entre o GPER e a Revista, para que a pesquisa fosse realizada, motivando a participar e já agradecendo. Conforme abaixo o texto:

O GPER (Grupo de Pesquisa Educação e Religião – www.gper.com.br) em parceria com a REVISTA DIÁLOGO (Edições Paulinas) realiza esta pesquisa para compreender o papel deste periódico na formação dos professores de Ensino Religioso no Brasil. A DIÁLOGO foi publicada pela primeira vez em 1995, completando, portanto, em 2005, dez anos. Colabore com este momento da Revista Diálogo, sua participação é muito importante, respondendo às questões abaixo. Obrigado!

Na enumeração das questões, que foi do número um ao quinze, houve uma distribuição aleatória “quanto à forma de resposta à pergunta”. Foram oito “perguntas com respostas fechadas” e uma “pergunta com resposta aberta” (MATTAR, 1996, p. 106).

Para Mattar (1996): “Nas perguntas com respostas abertas, os pesquisados respondem às questões com suas próprias palavras (escrevendo ou falando)”. (MATTAR, 1996, p. 106).

As “perguntas com respostas fechadas” foram relacionadas na pesquisa porque são solicitadas “(...) aos respondentes que escolham a(s) resposta(s) ((...) ou assinalando graficamente) entre um rol predeterminado de opções.” (MATTAR, 1996, p. 108). Há de se acrescentar que as “perguntas com respostas fechadas” possuem subdivisões, como dicotômicas, escolha única, escolha múltipla e de escala.

Nesta pesquisa com os leitores-professores da Revista Diálogo foi utilizada apenas as subdivisões: dicotômicas e escolhas múltiplas. A escolhas múltiplas, como o nome já diz, o entrevistado poderá escolher entre as opções ofertadas. Outros dois motivos são: “os respondentes consideram essas perguntas fáceis e rápidas de responder; apresentam pouca possibilidade de erros.” (MATTAR, 1996, p. 109). Há ainda a preocupação com a exaustão da resposta: “Dizemos que as alternativas são coletivamente exaustivas quando incluïrem todas as possíveis respostas alternativas. Para esse princípio possa ser atendido é sempre conveniente incluir a alternativa ‘outros’. Quais?” (MATTAR, 1996, p. 109).

Na primeira pergunta foi solicitado aos entrevistados que assinalassem o gênero sexual a que pertence: se masculino ou feminino, sendo somente essa a forma escolhida como identificação do respondente. Na seqüência foi solicitado que assinalassem a formação acadêmica deixando espaço para que completassem “especificando o nome do curso que fez”. Houve a preocupação de explicitar a importância dessa informação “(...) para traçar o perfil dos profissionais que atuam

no Ensino Religioso”. Foram quatro opções: da graduação à pós-graduação (*Lato Sensu e Stricto Sensu*).

Logo após, a questão contemplada foi se o profissional-leitor é professor, dando a opção de expressar “a sua função/cargo”, caso a resposta fosse negativa. Dessa pergunta e sendo negativa sua resposta, há um indicativo que o entrevistado estava descomprometido de responder as duas questões seguintes, podendo avançar para a sexta questão. Sendo a resposta positiva, a próxima pergunta foi sobre as disciplinas que lecionava. Foram relacionadas cinco disciplinas: Educação Religiosa, Português, Ciências, Biologia e Matemática. Deixou-se em aberto um último espaço para que escrevesse “outra (s) disciplina (s). Qual (is)?”, que não as mencionadas.

“Há quanto tempo atua como professor?”, foi outra questão, ofertando seis opções, de “menos de um ano” até “mais de 15 anos”. Também se o respondente conhecia a Revista Diálogo. Nessa pergunta também houve a opção, de caso a resposta fosse negativa, o entrevistado estava livre de responder as oito questões seguintes, podendo responder, diretamente, a última. Sendo positiva a resposta, a próxima pergunta foi sobre a forma que tem de acesso à Revista Diálogo: se “assinante”, ou “minha escola possui assinatura”, ou ainda se, “adquiri por meio de estabelecimentos comerciais” e por final “se pega emprestado(a)”.

A oitava questão foi sobre o período que tem conhecimento da Revista, com cinco opções: “Menos de um ano”, “de um a três anos”, “de quatro a seis anos”, “de sete a nove anos” e a última “há dez anos”. Outra pergunta foi se, como leitor da Revista, já havia se correspondido com a editoria. Nesta questão foram colocadas três opções para que assinalasse, sendo duas positivas “com sugestão” e a outra “com crítica” e a última opção é a negativa, com “nunca escrevi”.

Já na pergunta seguinte a resposta foi dicotômica (MATTAR, 1996, p. 108). Exigindo ainda do investigado, que escrevesse se a “Revista Diálogo auxilia em sua prática docente?”, dando as opções de “sim” e “não” e, de que maneira ocorria. Ainda foi questionado se a “Revista Diálogo contribui para a formação do professor”, e como na questão anterior, foi solicitado que descrevesse de que forma. A décima segunda questão foi com relação aos discentes: perguntado se os “alunos têm acesso à Revista Diálogo?”. Sendo a resposta do entrevistado positiva, ele deveria especificar “de que maneira” isso ocorre.

A outra pergunta fez referência a Revista ser monotemática e foi também explicado o termo: “aborda o mesmo tema em várias perspectivas”. Sendo solicitado que expressasse “seu ponto de vista”, entre as opções: “excelente”, “muito bom”, “bom” e “razoável”. A penúltima questão foi com relação às seções da Revista. Foram listadas 11 seções, deixando o entrevistado livre para marcar mais de uma. Ao final ele deveria justificar as suas opções. Finalizando, houve uma questão com resposta aberta. A opinião do entrevistado era se “o professor tem que se preocupar em dar continuidade em sua formação docente?”, solicitando que justificasse a sua colocação.

Ao final das questões foi solicitado que enviassem a pesquisa, já respondidas, para o endereço eletrônico do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (gper@gper.com.br) e por último um agradecimento pela participação. Após a delimitação das questões foi encaminhado ao endereço eletrônico da editoria da Revista Diálogo para que aprovasse. A aprovação veio um dia depois da solicitação, sem nenhuma ressalva nas perguntas. De posse da aprovação da Paulinas, foi, imediatamente, enviado pelo newsletter do GPER.

Do universo em que a pesquisa foi encaminhada, somente 28 retornaram preenchidas. Das 545 oportunidades de professores, o retorno do questionário significa apenas 5,13%. Desanimador? Nem tanto. A autora foi alertada que desenvolver pesquisa estava sujeita a esse percalço. A sensação momentânea de fracasso foi substituída pelo entusiasmo, ao ler e observar como foram respondidas cada uma das questões. Dos que retornaram, a pesquisadora contou com ‘sentimentos positivos’ dos 28 respondentes: boa vontade em participar, simpatia, respeito e curiosidade.

5.3.1 Preservando o anonimato

O questionário da pesquisa foi elaborado de forma a não constar à identificação do entrevistado. Mesmo assim, para preservar ainda mais a identidade dos respondentes, optou-se em relacionar cada um com a letra do alfabeto “Q”, significando “Questionário” seguido de um numeral, de um a 28. Exemplificando: Q01, Q02, Q03 ... Q14 até o Q28. Dessa maneira há maior liberdade para expor as idéias e reflexões de cada respondente, sem, que haja constrangimentos e sem perder as informações coletadas.

5.3.2 Apresentando os resultados

A seguir são apresentados os quadros com as participações dos leitores-docentes-respondentes. Cada quadro corresponde a uma questão respondida. Neles estão as colocações dos entrevistados, seguidas da análise do conjunto.

Tabela 5 – Sexo

	Masculino	Feminino
Q01		X
Q02	X	
Q03	X	
Q04	X	
Q05	X	
Q06		X
Q07	X	
Q08		X
Q09	X	
Q10		X
Q11	X	
Q12		X
Q13	X	
Q14	X	
Q15		X
Q16		X
Q17	X	
Q18	X	
Q19	X	
Q20	X	
Q21		X
Q22		X
Q23		X
Q24		X
Q25		X
Q26	X	
Q27	X	
Q28		X

Fonte: pesquisa da autora

Dos respondentes, 15 são do sexo masculino, ou seja, 53,57%. Do universo feminino, 13 pessoas retornaram a pesquisa. Com base no exposto, é possível pontuar o maior interesse demonstrado pelos homens, contrariando a expectativa inicial com relação às respostas femininas.

Analisando comparativamente com a pesquisa realizada no ano de 2003, quando o universo feminino foi superior, 69%, contra 31%, pode-se perceber uma alteração comportamental. Há de se observar que em três anos houve uma ampliação do interesse masculino pelo ensino nas séries iniciais e, conseqüentemente, pelo religioso. Mesmo considerando que o acesso às pesquisas foi diferenciado. Uma por mala-direta, a outra por microcomputador, com acesso à Internet.

Tabela 6 – Formação

	Graduado	Especialista	Mestrado	Doutorado	Observação
Q01	Pedagogia	Metodologia de Ensino	Cursando em Educação		
Q02	Teologia				
Q03	Filosofia				
Q04	História	História do Brasil Cultura e Sociedade Contemporânea e cursando Docência do Ensino Superior			
Q05	Letras	Ensino Religioso			
Q06	Letras (português/espanhol)	Pedagogia Gestora			
Q07	Pedagogia		Educação		
Q08	Teologia e Pedagogia	Psicopedagogia			
Q09	Teologia e terminando curso de Direito				
Q10			Psicologia da Educação (PUC/SP)		
Q11	Filosofia	Supervisão e Administração Escolar			
Q12	Pedagogia	Psicologia Transpessoal			
Q13	Filosofia e Teologia (incompleto)	Psicopedagogia			
Q14	Licenciatura Plena em Filosofia	Filosofia Social e Política			
Q15		Tecnologia Educacional			
Q16		Fundamentos e Metodologia em Ciências			

	Graduado	Especialista	Mestrado	Doutorado	Observação
		da Religião			
Q17	Licenciatura Filosofia e Bacharel em Teologia	Ensino Religioso	Ciências da Religião (em curso)		
Q18	Direito e Professor de Ensino Religioso				
Q19	Ciências da Religião – Licenciatura Plena em Ensino Religioso		Educação		
Q20	Filosofia	Ensino Religioso			
Q21	Pedagogia	Administração Escolar com ênfase em Ensino Religioso			
Q22	Ciências da Religião				
Q23	Ciências Físicas e Biológicas	Interdisciplinaridade			Moro na cidade de Alegrete, RS, entrei para lecionar ER, por necessidade da escola, portanto sem nenhum conhecimento para atuar nessa área, no entanto, nos próximos anos também continuei como professora titular da mesma. Isto trouxe-me inquietação, pois sabia que não estava desenvolvendo esta disciplina como deveria, procurei em Porto Alegre, orientação adequada para fazer cursos e obtive com a atual coordenadora do ER da SEC Profª. Ir. Vilma Rech, a qual devo todo o meu aprendizado, bem como as orientações necessárias. Fiz vários cursos, seminários, Encontros pela AEC, fórum pelo Coner/Rrs. Hoje possuo mais de 800hs, consegui com muito esforço formar uma equipe da seccional do Coner aqui na cidade de Alegrete, Nós conseguimos parceria com o Colégio Divino Coração, com sua Diretora, Ir. Cláudia Quesini, amiga, que acolheu nossa proposta de trazer um curso pela Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo. Que em janeiro de 2007,

	Graduado	Especialista	Mestrado	Doutorado	Observação
					estaremos concluindo a 1ª turma de professores com o mínimo de habilitação para atuar, ou seja, 400hs. Hoje também atendo a Secretaria do Município, e Encontros na cidade, sempre somos convidados e hoje, embora com bastante dificuldade para entenderem a nova visão do ER, pois também apresenta enorme desafio, estou confiante e não deixo de divulgar a Revista Diálogo, Fonaper, site GPER, que muito tem colaborado com minha formação e de muita gente. Desculpe, mas achei importante, repartir com vocês.
Q24	Pedagogia (orientação educacional)	Metodologia do Ensino Religioso			
Q25	Pedagogia	Educação Especial	Mídia e Conhecimento		
Q26	Ciências da Religião e Pedagogia Educação Infantil e séries iniciais	Interdisciplinariedade na Formação do Professor da Educação Básica e Gestão Escolar, Supervisão e Orientação			
Q27	Licenciatura em Teologia, Licenciatura em Filosofia, Bacharel e Licenciado em Geografia	Ciências Sociais: História e Geografia do Brasil			
Q28	Pedagogia	Administração Escolar, Ecumenismo e Diálogo Religioso	Teologia Prática – Linha de pesquisa Educação Cristã	Educação: Currículo (em andamento)	

Fonte: pesquisa da autora

Dos respondentes, 100% são graduados e desses, nove (32,14%) cursaram Pedagogia. Sete tem o curso de Filosofia, aqui não importando se bacharelado ou licenciatura. Seis apontaram a Teologia como graduação, desses um colocou que o curso encontra-se “incompleto”. Na seqüência vem os cursos de Letras e Direito, com dois graduando em cada e História e Geografia, com um em cada.

Dos graduados, apenas quatro (14,28%) não prosseguiram estudando na especialização ou no mestrado. Os que fizeram especialização foram 20, que na maioria são voltadas para a área da educação, administração escolar e ensino religioso.

A respondente Q23 não só respondeu a essa questão, como também relatou parte de sua experiência, como professora do Ensino Religioso. Sua situação é típica do que ocorre em inúmeras cidades brasileiras. Há docentes formados em áreas diferentes e que são “encaixados” na disciplina de Ensino Religioso. Graduada em Ciências Físicas e Biológicas, com especialização em interdisciplinaridade (*conforme o demonstrativo acima*), ela relata que: “... entrei para lecionar ER, por necessidade da escola, portanto sem nenhum conhecimento para atuar nessa área, no entanto, nos próximos anos também continuei como professora titular da mesma. Isto me trouxe inquietação, pois sabia que não estava desenvolvendo esta disciplina como deveria...”. Continua narrando que fez “vários cursos, seminários, Encontros pela AEC, Fórum pelo Coner/RS. Hoje possuo mais de 800 horas. Consegui com muito esforço formar uma equipe da seccional do Coner, aqui na cidade de Alegrete”.

A Q23 extrapolou os muros escolares e buscou parceria, para realizar um curso do Ensino Religioso, pela Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo. “Que em janeiro de 2007, estaremos concluindo a 1.^a turma de professores com o mínimo de habilitação para atuar, ou seja, 400 horas”. Ela tornou-se, conforme seu depoimento, um referencial na região sobre Ensino Religioso. “Hoje também atendo a Secretaria do Município, Encontros na cidade, onde sempre somos convidados”. Ela não se acomodou. Procura se atualizar, dar seqüência a sua formação. Tudo indica que se trata de uma profissional reflexiva e entusiasmada com o que faz e com a Revista Diálogo e, “embora com bastante dificuldade para entender a nova visão do ER, pois também apresenta enorme desafio, estou confiante e não deixo de divulgar a Revista Diálogo, Fonaper, site do GPER, que muito tem colaborado com minha formação e de muita gente”. O relacionamento da

respondente Q23 com a Revista pode ser comprovado por suas respostas às outras questões, como por exemplo, a de número 14, que solicita que marquem qual das seções da Revista a pessoa mais gosta. Foram listadas 11 seções, das quais a respondente assinalou todas. Sua justificativa foi de que a Revista Diálogo “tem mil e uma utilidades”.

Já o entusiasmo e a “inquietação” da participante Q23 é o que Freire (1996) defende como “processo dialógico amoroso”, onde afirma que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão num permanente movimento na História”. (FREIRE, 1996, p.136). Trata-se de uma profissional inquieto e em constante busca pela continuidade de sua formação.

Tabela 7 – Ocupação

PROFESSOR			
	Sim	Não	Caso negativo, qual a função/cargo
Q01		X	Assessora Pedagógica de Tecnologia na Educação
Q02	X		
Q03	X		
Q04		X	Coordenador
Q05	X		
Q06	X		Sou também Supervisora Pedagógica
Q07			
Q08	X		
Q09	X		
Q10		X	Coordenação
Q11		X	Supervisão de Ensino Religioso da Rede Municipal de Canguçu/RS
Q12		X	Orientadora Ensino Religioso
Q13	X		
Q14	X		
Q15	X		
Q16	X		
Q17	X		
Q18	X		
Q19	X		
Q20		X	Coordenador
Q21	X		
Q22	X		

PROFESSOR			
	Sim	Não	Caso negativo, qual a função/cargo
Q23	X		
Q24	X		
Q25		X	Sou professora, porém atualmente realizo o trabalho de coordenação do ERE e Pastoral Escolar
Q26	X		
Q27	X		
Q28		X	Hoje atuo em cursos para formação de professores de Ensino Religioso. Porém, já fui professora em escola pública.

Fonte: pesquisa da autora

Dezenove pesquisados são professores. Isto significa que 67,85% encontram-se atuando em sala de aula. Um que relacionou que, além de professor é “também Supervisora Pedagógica”. Dos oito que responderam negativamente, a metade desenvolve suas atividades como coordenadores. Os outros quatro são assessores, supervisores e ou orientadores. Portanto, todos convivendo de perto com as ações e problemas da prática pedagógica. Um exemplo é o Q28, que já atuou como “professora em escola pública” e hoje, “atuo em cursos para formação de professores de Ensino Religioso”.

Também na pesquisa de 2003, realizada por Paulinas, a maioria, 67% que responderam eram professores. Mais uma vez, confirma que os leitores da Revista Diálogo são educadores que atuam em sala de aula e ainda em outras atividades profissionais, porém na área da educação.

Tabela 8 – Disciplina de Atuação

DISCIPLINAS						
	Educação Religiosa	Português	Ciências	Biologia	Matemática	Outra (s) disciplina (s). Qual (is)?
Q01						
Q02	X					
Q03	X					Filosofia
Q04						
Q05	X					
Q06	X	X				
Q07						
Q08	X					
Q09	X					
Q10						

DISCIPLINAS						
	Educação Religiosa	Português	Ciências	Biologia	Matemática	Outra (s) disciplina (s). Qual (is)?
Q11						
Q12						
Q13	X					História e Filosofia
Q14	X					Filosofia
Q15	X					História
Q16	X			X		
Q17						Curso de Teologia – Teologia Pastoral Joaninos sinóticos
Q18	X					
Q19	X					
Q20						
Q21	X					
Q22	X (ER)					
Q23	X		X	X		
Q24						Coordenação Pedagógica – Ensino Religioso
Q25						
Q26	X					Filosofia, História e Sociologia
Q27	X					Filosofia e geografia
Q28						

Fonte: pesquisa da autora

Perguntado sobre a disciplina em que atua, 17 responderam que em educação religiosa. Um em português e em ciências e dois em biologia. Filosofia veio em segundo lugar com 17,85% (5) dos respondentes. Seguida da disciplina de história com três dos questionários que retornaram.

Em 2003 o índice foi de 69% que responderam positivamente que lecionavam o ER. Em ambas as pesquisas comprovaram-se que o leitor da Revista Diálogo é o professor que vai a busca de informações, que pesquisa, mantendo-se atualizado com assuntos sobre o fenômeno religioso para apresentar e dialogar com os alunos. São e estão preocupados em conduzir suas disciplinas e temas o mais próximo da realidade dos alunos e da comunidade no qual estão inseridos.

As respostas dos participantes também confirmam a importância que as instituições de ensino dão para a disciplina de Ensino Religioso. Dos respondentes dez, 35,71% atuam também em outras disciplinas, paralelamente. Descaso ou necessidade? Responder a esse questionamento não é o foco neste trabalho, mas cabe ressaltar que a introdução do ER como componente curricular ainda é bastante

recente, está completando uma década. Os avanços estão acontecendo lentamente, mas estão ocorrendo.

Tabela 9 – Tempo de Atuação

ATUAÇÃO						
	Menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 a 6 anos	7 a 10 anos	11 a 14 anos	Mais de 15 anos
Q01						
Q02			X			
Q03	X					
Q04						
Q05					X	
Q06						X
Q07						
Q08		X				
Q09			X			
Q10						
Q11						
Q12						
Q13					X	
Q14			X			
Q15						X
Q16						X
Q17						X
Q18					X	
Q19			X			
Q20						
Q21					X	
Q22					X	
Q23						X
Q24						X
Q25						
Q26						X
Q27				X		
Q28						

Fonte: pesquisa da autora

A maioria (7), o que corresponde a 25% são professores há mais de 15 anos e 17,85% (5) entre 11 a 14 anos. O que denota a maturidade e o nível de experiência dos respondentes com a prática pedagógica. Como a maioria respondeu que sua disciplina é a Educação Religiosa (*conforme a questão anterior – número 4*), conclui-se que são docentes que vivenciaram o debate da revisão do Artigo 33, da LDB 9475/97.

Se somados as faixas de tempo no exercício da docência de “menos de 1 ano” até 7 a 10 anos”, os respondentes atingem o mesmo percentual dos professores com mais de 15 anos (17,85%).

Tabela 10 – Conhecedores da Revista Diálogo

REVISTA DIÁLOGO		
	Sim	Não
Q01		X
Q02		X
Q03		X
Q04	X	
Q05	X	
Q06	X	
Q07	X	
Q08	X	
Q09	X	
Q10	X	
Q11		X
Q12	X	
Q13		X
Q14	X	
Q15		X
Q16	X	
Q17	X	
Q18	X	
Q19	X	
Q20	X	
Q21	X	
Q22	X	
Q23	X	
Q24	X	
Q25	X	
Q26	X	
Q27	X	
Q28	X	

Fonte: pesquisa da autora

O índice dos que responderam que conhecem a Revista Diálogo é de 78,57%, ou seja, 22 pessoas e apenas seis disseram que a desconhecem.

A resposta para essa pergunta associada a da quarta questão – Em quais disciplinas você atua? –, onde 17 respondentes escreveram que lecionam Educação

Religiosa, denota o grau de importância para esses professores-leitores, da Revista Diálogo, em suas atuações em sala de aula e na formação pessoal e continuada.

Relacionando a questão anterior (*número 5*), onde 25% dos professores respondentes exercem a docência a “mais de 15 anos”, com as respostas aqui apresentadas, há a clarificação e o reforço do motivo pelo qual a Revista Diálogo foi criada. Conforme o Editorial da revista número zero: *“Um sonho, há algum tempo acalentado pelos professores de Ensino Religioso, começa a tornar-se realidade. Diálogo – Revista de Ensino Religioso, nasce para responder às solicitações e anseios de muitos educadores comprometidos com uma educação que inclui o Ensino Religioso como elemento integrante das atividades da escola e o considera de fundamental importância no desenvolvimento integral do educando”* (REVISTA DIÁLOGO, 1995, p. 1).

Tabela 11 – Forma de Acesso à Revista

	Sou assinante	Minha escola possui assinatura	Compro na livraria	Pego emprestado (a)
Q01				
Q02				X
Q03	X			
Q04	X			
Q05			X	
Q06		X		
Q07		X		
Q08				X raramente
Q09	X			
Q10	X	X		
Q11				
Q12		X		
Q13				
Q14	X			
Q15				
Q16	X			
Q17				
Q18			X	
Q19		X		
Q20		X		
Q21		X	X	
Q22	X (fui)			
Q23	X			
Q24	X (até uns meses atrás)			
Q25			X	
Q26				X
Q27	X			
Q28	X			

Fonte: pesquisa da autora

Dos respondentes, 11 marcaram que são assinantes da Revista Diálogo. Desses, dois especificaram terem sido assinantes, sendo um deles “até uns meses atrás” e este mesmo (Q24) assinalou também que “compro na livraria”. Outro que demarcou em dois campos foi o Q10, onde declara ser assinante e que sua “escola possui assinatura”.

Percebe-se que os respondentes são profissionais-leitores engajados no “fazer pedagógico”. Eles procuram na leitura o conhecimento específico para melhor atuarem. Contextualizam os temas e assuntos, dentro da nova perspectivas do Ensino Religioso. São agentes ativos no processo de recepção. Conforme Martín-Barbero (1995, p. 58) não somente recebem as informações, como profissionais-leitores, mas produzem *na e para* a sociedade, em sala de aula.

Tabela 12 – Tempo de Acompanhamento

	Menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 a 6 anos	7 a 9 anos	10 anos
Q01					
Q02			X		
Q03					
Q04		X			
Q05					X
Q06			X		
Q07		X			
Q08	X	X			
Q09		X			
Q10					X
Q11					
Q12			X		
Q13					
Q14	X				
Q15					
Q16					X
Q17					
Q18			X		
Q19		X			
Q20					X
Q21			X		
Q22	X				
Q23			X		
Q24				X	
Q25	X				
Q26				X	
Q27		X			
Q28					X

Fonte: pesquisa da autora

A maioria, 12 dos respondentes, o que corresponde a 42,85% declarou que acompanha as edições da Revista de 1 a 6 anos. Seguida dos que a lêem há 10

anos, com 17,85% (cinco respondentes) e em terceiro lugar, com quatro pessoas que acompanham a “menos de 1 anos”.

A pesquisa das Paulinas (2003), na pergunta número 11 (item 12 do relatório): “Há quanto tempo você é assinante da revista Diálogo?”. As respostas foram que 28% eram assinantes “Mais de 4 anos”. Possivelmente esses mesmos leitores-professores encontram-se na pesquisa de 2006, na faixa de 7 a 10 anos de acompanhamento da Revista Diálogo, perfazendo 25% (sete respondentes).

Há a um interesse dos professores-leitores em dar continuidade a sua formação e com informações específicas do Ensino Religioso. Obter informações durante três, seis ou dez anos demonstra o quão engajado são esses profissionais-leitores em sua prática.

Tabela 13 – Objetivo da Comunicação

ESCREVEU			
	Sim, com sugestão	Sim, com crítica	Nunca escrevi
Q01			
Q02			X
Q03			
Q04			X
Q05			X
Q06			X
Q07			X
Q08			X
Q09			X
Q10	X (Com artigo)		
Q11			
Q12			X
Q13			
Q14			X
Q15			
Q16			X
Q17			
Q18			X
Q19			X
Q20			X
Q21			X
Q22			X

ESCREVEU			
	Sim, com sugestão	Sim, com crítica	Nunca escrevi
Q23			X
Q24			X
Q25			X
Q26			X
Q27			X
Q28	X (Escrevi artigos. Destaco o primeiro que está na revista 0 e o que está na n.º 10)		

Fonte: pesquisa da autora

Apenas dois dos questionários que retornaram marcaram ter escrito, ou se correspondido com a editoria da Revista, sendo que em ambos os casos foram porque escreveram artigos. A maioria, 20, portanto, 71,42% assinalaram que nunca escreveram para a editora da Diálogo. Dois (Q01 e Q03) omitiram esta questão. O motivo da omissão é esclarecido quando se observa a pergunta número seis, onde ambos responderam que desconhecem a existência da Revista Diálogo e dessa questão foram direto para a última, a de número 15. Também 100% dos respondentes não se corresponderam com a Revista para criticá-la.

Tabela 14 – Complemento à Prática Docente

PRÁTICA DOCENTE			
	Sim	Não	Caso positivo, de que forma?
Q01			
Q02	X		Em muitos assuntos práticos da vida.
Q03			
Q04	X		Informando e ajudando na melhoria do planejamento e plano de suas aulas.
Q05	X		Trazendo aportes para a reflexão.
Q06	X		Com os textos, as dicas de trabalho, as pesquisas sugeridas. Aproveito muito bem os conteúdos da revista.
Q07	X		Pesquisa, formação permanente.
Q08		X	
Q09	X		Através da minha formação permanente e até mesmo utilizando textos para trabalhar com os alunos.
Q10	X		Com leituras, Informações, reflexões, debates e como subsídio para as reuniões com professores.
Q11			
Q12	X		Na formação dos professores, pois uso os artigos e apresento para os

PRÁTICA DOCENTE			
	Sim	Não	Caso positivo, de que forma?
			mesmos como subsidio de leitura, idéias apresenta pela revista.
Q13			
Q14	X		Amplia conhecimentos da área de E.R.
Q15			
Q16	X		É de grande utilidade, pois me valho das pesquisas, conteúdos, informações, orientações para os professores de Ensino Religioso, pois trabalho na formação continuada dos mesmos.
Q17			
Q18	X		Algumas idéias e abordagens ajudam na elaboração e discussão do conteúdo de aula.
Q19	X		Na questão pedagógica, com sugestões de atividades, experiências, sugestões de leitura.
Q20	X		Informações e reflexões.
Q21	X		A Revista Diálogo auxilia em minha prática, pois é bastante rica em informações, sugestão de trabalho e de materiais de estudo e pesquisa, troca de experiências, atualidades referentes aos esforços e iniciativas com relação ao reconhecimento do ER enquanto área de conhecimento.
Q22	X		Obtendo novas idéias e pela diversidade abrangente.
Q23	X		Muito, os alunos utilizam nas atividades propostas. Uma nova visão do ER a revista proporciona.
Q24	X		Uma das propostas-sugestões da Campanha da fraternidade-2005 culminou com a costura da Bandeira da Paz e virou um livro que se intitula "Tesouro de Pano", do escritor Luís Dill, editora WSeditor A Bandeira traz presente mais de mil pedacinhos de tecido de uma roupa velha, com a história de vida dos educadores, educandos e funcionários. Só vendo podemos acreditar onde foi parar o trabalho.
Q25	X		As informações contidas na revista são de muita valia para o meu crescimento profissional. Utilizo-a como apoio nas avaliações que preciso elaborar.
Q26	X		Com temas/conteúdos/informações e sugestões pedagógicas.
Q27	X		Com sugestão de dinâmicas e material para debate em sala de aula.
Q28	x		Para ficar informada, sobre o que acontece em nível de Brasil. Auxilia com informações para pesquisas.

Fonte: pesquisa da autora

Questionados se a "Revista Diálogo auxilia em sua prática docente", 21 (75%) responderam que sim. Apenas um declarou negativamente. Seis (21,42%) optaram por não responder, sendo que cinco desses não conheciam a Revista (conforme relataram na questão seis), portanto estavam livres para não responder, saindo da pergunta de número seis, diretamente para a número 15.

Apenas um (Q17) assinalou "conhecer a Revista", porém não a utiliza como ferramenta de auxílio em sua prática em sala de aula. Esse mesmo respondente

declarou que atua no “Curso de Teologia”, nas disciplinas de “Teologia Pastoral” e “Joaninos sinóticos”.

Aos que responderam positivamente, foi perguntado de que maneira a revista auxiliava em sua prática: cinco citaram que contribui na formação como e dos professores (Q07, Q09, Q12, Q16 e Q25). Também muito citado foi como subsídio à pesquisa (Q06, Q07, Q16, Q21 e Q28). Ainda há destaque para termos como reflexões, informações, amplia o conhecimento do Ensino Religioso, entre outros.

Em 2003 foi perguntado se: “A revista Diálogo ajuda você em suas atividades pedagógicas em sala de aula?”. No item 19, do relatório, tem-se que 86% responderam que sim. Em ambas as pesquisas, ficaram denotadas que a Revista Diálogo contribui para a prática do educador. O profissional leva para a sala de aula as sugestões, informações, as matérias e dicas abordadas na Revista. Entre os exemplos que se destaca, a colocação da Q04, que escreveu: “Informando e ajudando na melhoria do planejamento e plano de suas aulas”. A respondente Q09 também: “Através da minha formação permanente e até mesmo utilizando textos para trabalhar com os alunos”.

Apesar de implícito, aparece o quesito “segurança” para a prática de cada um. Segurança ao se manter informado sobre as experiências apresentadas por outros professores-leitores-pares. Há, conforme relatou o Q21: “A Revista Diálogo auxilia em minha prática, pois é bastante rica em informações, sugestão de trabalho e de materiais de estudo e pesquisa, troca de experiências, atualidades referentes aos esforços e iniciativas com relação ao reconhecimento do ER enquanto área de conhecimento”.

Tabela 15 – Contribuição para a Formação do Professor

	Sim	Não	Caso positivo, de que maneira?
Q01			
Q02	X		Através da pesquisa e do vasto trabalho com a formação básica do leitor e professor.
Q03			
Q04	X		Formando opinião esclarecendo e propondo reflexão para o professor que queira se aperfeiçoar seu conhecimento.
Q05	X		Ampliando a visão sobre o Fenômeno Religioso, ainda que seja preciso “alargar” o enfoque inter-religioso dado aos assuntos.
Q06	X		Com as informações que apresenta, pois os temas são inesgotáveis, sugerindo pesquisas e aprofundamento nos assuntos.

	Sim	Não	Caso positivo, de que maneira?
Q07	X		Discute questões atuais sobre o Ensino Religioso, seus avanços e desafios.
Q08		X	
Q09	X		
Q10	X		Orienta, atualiza, provoca desconstruções/construções e principalmente com subsídios para aprofundamento pessoal/coletivo e para as aulas.
Q11			
Q12	X		Sem dúvida, os artigos são atuais, ricos em profundidade e reflexão. O APRENDENDO a ensinar já foi melhor (Escrito pela Viviane).
Q13			
Q14	X		Subsidia e possibilita a criação de novas abordagens dos assuntos trabalhados nas aulas.
Q15			
Q16	X		No momento é um dos grandes veículos de formação para o professor de Ensino Religioso.
Q17			
Q18	X		Principalmente nos artigos que auxiliam a percepção do educador as práticas metodológicas do ensino religioso.
Q19	X		Através do estudo dos textos científicos que ela apresenta.
Q20	X		Fornecendo subsídios.
Q21	X		Sabendo da necessidade de estarmos buscando uma formação continuada, a Revista Diálogo contribui trazendo informações preciosas, dicas de leitura e de trabalho.
Q22	X		Sim, faz com que abram novos horizontes com referência a pluralidade cultural e religiosa.
Q23	X		A revista contribui muito para reflexão, tirar dúvidas, informações atualizadas, dinâmicas, está nota 10!!!!
Q24	X		Através de textos e propostas que ela apresenta, veja a questão anterior.
Q25	X		O conteúdo apresenta uma linguagem de fácil acesso e entendimento. Os temas são atuais e condizem com a prática pedagógica.
Q26	X		Trazendo informação e formação continuada ao professor, pois, está sempre atualizando o leitor.
Q27	X		Atualizando e contribuindo no ensino aprendizagem bem como ofertando novas informações.
Q28	X		Possibilita orientações para prática no cotidiano de sala de aula. Oferece oportunidade de aprofundamento e reflexão sobre vários temas relacionados ao ensino religioso.

Fonte: pesquisa da autora

Dos 28 pesquisados, 75% (21) assinalaram que “Sim”, a “Revista Diálogo contribui para a formação do professor” e expressaram suas opiniões. Observou-se que dos 28 respondentes, 22 conhecem a Revista, e desses, dez fazem uso para sua “atualização” sobre o fenômeno religioso. Isso significa que quase 50% buscam

e encontram, na Diálogo, esse conhecimento que complementa e é necessário para sua capacitação pessoal.

Em linhas gerais, a Revista proporciona ao professor-leitor subsídio à pesquisa e como fonte de “formação básica do leitor e professor”, conforme a resposta do Q02. Para o Q04 a publicação auxilia “Formando opinião, esclarecendo e propondo reflexão para o professor que queira se aperfeiçoar...”. Ampliar a “visão sobre o Fenômeno Religioso” é como descreveu o respondente Q05. Ele ainda acrescentou que é necessário “alargar o enfoque inter-religioso dado aos assuntos”. Também o Q12 colocou que a seção Aprendendo e Ensinando “já foi melhor”, que segundo o pesquisado, por terem como escritora Viviane Cristina Cândido, filósofa, pedagoga, mestre em educação e assistente pedagógica da Revista Diálogo. Ele ainda ressalta que os artigos “são atuais, ricos em profundidade e reflexão”.

Há também que destacar a colocação do Q16: “No momento é um dos grandes veículos de formação para o professor de Ensino Religioso”. O que mais uma vez reforça o objetivo e propósito de existência da Revista Diálogo.

Os respondentes Q01, Q03, Q11 e Q13 declararam que não conhecem a Revista (conforme relataram na questão seis), portanto, não responderam a essa questão, saindo da pergunta de número seis, diretamente para a de número 15. Há ainda o pesquisado Q17, na pergunta de número seis, respondeu que “conhece a revista”, mas optou por não responder a esta questão.

Outros que relatam sobre a formação continuada do docente são os respondentes Q21 e o Q26, sendo que esse último, faz referência ao professor como leitor da revista: “Trazendo informação e formação continuada ao professor, pois, está sempre atualizando o leitor”.

Tabela 16 – Acesso de Alunos à Revista Diálogo

	Sim	Não	Caso positivo, de que maneira?
Q01			
Q02	X		Sim através do professor, fazemos comentários importantes nas salas de aula sobre a revista e assuntos abordados.
Q03			
Q04		X	
Q05		X	
Q06	X		Temos a revista disponível na Biblioteca e constantemente é indicada pelos professores como componente bibliográfico das pesquisas indicadas.

	Sim	Não	Caso positivo, de que maneira?
Q07			
Q08		X	
Q09	X		Na utilização dos artigos em sala.
Q10	X		Primeiro que está a disposição na biblioteca da escola. E em várias ocasiões usam para leituras complementares, pesquisas.
Q11			
Q12		X	
Q13			
Q14		X	
Q15			
Q16			Alguns já fazem a assinatura. Outros estão ainda em campanha nas escolas, para a direção fazer a assinatura.
Q17			
Q18		X	
Q19		X	
Q20	X		Está disponível na biblioteca do colégio.
Q21		X	
Q22		X	
Q23	X		Pesquisas, esclarecimentos, para celebrações, em tudo, é bem utilizada.
Q24	X		A partir dos textos trabalhados.
Q25		X	
Q26	X		Emprestando de uma colega e comprando alguns exemplares quando possível.
Q27		X	
Q28	X		Onde vou dar cursos para a formação de professores sempre levo exemplares da Revista Diálogo para os professores conhecerem e informações para serem assinantes da mesma.

Fonte: pesquisa da autora

Onze responderam que seus alunos não têm acesso à revista, o que correspondem a 39,28%. Porém, todos os professores conhecem a Diálogo por serem assinantes, ou a escola possui assinatura, ou ainda, adquirem exemplares em livraria. O que denota é que esses leitores-professores usam as informações da revista como subsídio para prepararem suas aulas. O periódico serve como fonte de pesquisa para embasarem seus conhecimentos sobre os temas abordados em sala de aula.

Os dez respondentes que informaram que seus alunos, de alguma forma, tem acesso à Revista Diálogo, três (Q06, Q10 e Q23) citaram-na como fonte de

pesquisa. Outros (Q02 e Q09) abordaram os temas da revista e na “utilização dos artigos em sala” de aula. Outro dado que destaca é a biblioteca das escolas possuírem a revista para consultas e pesquisas dos alunos.

O Q16 respondeu que os discentes têm assinatura individuais e próprias, mas acrescentou que outros alunos “estão ainda em campanha nas escolas, para a direção fazer a assinatura”, o que denota a existência de uma demanda, estimulada pelos docentes do Ensino Religioso.

Tabela 17 – Avaliação Quanto a Singularidade do Tema

MONOTEMÁTICA				
	Excelente	Muito bom	Bom	Razoável
Q01				
Q02	X			
Q03				
Q04		X		
Q05	X			
Q06	X			
Q07			X	
Q08				X
Q09		X		
Q10		X		
Q11				
Q12		X		
Q13				
Q14		X		
Q15				
Q16		X		
Q17	X			
Q18			X	
Q19	X			
Q20		X		
Q21	X			
Q22	X			
Q23	X			
Q24	X			
Q25		X		
Q26		X		
Q27	X			
Q28		X		

Fonte: pesquisa da autora

Abordar o mesmo tema em várias perspectivas – ser monotemática – foi para 35,71% excelente e o mesmo número de respondentes (10) assinalaram que é “Muito bom”. Cinco (17,85%) não marcaram nenhuma das opções porque não conhecem a revista (conforme resposta à questão de número 6). Apenas dois escolheram “Bom” e um (Q08) o “Razoável” pela revista ser monotemática.

SEÇÃO												
	Artigos	Entrevista	Em pauta	Sua página	Destaque	Dicas	Conheça mais	Sua resenha	Aprendendo e Ensinando	Você sabia?	Teatro/jogral	Por quê?
Q14	X	X		X		X		X	X	X	X	
Q15												
Q16	X				X		X		X			São muitos os artigos. Cada qual tem sua importância, depende em que projeto você se encontra.
Q17	X	X							X		X	Os artigos por causa da objetividade do tema, bem como nas entrevistas. Interessam-me bastante os aspectos didáticos apresentado pela Revista.
Q18	X											
Q19	X											Por que as temáticas abordadas são relevantes à formação do professor, ou seja, através de poucas páginas, se tem a apresentação ou opinião de um pesquisador sobre um determinado tema, o que enriquece os conhecimentos discentes, já que este não dispõe de tempo para pesquisar tudo.
Q20	X					X		X				Pelas reflexões atualizadas que trazem dos temas.
Q21	X											Porque os artigos são de uma riqueza imensa. Os textos são claros e “fiéis” ao retratar as tradições religiosas em questão.
Q22												Todas as seções são muito bem apresentadas e aproveitadas. Já usei de tudo um pouco.
Q23	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	Tem mil e uma utilidades.
Q24	X	X				X			X			
Q25	X					X			X		X	Colaboram com a produção de novos materiais.
Q26	X								X			Acredito serem as partes em que posso agregar conhecimentos enriquecendo minha prática pedagógica.
Q27						X						Serve para dinamizar as aulas.
Q28	X	X	X				X					Os artigos são bons para ampliar reflexão e conhecimento. As entrevistas revelam a posição do entrevistado. Em pauta traz novas informações e o Conheça mais, desperta sempre mais a curiosidade e anima.

Fonte: pesquisa da autora

Dos entrevistados que retornaram a pesquisa 19 (67,85%) classificaram os “Artigos” como a seção da Revista Diálogo que mais gosta. Seguido com 39,28% – portanto 11 respondentes – da seção “Aprendendo e Ensinando”. A terceira classificação ficou com as “Dicas”, com nove (32,14%), depois com oito respostas (28,57) a seção “Entrevista”.

Em quinto lugar o “Teatro/jogral”. A sexta classificação ficou empatada entre “Conheça mais” e “Sua resenha”. Depois vem com apenas três respondentes (10,71%) a seção “Em pauta” e por último, também com empate as seções: “Sua página”, “Destaque” e “Você sabia?”.

Quanto à justificativa para as suas preferências, 100% dos participantes da pesquisa elogiaram a Revista Diálogo. Seis (Q06, Q07, Q10, Q12, Q22 e Q23) fizeram questão de comentar que gostam de toda a revista. O Q06 não assinalou nenhuma das seções, mas escreveu que: “Exploro toda a revista, é difícil dizer o que mais gosto... tudo é muito bom”, porém destacou ainda que ao receber a revista, lê, primeiramente, “(...) os artigos e o destaque”, porque acha “muito interessantes e sempre encontro novidades nestes espaços”. Outro que não assinalou nenhuma das seções foi o Q22, porém justificou que: “Todas as seções são muito bem apresentadas e aproveitadas. Já usei de tudo um pouco”. Para o Q07 “(...) a revista como um todo atende colabora para a formação do professor de Ensino Religioso. No entanto, as partes assinaladas sempre recebem uma atenção especial”, que são elas: Artigos, Entrevista, Dicas, Conheça mais e Sua resenha. Já o Q10 ressaltou que toda a revista é interessante e que os assuntos são tratados “com seriedade, profundidade e com diversidade”. O respondente Q12 colocou que admira “a revista em seu complexo todo, mas algumas partes aproveito mais, como os artigos, o Aprendendo a Ensinar, e as notícias, eventos”. O Q23 marcou todas as seções e justificou escrevendo que a Revista Diálogo “Tem mil e uma utilidades”.

O Q08 justificou que as “vezes encontro algumas dicas legais que utilizo na minha prática pedagógica”. Aqui ele se contradiz, com sua resposta à questão número 10, onde foi perguntado se a Revista Diálogo auxilia em sua prática docente?”, sua resposta foi negativa”.

Nos artigos, os docentes-leitores buscam o embasamento e fundamentação para o conhecimento do objeto em leitura. Percebe-se que o leitor está em constante formação e transformação.

Tabela 19 – Formação Continuada

	Por quê?
Q01	Com certeza. Porque é uma necessidade premente na sociedade atual. Porque a universidade prepara superficialmente o professor para o trabalho de sala-de-aula. Porque a evolução tecnológica, das informações e do conhecimento avança a passos largos e o professor não pode estagnar-se, mas buscar continuamente práticas pedagógicas significativas, contextualizadas e atualizadas, sem cair nos modismos postos pelos sistemas de ensino.
Q02	É fundamental
Q03	Sim, se não só pela necessidade da constante atualização, também pela possibilidade da partilha, tanto da suas dificuldades como de suas conquistas relacionado com um melhor aproveitamento dos alunos.
Q04	Sim, pois quando se preocupa com sua formação está também preocupado com sua atuação como formador de opinião e colaborador na formação da personalidade, e assim propor novos conhecimentos capazes de transformar vida.
Q05	Pelo fato de que existe mudança sempre e é preciso estar atento sempre.
Q06	Com toda a certeza. O professor não pode parar de aprender. As mudanças são velozes e o conhecimento é a sustentação de toda a aprendizagem e somos responsáveis por um ensino abrangente, além das salas de aulas e do espaço comum.
Q07	sim. Porque é condição indispensável para que ele consiga promover os objetivos dessa área de conhecimento em meio ao espaço educacional.
Q08	Sim. Por que, não só a docência, mas a nossa existência é um eterno aprendizado
Q09	Porque em qualquer profissão é fundamental o seu processo de formação permanente tendo em vista a dinâmica da própria sociedade e do mundo
Q10	Com certeza. Sem isto não dá pra acompanhar/fazer educação.
Q11	Sim, pois para atuar na área da educação (em qualquer área) se faz necessário estar em constante atualização e capacitação. Ainda mais no que se refere às mudanças de paradigmas sociais e culturais, que nos dias atuais ocorrem numa velocidade muito rápida. E, sendo o professor o responsável pela mediação do conhecimento dentro da escola e da sociedade se faz necessário que o mesmo esteja num processo permanente de formação e capacitação.
Q12	A sociedade é movimento, dinâmica. O professor é o articulador de conhecimentos, sem formação é impossível fazer educação inovadora e transformadora.
Q13	Com certeza; pois a educação exige o aperfeiçoamento sempre, o aprendizado é constante; em nossa área é mais essencial ainda, pois os valores estão sempre em movimento, e os desafios aumentam cada vez mais.
Q14	Para aprimorar sua prática e perceber-se enquanto parte do processo de aprendizagem
Q15	Sim, Por que é através de novos conhecimentos que enriquecemos nossa profissão.
Q16	Quem não se alimenta, vai ficando à parte. A sociedade nos cobra. É importantíssimo a continuação na formação, pois novas pesquisas aparecem, vários destaques, pesquisas nos são apresentadas.
Q17	A formação permanente é uma das últimas e necessárias razões de uma consciência de homem e mulher na Pós-modernidade.
Q18	Na minha opinião o professor tem que dar continuidade ao seu processo de formação, pois a questão religiosa tem sido muito enfocada ultimamente, favorecendo o diálogo e abordagem das questões éticas e morais. Assim, uma vez capacitado, e em perfeita comunhão de idéias num processo continuativo, o professor poderá discutir mais amplamente os conteúdos e estar preparado para se inculturar neste mundo, levando o evangelho a todos o que o cercam, além dos seus alunos, claro.
Q19	Sim, porque o universo de conhecimentos é muito amplo, assim como é desafiante a prática pedagógica nos dias atuais. Isso quer dizer que sempre há a sensação de que “não sabemos nada”, e a formação continuada é um dos meios para não “parar” no tempo, nem se portar de forma indiferente frente às mudanças e transformações.
Q20	A formação é fundamental para a sobrevivência do professor. Um professor desatualizado perdeu a essência de sua profissão, que para nós, é missão. Humanamente, perdeu até sua auto-estima.
Q21	Como é bom poder aprender coisas novas! A todo instante surgem novas descobertas e

	Por quê?
	informações. É preciso estar atento, aberto a leitura, a pesquisa a fim de ampliar os conhecimentos. Afinal, os alunos de hoje possuem acesso a muitas informações que nem sempre são corretas. Cabe a nós, enquanto educadores, orientá-los!
Q22	Com certeza. As mudanças ocorrem todos os dias e rapidamente e nós docentes não podemos ficar alheios a isso. Precisamos mais do que ninguém de continuidade, pesquisando, lendo, nos informando.
Q23	O professor necessita estar em constante busca, para ampliar seus conhecimentos, ou em busca de novos conhecimentos.
Q24	Na escola estadual que atuo construímos uma proposta de trabalho e um grupo de educadores que atuam no ER. Fazemos reuniões semanais para estudos e organização do trabalho além de oficinas com os educadores. Penso que em primeiro lugar o ER deve estar presente no Projeto Político-Pedagógico, Plano de estudos e assim será possível falar em formação do educador em ER.
Q25	Sim, pois a atualização é essencial para um bom andamento do trabalho. Quem não estuda, não traz coisas novas, acaba parando no tempo.
Q26	Acredito que sim. Pois, o educando está cada vez mais exigente, crítico e reflexivo. Assim, o professor precisa estar sempre atualizado, atendendo suas expectativas.
Q27	No atual processo de mundialização o professor que não acompanhar esta dinâmica de formação continuada ficará fora do processo e não se integrará no ensino aprendizagem
Q28	Sim! Porque ele é o principal ator, responsável pela sua própria formação. De nada adianta cursos e literaturas sobre o assunto se falta o interesse e a motivação pessoal para manter uma ativa e efetiva formação.

Fonte: pesquisa da autora

Nesta última questão os entrevistados ficaram livres para opinar sobre se o professor deve se preocupar em buscar a formação docente continuada. Todos, 100% opinaram positivamente. No universo da pesquisa observam-se profissionais-leitores inquietos, com a constante transformação em que se encontra a sociedade globalizada. Para o respondente Q01 dar continuidade em sua formação docente “(...) é uma necessidade premente na sociedade atual”. O Q08 vai além e extrapola a ação da docência. Para ele “a nossa existência é um eterno aprendizado”. Já os respondentes Q09, Q12 e Q27, entre outros, enfatizaram que a sociedade é dinâmica, é movimento.

O entrevistado Q11 escreveu: “Ainda mais no que se refere às mudanças de paradigmas sociais e culturais, que nos dias atuais ocorrem numa velocidade muito rápida”. Ressaltou ainda o papel do docente como articulador do saber: “E, sendo o professor o responsável pela mediação do conhecimento dentro da escola e da sociedade se faz necessário que o mesmo esteja num processo permanente de formação e capacitação”. Q13 destacou que “(...) a educação exige o aperfeiçoamento sempre, o aprendizado é constante; em nossa área é mais essencial ainda, pois os valores estão sempre em movimento, e os desafios aumentam cada vez mais”. O Q17 descreveu sobre os profissionais pós-moderno:

“A formação permanente é uma das últimas e necessárias razões de uma consciência de homem e mulher na Pós-modernidade”.

Outros enfocaram, além da importância do processo contínuo do professor-leitor, também na formação específica do professor do Ensino Religioso. É o caso do Q18 que declarou: “Na minha opinião o professor tem que dar continuidade ao seu processo de formação, pois a questão religiosa tem sido muito enfocada ultimamente, favorecendo o diálogo e abordagem das questões éticas e morais. Assim, uma vez capacitado, e em perfeita comunhão de idéias num processo continuativo, o professor poderá discutir mais amplamente os conteúdos e estar preparado para se inculturar neste mundo (...)”.

O Q24 coloca a forma prática como ele e os demais docentes buscam essa continuidade na formação: “Na escola estadual que atuo construímos uma proposta de trabalho e um grupo de educadores que atuam no ER. Fazemos reuniões semanais para estudos e organização do trabalho além de oficinas com os educadores”. Ele aborda mais. Vão além e propõem que o Ensino Religioso “(...) deve estar presente no Projeto Político-Pedagógico, Plano de estudos e assim será possível falar em formação do educador em ER”.

5.4 Enquete

5.4.1 Grupo de pesquisa educação e religião – GPER

O Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER) foi criado em 2001, com o objetivo de estudar as concepções existentes da “pedagogia religiosa na educação nacional”. Por pedagogia religiosa entendem-se todas as formas de atuação do Ensino Religioso, seja formal ou não-formal, como a pastoral escolar e a universitária, catequese e evangelismo. O GPER também visa o aprimoramento na formação dos pesquisadores e professores que atuam com o ensino religioso. O Grupo está vinculado a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), liderado pelo professor doutor Sérgio Rogério Azevedo Junqueira.

Já o site do Grupo (www.gper.com.br) foi lançado no dia 10 de março de 2005, com a finalidade de “ser um portal para a construção de uma rede de pesquisadores no campo da pedagogia religiosa” (GPER, 2006). Conforme relatório

de Junqueira (2007), desde que foi criado, até dezembro de 2006, o site recebeu, em média, 638 visitantes por mês.

Para este trabalho, o questionamento no site aos internautas foi “Qual o papel da Revista Diálogo na formação dos professores?”. Dando três opções de escolha: a primeira se a “revista contribui na formação continuada dos professores”; depois se “as vezes a revista contribui na formação dos professores” e por último se a “revista não favorece a formação dos professores”. A pergunta foi ao ar na tarde do dia 21 de fevereiro de 2006, sendo retirada no dia 31 de maio, também no período da tarde.

Nesses 99 dias em que a enquete ficou no site, votaram 54 internautas. Sendo 47 votos para a primeira opção, confirmando que a revista auxilia na formação continuada dos docentes. Em segundo lugar, com seis votos, os internautas optaram em declarar que a Revista não contribui para a formação dos professores. A opção de que “as vezes” a revista coopera para a formação do educador recebeu apenas um voto.

5.4.2 Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso – FONAPER

O Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper) fundado em 1995, no dia 26 de setembro, em Florianópolis, Santa Catarina, quando das comemorações dos 25 anos do Conselho de Igrejas para Educação Religiosa (CIER). A meta do Fórum é “acompanhar, organizar e subsidiar o esforço de professores, associações e pesquisadores no campo deste componente curricular” (FONAPER, 1997). No Estatuto do Fonaper encontram-se, nitidamente, os objetivos:

(...) Art. 3º - O FONAPER tem por objetivo consultar, refletir, propor, deliberar e encaminhar assuntos pertinentes ao Ensino Religioso – ER, com vistas às seguintes finalidades:

- I. exigir que a escola seja qual for sua natureza, ofereça o ER ao educando, em todos os níveis de escolaridade, respeitando as diversidades de pensamento e opção religiosa e cultural do educando, vedada discriminação de qualquer natureza;
- II. contribuir para que o pedagógico esteja centrado no atendimento ao direito do educando de ter garantida a educação de sua busca do Transcendente.
- III. subsidiar o Estado na definição do conteúdo programático do ER, integrante e integrado às propostas pedagógicas;
- IV. contribuir para que o ER expresse uma vivência ética pautada pelo respeito à dignidade humana;

- V. reivindicar investimento real na qualificação e habilitação de profissionais para o ER, preservando e ampliando as conquistas de todo o magistério, bem como a garantia das necessárias condições de trabalho e aperfeiçoamento;
- VI. promover o respeito e a observância da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e dos outros valores universais;
- VII. realizar estudos, pesquisas e divulgar informações e conhecimentos na área do ER (...) (FONAPER, 1997).

Portanto, o Fonaper fez parte das discussões para a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases e modificações no Artigo 33. Outra preocupação destacada em seu Estatuto, é com relação a formação dos professores do Ensino Religioso. Entre as produções para subsidiar os professores, estão os Cadernos Temáticos I e II, e o Curso de Extensão, em 12 módulos. E ainda:

(...) as Diretrizes para Formação de Professores (Licenciatura - Extensão - Especialização). Foram realizadas nove sessões ordinárias do FONAPER, sete congressos sobre a capacitação docente, dois congressos nacionais para professores do Ensino Religioso (FONAPER, 1997).

Os esforços do Fonaper também foram concentrados na formação dos professores que tem a responsabilidade de formar outros docentes.

Criado em outubro de 1997, o site do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso, foi mais uma ferramenta de comunicação e divulgação da identidade científica e pedagógica dessa área de conhecimento. E mais:

O <www.fonaper.com.br> pretende ser um significativo espaço de encontro, de socialização, de divulgação para um ENSINO RELIGIOSO como área de conhecimento proposto na concepção brasileira de educação (CADERNO MARISTA DE EDUCAÇÃO, 2004, p. 91).

Cabe destacar que, desde sua criação houve a preocupação “que o visitante pudesse preencher e enviar sua ficha de inscrição no FONAPER, esta enviada via e-mail para a secretaria do Fórum” (CADERNO MARISTA DE EDUCAÇÃO, 2004, p. 89).

O número de visitantes do site, conforme o relatório (2007), demonstra que de abril de 2004 a dezembro de 2006, a média de visitantes é de 779 por mês.

O período em que foi ao ar a enquete no Fórum foi a mesma do GPER, portanto durante 99 dias – de 21 de fevereiro a 31 de maio de 2006. O questionamento é que foi diferenciado. No Fonaper a pergunta foi: “Você como professor conhece a Revista Diálogo?”, oferecendo também três opções de

respostas. “Não conheço a Revista Diálogo”; “Sou leitor/a da Revista Diálogo e a utilizo em sala de aula” e “Sou leitor/a da Revista Diálogo por curiosidade das temáticas”.

Responderam a pergunta 124 internautas, desses 65 optaram em declarar que “Não conheço a Revista Diálogo”. Em segundo lugar, com 46 votos, ficou a opção “Sou leitor/a da Revista Diálogo e a utilizo em sala de aula” e por último, 31 respondentes optaram por “Sou leitor/a da Revista Diálogo por curiosidade das temáticas”.

Percebe-se primeiramente que o número de visitantes do site do Fonaper é maior que do GPER, pelo relatório (2007) e pelo total de votantes: 124 votos para o Fórum e 54 do Grupo. A comprovação de que se trata de internautas distintos está nas repostas mais votadas de cada questionamento. Enquanto a resposta mais votada no Grupo de Pesquisa foi que a “revista contribui na formação continuada dos professores” (47 votos), a Revista Diálogo é totalmente desconhecida para 65 participantes da enquete do Fórum.

5.5 Cruzando os dados das pesquisas

Das pesquisas analisadas, duas demonstram que o universo feminino é superior ao masculino. Em 2003 o índice do sexo feminino foi de 69%, praticamente, o mesmo índice 69,40% entre os leitores-receptores que escreveram à direção da Revista Diálogo (RD). Esses índices são reafirmados pela pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), de 2004, sobre “O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...”, realizada nas 27 Unidades da Federação, com cinco mil professores do ensino fundamental e médio, das instituições públicas e particulares. O resultado foi de 81,3% de mulheres que são professoras e de 18,6% de homens (UNESCO, 2004, p. 161). Somente na pesquisa de 2006, que o índice foi de 53,57% para o sexo masculino. A maior concentração dessas professoras-leitoras está na região Sudeste e Sul do Brasil, conforme análise das correspondências dos professores-leitores. Aqui, novamente cabe expor o que a pesquisa da Unesco (2004) traz. O que chamou a atenção foi a presença de docentes femininas ser maior nos “municípios com menos de 100.000 habitantes”, enquanto o sexo masculino está

concentrado nos “municípios mais populosos, com mais de 100.000 habitantes” (UNESCO, 2004, p. 162). O que comprova também o fator econômico no processo de trabalho e aumento ou complementação da renda familiar. Outro fator analisado nas cartas dos leitores da Revista é a localização geográfica, onde nas regiões Sudeste e Sul estão à maioria (57,45%) dos professores-leitores. Da mesma maneira, na pesquisa da Unesco (2004), onde os índices de docentes nas duas regiões somam 61% (UNESCO, 2004, p. 162).

Com relação à graduação, a pesquisa da RD (2003) apontou que 51% dos respondentes eram pós-graduados e em 2006 o número de pesquisados com especialização ou mestrado foi superior, atingindo os 85,72%. Os profissionais que atuam no Ensino Religioso (ER), na década de 90 e posterior sentem o reflexo da política educacional, onde o professor é estimulado a buscar a continuidade de sua formação, ora visando a ascensão profissional e salarial, ou simplesmente o aprimoramento pessoal.

Esses professores buscaram no curso de pedagogia (32,14%, na pesquisa de 2006) a graduação. As três pesquisas trazem índices altos, no caso de serem profissionais-professores: 67%, em 2003 e com pequena margem de diferença, 67,85% na pesquisa de 2006. Entre as Cartas dos Leitores-receptores 37,30% são professores, desses extrai-se 57% (33 entrevistados), que atuam no ER. Na pesquisa do Departamento de Marketing e Publicidade da Revista Diálogo esse índice é muito superior: 69%, e em 2006 são de 60,71%, mesmo assim é um índice elevado, o qual sugere que os profissionais-professores-leitores da RD são e estão preocupados, no mínimo, em manter-se informado sobre os temas do fenômeno religioso, buscam dar continuidade à formação e também como esses temas têm sido disseminados na contextualização da sociedade da era da globalização.

Estão de fora desses índices os profissionais que trabalham na coordenação ou direção das instituições escolares. Confirma assim, que o universo de leitores da Revista Diálogo é composto por profissionais da área educacional e com vivência de atuação em sala de aula. Como informação, no resultado da pesquisa da Unesco (2004), 67,6% dos professores entrevistados possuem “curso superior” (UNESCO, 2004, p. 163). Também são religiosos(as), conforme os correspondentes com a direção da Revista (15,67%) e desses, o universo católico de assinantes é de 91%, conforme a pesquisa de 2003.

Ainda, segundo a pesquisa do Departamento de Marketing e Publicidade da Revista Diálogo, são profissionais-professores, principalmente da rede pública de ensino: 37%. Os professores que atuam há mais de 15 anos com o Ensino Religioso, em 2006, eram 25% e três anos antes, entre os assinantes da RD eram 28%. Observou-se que são profissionais que lêem outras revistas, periódicos religiosos (88% em 2003).

Outro fator interessante na pesquisa do Departamento de Marketing (2003), foi que 39% dos assinantes da RD responderam que ao ler um exemplar da revista foram motivados a assinar. Seguindo esse raciocínio e hipoteticamente, esses assinantes podem ter respondido a pesquisa de 2006. Essa idéia decorre que 78,57% dos respondentes escreveram que conhecem a Revista Diálogo, lembrando que 25% dos respondentes da pesquisa de 2006 atuam com o Ensino Religioso há mais de 15 anos, conforme exposto acima.

Com relação à Revista, propriamente dita, o formato, uso de desenhos e fotos e a maneira como os assuntos e temas são abordados – monotemática – os resultados das pesquisas apontaram que: em 2003 os assinantes (98%) expressaram ser favoráveis aos temas apresentados de forma monotemática. Três anos depois, esse índice foi de 71,42%. De maneira geral, a apresentação da Diálogo é aprovada por 55,22% dos leitores da Revista. Em 2003 esse índice foi de 95%. Esse mesmo percentual de leitores-correspondentes aprovou as seções da revista. No resultado de 2006, os artigos foram considerados a seção que mais gostaram por 67,85%. Os artigos são, na pesquisa de 2003, as “matérias de capa” que atingiu 94% nas opções ótimo e bom. Nos dez anos analisados da Revista Diálogo, o formato e a abordagem monotemática continuam aprovados pelos leitores-professores, demonstrando que a preocupação da direção na época do estudo, para a concepção da Revista foi uma característica primordial, conforme relatou a irmã Luzia Sena, em entrevista a autora.

Porém, o que se destaca nas três pesquisas é a utilização, por parte dos professores-leitores-receptores, da Revista para a continuidade da formação profissional. No Relatório de 2003, constaram “alguns comentários importantes” (RELATÓRIO, 2003, p. 7-11), onde se extraiu das colocações dos assinantes, o valor da Revista para a formação continuada dos professores do Ensino Religioso. Eles demonstraram que da Revista buscam o aprofundamento e a atualização sobre o fenômeno religioso. Não foi diferente com a pesquisa de 2006. Conforme se

constatou nas tabelas de números 14, 15, 18 e 19, a maioria dos respondentes destacaram que a Revista Diálogo é fonte para a formação permanente e premente. A Diálogo agregou valores como percepção de “nova visão”, “nova idéia” do Ensino Religioso; ampliação, orientação sobre o conhecimento do fenômeno religioso e crescimento profissional.

Também nas correspondências encaminhadas e publicadas pela direção da Revista, nesses dez anos. Os leitores-receptores deixaram explícito que o periódico é fonte de consulta e aprofundamento sobre os temas tratados e na formação dos professores. A Diálogo participou e auxiliou no processo dos docentes-leitores para a reflexão, debate e embasamento sobre o fenômeno religioso e o crescimento profissional e permanente.

Portanto, em três momentos diferentes analisados, no ponto de vista do professor-leitor, a Revista Diálogo contribuiu no período de 1995 a 2005 para a formação continuada do docente do Ensino Religioso, no território nacional. Arrisca-se a inferir, que a prática do professor-leitor da Diálogo foi alterada, transformada. Essa inferência está baseada na atualização que o profissional-leitor-professor obteve com os temas abordados na Revista e por ser o conhecimento um movimento dinâmico. Esse leitor-professor encontra-se no processo dinâmico pela busca da formação continuada e permanente. Ao se “atualizar” sobre o fenômeno religioso tratado na Revista, ele deu mais um passo a caminho dessa continuidade profissional do Ensino Religioso.

Esse raciocínio é comprovado também pela pesquisa da Unesco (2004), onde consta que para ser profissional-professor na atualidade: “Implica um maior domínio das informações que circulam em distintos campos, transbordando os aparentes limites das diferentes áreas do conhecimento e a compreensão das relações existentes entre elas” (UNESCO, 2004, p. 18). E, ainda, baseando-se em Perrenoud (1999), o relatório traz:

“(…) ao discutir a formação de professores em sociedades em processo de mudança, afirma que, ainda que não se configurem como intelectuais, no sentido estrito, são eles, no mínimo, os mediadores e intérpretes ativos das culturas, dos valores e do saber em transformação” (UNESCO, 2004, p. 18).

Por último as enquetes, onde os internautas do GPER também confirmaram que a Revista Diálogo contribuiu na formação continuada dos leitores-professores.

Somente na enquete do Fonaper que 46 respondentes assinalaram que são leitores da Revista e a utilizam em sala de aula. Essa opção ficou em segundo lugar, sendo que em primeiro lugar, com 65 internautas responderam que não conhecem a Revista Diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema que originou essa pesquisa e dissertação foi “Qual a contribuição da Revista Diálogo para a formação do professor-leitor do ensino religioso?”. A conclusão, depois de todas os estudos efetuados, é que a Diálogo, nas 41 edições analisadas – período de 1995 a 2005 – é um veículo de comunicação aos leitores-professores que subsidia com informação e na formação sobre o fenômeno religioso. Essa afirmação só foi possível, porque, no decorrer dos estudos e levantamentos teóricos, juntamente com as análises dos dados obtidos nas pesquisas, se observou que:

- A Revista Diálogo propõe e cumpre com o papel de veículo de comunicação com o público-alvo: o leitor-professor. Ela promove, favorece e enriquece o diálogo que cada artigo estabelece com o leitor, sobre o fenômeno religioso. E informa. O periódico apresenta as funções da linguagem, ressaltando ora uma determinada função, ora outra. Ora apelando para a atenção do professor-leitor-receptor, ora com mensagens com função emotiva, onde as características do emissor são destacadas.

- Observa-se ainda, que o processo de comunicação ocorre de maneira a valorizar o professor-leitor-receptor. Essa valorização é amplamente percebida na relação de estímulo, por parte da direção da Diálogo, e na resposta, que é a participação do receptor-leitor. O estímulo encontra-se, principalmente no Editorial e na introdução da seção Cartas dos Leitores, quando a editora ‘conversa’ com o leitor, instigando-o a escrever à redação, com opiniões e sugestões de temas a serem abordados. O *feedback* do professor-leitor vem nas correspondências endereçadas e publicadas na Revista e ora analisadas.

- Ao analisar os dados das pesquisas ficou nítido o pensamento dos professores-leitores com relação à contribuição que a Diálogo favorece a formação pessoal e profissional. Na pesquisa de 2003, apesar de ter outro objetivo, conseguiu-se extrair essa contribuição: 97% dos assinantes-respondentes declararam positivamente, isso somente na pergunta de número 19.

- É nas Cartas dos Leitores que se tem a abrangência dessa colaboração da Revista Diálogo para a formação profissional. Nas correspondências os professores-leitores expressaram suas emoções e o quanto o periódico tem

subsidiado-os na compreensão do fenômeno religioso e enriquecido a profissionalização de cada um. Esse enriquecimento na formação profissional foi registrado também pelos 37,31% que usam a Revista como subsídio para atuar em sala de aula. Portanto, ao lerem a Revista, além de se processar em cada leitor-professor o saber sobre o fenômeno e ensino religioso, a Revista contribui na alteração desse conhecimento, como fonte para a ação como professor.

- Na pesquisa de 2006, realizada exclusivamente para responder aos questionamentos da autora, registrou-se a contribuição que a Revista Diálogo efetua na formação do professor do Ensino Religioso: 75% responderam positivamente. Esse mesmo percentual foi registrado com referência a Revista auxiliar na prática docente. Os respondentes foram enfáticos em declarar que na formação do professor do Ensino Religioso a Revista Diálogo tem um papel primordial para sua “atualização” sobre o fenômeno religioso. Significa que aproximadamente 50% dos respondentes buscaram esse conhecimento necessário para a capacitação pessoal, no periódico.

- Em linhas gerais, a Revista proporciona subsídio à pesquisa, como fonte de formação básica do leitor-professor.

- Os pesquisados declararam que a publicação subsidia na formação pessoal de suas opiniões sobre o fenômeno religioso, levando-os a refletir. Também que é um veículo que leva informação e formação continuada ao professor, pois, está sempre atualizando o leitor.

- Teve mais, 100% dos pesquisados opinaram que o professor deve buscar e se preocupar com sua formação continuada. São profissionais-leitores inquietos e que procuram – cada um a sua maneira – dar continuidade a autoformação. Não foi o objetivo averiguar o apoio institucional que esses professores-leitores receberam da direção das escolas em que atuam, ou até mesmo o apoio governamental para a continuidade da capacitação profissional, mas, eles procuram o aprimoramento docente. É a busca pela atualização e capacitação constante, que os professores do Ensino Religioso encontram na Revista.

- Sim, a Diálogo contribuiu e prossegue subsidiando na formação continuada do professor do Ensino Religioso, conforme o ponto de vista dos próprios docentes entrevistados.

▪ Porém, não deixando de lado que, tudo isso, passa pelo diálogo cultural e religioso, que por sua vez, perpassa pela diversidade cultural e religiosa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso e agora mais recentemente, as Diretrizes do Ensino Religioso do Estado do Paraná, elaboradas por uma equipe multidisciplinar, coordenada pela Secretaria de Estado da Educação, têm encontrado no atual contexto social antigos e novos desafios. O Ensino Religioso, como disciplina, tem a função de despertar no educando aspectos Transcendentes da existência, para a busca do sentido radical da vida, descobrindo-se como ser social, consciente de serem parte de um todo. Esse processo de despertar e descobrir levará o educando naturalmente ao encontro com o Transcendente. A consequência desta descoberta afetará as ações, gestos, palavras, significados, valores que farão parte da sua vivência e convivência.

▪ O Ensino Religioso tornou-se um serviço para o crescimento total da pessoa, por meio de uma cultura atenta à dimensão religiosa do ser humano. Nessa perspectiva os valores sociais são reforçados no «ser» e não no «ter». O contrário é amplamente difundido na atual sociedade capitalista de consumo, onde as pessoas estão mais voltadas para o “aqui e agora”, passando por um processo de desumanização. Percebe-se ainda que é muito forte o apelo dos meios de comunicação, no sentido de fazer com que os consumidores em geral acreditem que a felicidade está atrelada ao consumismo descomedido. O «ter» corrompe os grupos sociais a consumir o que *puder* e o que *não puder* – pervertendo o processo econômico. As gerações construídas a partir dos valores sociais baseadas no «ser» têm suas ações enfocadas na solidariedade para com o próximo, para com o grupo social. Essa nova mudança comportamental é explicada a partir do contato com o Transcendente.

▪ Trabalhar a manifestação do Transcendente nas escolas e introduzir as diferentes medidas do conhecimento religioso é alguns dos desafios dos professores e educadores, juntamente com os diversos grupos sociais. Pois, eles exercem um papel decisivo neste processo: o como fazer está intimamente ligado a sua formação como educadores e no que acreditam. Neste atual mundo pluralista, os docentes precisam aproveitar as oportunidades de educação continuada, do desenvolvimento pessoal permanente.

▪ Entre esses desafios e alvos, que os professores encontram, está em deixar que o próprio aluno faça a sua opção religiosa. O docente-mediador do

Ensino Religioso aponta as inúmeras tradições religiosas existentes na sociedade em que se está inserido. É esse profissional, na função de mediador, que com uma didática da construção pedagógica religa o educando ao Transcendente. Acredita-se que há intrínseco na criança um desejo de se relacionar com o Transcendente. Faz parte de sua formação cultural e da personalidade individual dela estar ligada ao Imanente. É neste clima ainda, que o Ensino Religioso encontra espaço para levar o aluno a refletir sobre o sentido da sua vida e a assumir um compromisso responsável de transformação da realidade segundo os valores religiosos, por meio de escolhas livres e coerentes.

- Cabe ao educando, orientado pelo processo de aprendizagem, que por sua vez é gradual, escolher o caminho em que quer trilhar. Dessa maneira ele percebe a própria realidade, compreendendo e formando sua própria identidade religiosa e respeitando a opção religiosa do outro, ou dos demais grupos sociais.

- Enquanto a instituição escola manuseia o conhecimento a partir do fenômeno religioso, a instituição religiosa, ou comunidade religiosa, em que a criança está contextualizada desenvolve o aprofundamento da fé, o credo. Aqui, neste ambiente é enfatizada a doutrina em que se crê, procurando estimular na criança os valores associados a essa doutrina religiosa. Não esquecendo que a tradição religiosa é o conhecimento transmitido pelas instituições religiosas. Sendo assim, a escola desenvolve esses saberes, que são compostos por uma diversidade cultural religiosa. Tudo isso porque se está diante de inúmeras crianças com as mais variadas informações e formações religiosas. Reforçando sempre que o diálogo é fundamental nesse processo religioso-cultural diversificado. Buscando-o se valoriza o respeito por si próprio e pelo próximo. Reforçar os princípios comportamentais das próximas gerações é permitir que o aluno descubra a sua própria formação religiosa. Essa descoberta se processa, cada vez mais, de maneira crítica, consciente, gradual e responsável.

- Portanto, dentro dessa diversidade cultural, o mundo da educação, mais especificamente as escolas, pode oferecer aos educandos o conhecimento dos diversos caminhos que ligam as pessoas ao Transcendente. Assim, o Ensino Religioso nas escolas tem como função corresponder às exigências da educação do século XXI, na parte que lhe cabe – o conhecimento religioso – dentro dessa diversidade cultural e religiosa, que se vive nos dias atuais.

- Esses princípios são reforçados pela ação e atuação do professor-leitor. O docente que busca a autoformação, a continuidade do “saber-fazer” na prática pedagógica. O professor-leitor-receptor da *Diálogo – Revista de Ensino Religioso* é um profissional em constante busca pelo aprimoramento. Ele se utiliza da Revista para fundamentar sua teoria, para exercer uma prática consciente, sendo subsidiado em sua formação contínua.

- É um professor-leitor-receptor participativo no processo de elaboração da Revista *Diálogo*, como também no contexto social e profissional. Dessa maneira, a relação do professor-leitor com o periódico é, sob o olhar da teoria da recepção, fascinante: porque exerce as funções de linguagem existente em uma comunicação ou mensagem. O papel da Revista *Diálogo* é informar e comunicar a mensagem sobre o fenômeno religioso, porém, há momentos que a relação com o leitor-professor extrapola aproximando-se mais para um diálogo aberto e sincero entre pessoas do mesmo círculo de amizade, conforme se observou na Seção Cartas dos Leitores.

- Além das pesquisas apresentadas, a Revista *Diálogo* também foi analisada pelos critérios da estabilidade, singularidade e originalidade. Estabilidade porque provou nesses dez anos que sua existência é necessária. Não houve interrupção na impressão, mesmo passando por dificuldades financeiras, pois em seus anos iniciais a Revista não se autocusteava. Esta estabilidade foi possível por dois motivos: o potencial editorial da Paulinas, que é renomada e sólida Editora e pelos ideais com que foi criada a Revista *Diálogo*. Singularidade e originalidade baseadas também no porquê da existência da Revista. A ideologia, ao criarem o periódico, ao perseguirem esses objetivos, tornou a Revista singular e ao prosseguirem também. A originalidade se mantém. Dez anos depois de lançada, continua sendo o único veículo, a única revista, que busca subsidiar o professor do Ensino Religioso com informações para a sua atuação na prática pedagógica e formação continuada.

- Nos objetivos dos idealizadores, ao criarem a Revista de Ensino Religioso consegue-se perceber a raiz do discurso defendido nessa década de existência: a) Formar professores para a disciplina de Ensino Religioso, oferecendo-lhes subsídios para a sua formação, informação e intercâmbio de experiências. Capacitá-los para a ação pedagógica no âmbito escolar, pelo conhecimento do fenômeno religioso e suas conseqüências socioculturais, no contexto da educação

em geral. b) Ajudar o educador a compreender o pluralismo religioso presente na sociedade brasileira e a interagir com ele, em uma atitude de respeito e de valorização das diversas opções religiosas nela existentes; c) Propor e apresentar os elementos fundamentais de uma educação humanizadora, aberta ao Transcendente, aos valores da vida, à convivência humana respeitosa e solidária, estabelecendo bases comuns para o diálogo inter-religioso e para o exercício da cidadania e, por último: d) Ajudar o educador, pautado em princípios éticos, a desenvolver um compromisso com a transformação social e com a afirmação da construção da cidadania, como patrimônio coletivo de toda a sociedade civil (RELATÓRIO, 1995, p. 1-2). Por certo, que “formar professores” é algo que não compete ao periódico, mas, sim formação no sentido de capacitação, despertando o professor-leitor para a realidade globalizadora da sociedade atual. Dentro dessa realidade, o professor-leitor necessita de um norte, com relação à compreensão do fenômeno religioso. A Revista faz esse papel, despertando-o para a interação ética e de valorização do outro. É o leitor-professor orientando-se pelo enfoque da abertura ao Transcendente, sem ser proselitista, buscando alcançar uma educação humanizadora, voltada para o próximo e sua visão de mundo. Dessa maneira o leitor-receptor-professor pode se alicerçar e compromissar suas práticas com as transformações sociais, baseadas em princípios éticos e cidadãos.

Essa dissertação não é conclusiva. Ela aponta alguns itens, observados pela pesquisadora e que ficaram em aberto, permitindo novos estudos para o futuro. Entre esses itens está um estudo mais acurado sobre a Teoria da Comunicação do Receptor e o uso da mídia na educação. Mídia, no caso, o veículo impresso “revista”, amplamente utilizado pelos professores-leitores, em seu processo de autoformação profissional.

Outro item refere-se exclusivamente à Revista Diálogo: cabe um olhar mais crítico sobre os temas abordados, nesses dez anos de edição e a relação com o leitor-professor; quem foram os articulistas e colaboradores nesse período.

Ainda, e sob a visão da Teoria da Semiótica, pesquisar como foram abordados os temas do fenômeno religioso e como os símbolos comunicam com o leitor-professor.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luiz Alberto Souza; BORTOLETO, Edivaldo José. **Ensino religioso: Culturas e tradições religiosas**. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER). São Paulo: 2001. Caderno temático n.º 2.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.
- ANDRADE, Rosamaria Calaes de. **Ética, religiosidade e cidadania**. Belo Horizonte: Lê, 1997.
- ARESI, Albino. **Pode-se educar sem Deus**. São Paulo: Paulinas, 1980.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2000.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1999.
- BELTRÃO, Luiz. **Técnica de jornal**. Recife: Icinform, 1964.
- BÍBLIA DE REFERÊNCIA. V. T. Thompson. Livro de Provérbios, Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Contemporânea. São Paulo. Vida, 1995. Cap. 4, vers. 11-13.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. “Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Qualitativa segundo abordagem fenomenológica”. In: BORBA, Marcelo de C.; ARAÚJO, Jussara de L. **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BRASIL, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal. Coleção Saraiva de Legislação, 21ª edição, atualizada e ampliada, 1999.
- BRASIL. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Parâmetros curriculares nacionais – ensino religioso**. São Paulo: Ave Maria, 1998.
- BRASIL. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Referencial curricular para a proposta pedagógica da escola**. 2000.

BRASIL, Lei n. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.**

CARACTERÍSTICAS da Educação da Companhia de Jesus, São Paulo: Loyola, 1987.

CARDOSO, Cláudia Regina Tavares. **O espaço evangélico** – projeto experimental. Curitiba, 1997. 78fls. Monografia, Graduação em Comunicação Social, habilitação em jornalismo – Universidade Tuiuti do Paraná.

CARDOSO, Cláudia Regina Tavares. **Soldados da fé** – quantos somos no Brasil e qual o papel dos veículos de comunicação na expansão do reino de Deus. Curitiba, 2002. 67fls. Monografia, Graduação em Teologia – Seminário Teológico Batista Nacional do Paraná.

CARDOSO, Cláudia Regina Tavares; ARAÚJO, Danise Cristiane Rios; SANTOS, Silvana Fortaleza dos. **“A diversidade cultural presente no ensino religioso”**. In: JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; OLIVEIRA, Lílian Black de (Orgs.), Ensino Religioso: memória e perspectivas. Curitiba: Champagnat, 2005.

CORRÊA, Barbara Raquel do Prado Gimenez. **A formação continuada dos professores da ASSINTEC**. Curitiba, 2004. 95fls. TCC, Graduação em Pedagogia – Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

CORRÊA, Barbara Raquel do Prado Gimenez. **Concepções dos professores sobre o sagrado**: implicações para a formação docente. Curitiba, 2006. 109fls. Dissertação, Mestrado em Educação - Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**; trad. João Marques Bentes. São Paulo: Candeia, 1997.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2003.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1968.

CUÉLLAR, Javier Pérez. **Nossa diversidade criadora**. Petrópolis: Vozes, 1968.

DIÁLOGO, **Revista**. São Paulo: Paulinas, 1995-2005. Quadrimestral.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FONAPER. **Diretrizes para a capacitação docente**. Disponível em: <<http://www.fonaper.org.br>>. Acessado em: 28 de jun. 2004.

FONAPER. **Apresentação**. Disponível em: <<http://www.fonaper.org.br>>. Acessado em: 17 de mar. 2007.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUSARI, José Cerchi. **Tendências históricas do treinamento em educação**. www.crmariocovas.sp.gov.br Acessado em 2 de ago. 2004.

GAARDER, Jostein; NOTAKER, Henry; HELLERN, Victor. **O livro das religiões**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores**. Porto: Porto Editora, 1999.

GPER. **Identificação**. Disponível em: <<http://www.gper.com.br>>. Acessado em: 28 de ago. 2006.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 3.^a ed. São Paulo, SP: Vozes, 2001.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo Junqueira. **Ensino Religioso, uma disciplina escolar**. Revista de Educação. AEC, Brasília, v. 27, n. 108, p. 90-103, 1998.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **O processo de escolarização do ensino religioso no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **Formar o formador!?:** Capacitação do professor de ensino religioso. Revista Educação em Movimento. Curitiba, v. 1, n. 2, p. 85-98, mai. – ago. 2002.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; HOLANDA, Ângela Maria Ribeiro. **Aspectos legislativos do Ensino Religioso brasileiro: uma década de identidade**. Mimeo. Curitiba, 2007.

KLUCKHOHN, Clyde. **Antropologia – um espelho para o homem**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963.

KOTLER, Phillippe. **Marketing**. Ed. compacta. São Paulo: Atlas, 1980.

LONGHI, Miguel. **A fenomenologia do ethos**. Revista Educação em Movimento. AEC. Curitiba: Champagnat, v. 3, n. 8, p. 45-54.

MARÍN, José. **Globalización, diversidad cultural y practica educativa**. Revista Diálogo Educacional. PUCPR, Curitiba: Champagnat, 2003, v. 4, n. 8, p. 11-32.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **América latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. In: SOUZA, Mauro Wilton (Org.), Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense/ECA, 1995.

MASETTO, Marcos T. **Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas**. In: CASTANHO, Maria Eugênia; CASTANHO, Sérgio (Org.), Campinas: Papyrus, 2001.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing**. Edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTELART, Armand; e Mattelart, Michele. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MELO, José Marques de. **Comunicação e modernidade – o ensino e a pesquisa nas escolas de comunicação**. São Paulo: Loyola, 1991.

MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras**

Ciespal, Icinform, Ininco. Anais da Escola Latino-Americana de Comunicação, 3. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. (Coleção Práxis).

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 1995.

PINTO, Sueli M. **Formação continuada de docentes: um desafio para a gestão universitária**. Dissertação. PUCPR: Curitiba, 1998.

REDAÇÕES, Glossário das. São Paulo: Imprensa, 1989. 23 p.

RELATÓRIO do Departamento de Marketing e Publicidade da Revista Diálogo. São Paulo: Edições Paulinas, 2003. 12 p.

RODRIGUES, Gabriel Mário. **Novas tecnologias e o papel do professor**. Jornal Folha de São Paulo, São Paulo. Seção Tendências/Debates, p. 1-3. Dia 22 de março de 2000. Artigo.

SANTHIAGO, Ricardo. **Outras vozes pela cidadania – aspectos da interação leitor/publicação no espaço de cartas do leitor**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br>. Acesso em 16 nov. 2006.

SENA, Luzia M. de Oliveira. Dez anos de diálogo. **Revista de Educação AEC**, Brasília, n. 138, p. 94-96, jan./mar.2006.

SENA, Luzia M. de Oliveira. Dez anos de diálogo. **Revista Paulinas: a comunicação a serviço da vida**, São Paulo, ano 5, n. 17, p. 8-9, set./2005.

TANURI, Leonor Maria. **História da formação de professores**. Revista Brasileira de Educação, n.º 14 – mai./jun./jul./ago. 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

O GPER (Grupo de Pesquisa Educação e Religião – www.gper.com.br) em parceria com a REVISTA DIÁLOGO (Edições Paulinas) está realizando esta pesquisa para compreender o papel deste periódico na formação dos professores de Ensino Religioso no Brasil. A DIÁLOGO foi publicada pela primeira vez em 1995, completando, portanto, em 2005, dez anos.

Colabore com este momento da Revista Diálogo, sua participação é muito importante, respondendo às questões abaixo. Obrigado!

1) Sexo () Masculino () Feminino

2) Formação

Solicitamos que assinale com um X todas as alternativas referentes à sua formação e complete especificando o nome do curso que fez, esta informação é muito importante para traçarmos o perfil dos profissionais que atuam no Ensino Religioso.

- () Graduado em _____
 () Especialista em _____
 () Mestrado em _____
 () Doutorado em _____

3) Você é professor?

() Sim () Não.

Caso negativo, qual é a sua função/cargo? _____ (Vá para a questão 6).

4) Em quais disciplinas você atua?

- () Educação Religiosa
 () Português
 () Ciências
 () Biologia
 () Matemática
 () Outra (s) disciplina (s). Qual (is)? _____

5) Há quanto tempo atua como professor?

- () Menos de 1ano
 () 1 a 3 anos
 () 4 a 6 anos
 () 7 a 10 anos
 () 11 a 14 anos
 () Mais de 15 anos

6) Você conhece a Revista Diálogo?

() Sim () Não (Caso negativo, vá para a pergunta 15)

7) Como você tem acesso à Revista Diálogo?

- () Sou assinante
 () Minha escola possui assinatura
 () Compro na livraria
 () Pego emprestado (a)

8) Há quanto tempo você acompanha a Revista Diálogo ?

- () Menos de um ano
 () de um a três anos
 () de quatro a seis anos
 () de sete a nove anos
 () a dez anos

9) Alguma vez já escreveu para a Revista?

() Sim, com sugestão () Sim, com crítica () Nunca escrevi

10) A Revista Diálogo auxilia em sua prática docente?

() Sim () Não

Caso positivo, de que forma? _____

11) A Revista Diálogo contribui para a formação do professor?

() Sim () Não

Caso positivo, de que maneira? _____

12) Seus alunos têm acesso à Revista Diálogo?

() Sim () Não

Caso positivo, de que maneira? _____

13) A Revista Diálogo é monotemática (aborda o mesmo tema em várias perspectivas). Em seu ponto de vista isso é:

- () Excelente
 () Muito bom
 () Bom
 () Razoável

14) Qual a seção da Revista Diálogo que você mais gosta?

- () Artigos () Destaque () Aprendendo e Ensinando
 () Entrevista () Dicas () Você sabia ?
 () Em pauta () Conheça mais () Teatro/ Jogral
 () Sua página () Sua resenha

Por quê? _____

15) Em sua opinião, o professor tem que se preocupar em dar continuidade em sua formação docente? Por quê? _____

Agora queira, por gentileza,
 enviar para gper@gper.com.br até o dia 20 de abril de 2006.
 Muito obrigado pela participação!